

Mauro Lúcio Maciel Júnior

**ALÉM DOS 105 MINUTOS:
CURRÍCULO CULTURAL E (RE)PRODUÇÃO DE MODOS DE SER TORCEDOR**

**Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2019**

Mauro Lúcio Maciel Júnior

**ALÉM DOS 105 MINUTOS:
CURRÍCULO CULTURAL E (RE)PRODUÇÃO DE MODOS DE SER TORCEDOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama

Linha de Pesquisa: Formação, Atuação e Políticas do Lazer.

**Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2019**

M152a Maciel Júnior, Mauro Lúcio
2019 Além dos 105 minutos: currículo cultural e (re)produção de modos de ser torcedor. [manuscrito] / Mauro Lúcio Maciel Júnior - 2019.
117 f.: il.

Orientador: Hélder Ferreira Isayama

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 103-108

1. Lazer - Teses. 2. Futebol - Teses. 3. Cultura - Teses. I. Isayama. Hélder Ferreira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira, CRB6: nº 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer
Email: ppgiel@eeffto.ufmg.br Telefone: (31) 3409-2335

EEFFTO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA, FISIOTERAPIA
E TERAPIA OCUPACIONAL

UFMG

ATA DA 147ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO

MAURO LÚCIO MACIEL JÚNIOR

Às 14h00min do dia 17 de julho de 2019 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho "*ALÉM DOS 105 MINUTOS: currículo cultural e (re) produção de modos de ser torcedor*", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão Prof. Dr. Helder Ferreira Isayama, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Helder Ferreira Isayama (orientador)	X	
Prof. Dr. Mauro Myskiw (UFRGS)	X	
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (UFMG)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: aprovado

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.
Belo Horizonte, 17 de julho de 2019.

Prof. Dr. Helder Ferreira Isayama _____

Prof. Dr. Mauro Myskiw _____

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus pela oportunidade da vida e pela presença em cada passo dessa jornada.

Agradeço aos meus pais, Mauro e Regina, por me acolherem tão bem na presente existência, me apoiando em cada escolha e me dando o suporte necessário para que eu possa perseguir a realização dos meus sonhos. Aos meus irmãos, Lucas e Lara, pela torcida, pelas conversas e pela parceria durante a vida. Vocês têm uma contribuição essencial em tudo aquilo que permeia a realização desse trabalho.

Agradeço à Luiza, namorada e grande companheira, pela amizade, pelo incentivo e pela compreensão em cada etapa desse processo, principalmente em razão dos dias em que tive de estar mais distante para me dedicar às atividades de escrita. É gratificante poder olhar para o lado e saber que posso contar com você, seja qual for a situação.

Às minhas avós, Célia e Raimunda, pelo carinho na convivência e pela sabedoria nas palavras. Também aos demais familiares, que, cada a um a sua forma, puderam participar, contribuir e torcer para a concretização dessa etapa de minha vida.

Aos amigos desse caminho, sobretudo aos do Colégio Santo Antônio, que apesar da distância pelos diferentes rumos da vida, seguem próximos em pensamentos e conversas, sempre na torcida para que nos aconteça o melhor. Aos colegas de mestrado, pelo bom relacionamento construído ao longo desses anos, em especial ao Mateus, pelo contato mais próximo e pela amizade construída e fortalecida em torno de laços em comum com o centro-oeste mineiro.

Ao Thales, amigo de tantos jogos, pela presença em parte significativa desse trabalho, e ao Matheus, amigo de caravana, pela parceria na viagem para São Paulo. Essas conexões são provas do potencial que o futebol tem de consolidar e construir vínculos entre pessoas diferentes entre si, mas que compartilham a paixão por uma mesma equipe da modalidade.

Aos companheiros de Oricolé e Gefut, pelos momentos juntos em reuniões, trabalhos e confraternizações, que foram essenciais para a construção de relacionamentos de respeito e confiança, tão caros aos ambientes profissionais. Em especial, ao Hilton, pela iniciação na trajetória acadêmica, à Marina e à Flávia, pela generosidade na partilha de conhecimentos. À Flávia, agradeço, também, pela ajuda para que eu pudesse fazer o primeiro contato com um integrante do Movimento 105 Minutos.

À Universidade Federal de Minas Gerais, por ser minha segunda casa desde o ano de 2013, me acolhendo e me proporcionando experiências e aprendizados essenciais para minha formação pessoal e profissional. Dentre outras coisas, foi na UFMG que pude ver de perto a importância da educação como um agente transformador da sociedade, fazendo com que a luta por um ensino público e de qualidade para todos os brasileiros seja, não apenas um ideal, mas um compromisso que levarei comigo durante toda a vida.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro durante o período de realização da pesquisa. Que possamos lutar juntos pelo fortalecimento dos órgãos de fomento e dos diferentes mecanismos de apoio à atividade científica no Brasil.

Ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, na figura de todos os seus professores e funcionários, pelo trabalho realizado na produção de conhecimentos acerca de uma dimensão tão múltipla, complexa e fascinante da vida humana. Em especial, ao Danilo, secretário do Colegiado, pela postura humana com a qual exerce sua profissão, se colocando sempre disposto a auxiliar os alunos em cada necessidade.

Ao professor, amigo e orientador, Hélder Ferreira Isayama, por todos os ensinamentos ao longo desses quase cinco anos de convivência dentro da UFMG. É inspirador poder estar perto de alguém tão dedicado e competente naquilo que faz. No que se refere especificamente às experiências no mestrado, agradeço pela paciência e pela confiança depositadas em mim, mesmo sabendo o quanto isso deve ter lhe custado, haja visto os reiterados atrasos na entrega dos textos. Acredito que o aperto da reta final tenha me fornecido a pedagogia necessária para mudanças de atitudes.

Ao professor Silvio Ricardo da Silva, pela amizade, pela acolhida no Gefut e pelo apoio à minha formação acadêmica. De modo adicional, agradeço por sua participação nas bancas de qualificação e de defesa da dissertação, trazendo experiências e conhecimentos construídos durante anos dedicados aos estudos do futebol nas perspectivas das ciências humanas e sociais.

Ao professor Mauro Myskiw, pela leitura minuciosa do projeto que foi submetido à qualificação, traduzida em um parecer que trouxe comentários que ensejaram reflexões importantes para a continuidade do processo. Agradeço, também, pela disponibilidade em se fazer presente como avaliador na banca de defesa desse trabalho, partilhando olhares e saberes de um pesquisador com importantes contribuições no campo do lazer.

Expresso, também, meus agradecimentos ao Movimento 105 Minutos e a todos os seus integrantes, pela acolhida, pela convivência e pela disponibilidade em me auxiliar em

cada instante desse trabalho. Sem isso, a realização desse processo não seria possível. Adicionalmente, ficam o meu respeito e minha admiração à trajetória de dedicação e apoio irrestrito ao Atlético.

Por fim, agradeço ao Clube Atlético Mineiro, nas figuras dos 22 garotos que estiveram no Parque Municipal na data de sua fundação, no dia 25 de março de 1908, e de todas as pessoas que fizeram e ainda hoje fazem parte da história desse clube, que é parte essencial da vida de milhões de pessoas espalhadas pelo mundo. De forma especial, agradeço à Massa Atleticana, que com seu modo apaixonado de expressar o amor ao Galo, contribui para transformar o futebol em uma das mais belas manifestações da humanidade.

*“(...) A vida imita o vídeo
Garotos inventam um novo inglês
Vivendo num país sedento
Num momento de embriaguez*

*Somos quem podemos ser
Sonhos que podemos ter (...)”*

Humberto Gessinger

RESUMO

Representando um artefato da cultura de diversos países do mundo, o futebol tem, ao longo dos anos, se tornado um objeto de investigações presente em meio a produções situadas em variados campos de estudo. Ensejando reflexões que vão desde o desempenho esportivo até as implicações desse esporte na vida social, a referida modalidade tem sido pesquisada a partir de diferentes perspectivas. Tendo isso em vista, pensando na importância que o futebol exerce na existência de muitos de seus admiradores, o presente estudo tem como foco as organizações de torcedores conhecidas, no Brasil, como torcidas organizadas. Com base nos estudos curriculares, notadamente em sua perspectiva pós-crítica, busco compreender tais instituições como sendo espaços formativos capazes de veicular conteúdos que exercem influências na (re)produção de modos específicos de ser torcedor. Para tanto, trabalho diretamente com um grupamento chamado Movimento 105 Minutos, situado na cidade de Belo Horizonte e conhecido por representar o Clube Atlético Mineiro nas arquibancadas, tendo inspirações em um modo de torcer característicos das *barras* presentes em diferentes países da América Latina. Sobre o Movimento 105, me interesso particularmente por aspectos que envolvem as pedagogias colocadas em ação nas interações de seus participantes, as quais se colocam como elementos constituinte de um currículo cultural capaz de (re)produzir sujeitos torcedores. Buscando conhecer os elementos que permeiam a construção desse artefato, procuro obter respostas para os seguintes questionamentos: como são os torcedores que se deseja formar dentro do Movimento 105 Minutos? Quais são os conteúdos presentes nesses processos de formação? De que modo os saberes são transmitidos? Que significados eles carregam? Para responder a essas questões, me coloco em um trabalho que combina pesquisa bibliográfica, representada pelo estudo de obras de outros autores, e a pesquisa de campo, realizada por meio de observações participantes e de entrevistas semiestruturadas com os membros do Movimento 105. Fruto de quase oito meses de imersão junto ao grupo nos dias de jogos, o trabalho de campo traz elementos que são organizados em relatórios de observação e em arquivos com a transcrição das entrevistas. Para a apreciação desses dados, me aproximo de conceitos relativos à teoria do discurso de Michel Foucault. Adotando uma perspectiva pós-estruturalista, entendo que a linguagem tem um papel constituinte na dinâmica social e busco trabalhar as interações nesse grupo como práticas sociais ancoradas em discursos que exercem um papel sobre a produção das condutas dos indivíduos. Nesse sentido, ao me virar para o currículo produzido nesse grupo, vejo que há a intenção de formar torcedores caracterizados pelo amor, pelo apoio e pela fidelidade incondicional ao Atlético. Para tanto, conteúdos que valorizam esses atributos são constantemente reproduzidos pelos torcedores, tanto em falas, quanto em ações. É possível dizer, assim, que para se aproximarem dessas ideias, os membros do Movimento 105 Minutos adotam uma postura ritualizada de torcer, utilizando representações construídas sobre as *barras* para materializarem essa forma de se portar como torcedores. Nesse contexto, a festa nas arquibancadas torna-se a principal bandeira da torcida. Para tanto, colocam o apoio ao Galo como condição essencial para ser parte do grupo e utilizam de elementos materiais e simbólicos (bandeiras, barras, músicas, camisas, dentre outros) para formar uma identidade da torcida e transmitir seus ideais acerca de um modo de ser torcedor.

Palavras-chave: Futebol. Lazer. Estudos culturais. Pedagogias culturais.

ABSTRACT

Representing a cultural artefact of several countries around the world, soccer has become an object of investigations over the years and it is present in studies located in many fields of study. Motivating reflections ranging from sports performance to the implications of this sport in social life, this modality has been researched from different perspectives. With this in mind, considering the importance that soccer has in the existence of many of its admirers, the present study focuses on organizations of fans known in Brazil as *torcidas organizadas*. Based on the curricular studies, especially in its post-critical perspective, I try to understand these institutions as formative spaces capable of disseminating content that influences the (re)production of specific ways of being a soccer fan. For this I worked directly with a group called *Movimento 105 Minutos*, located in the city of Belo Horizonte and known for representing *Clube Atlético Mineiro* in the bleachers, having inspirations in a specific supporting way characteristic of the *barras* present in different countries of Latin America. About *Movimento 105*, I am particularly interested in aspects that involve the pedagogies put into action in the interactions of its participants, which are presented as constituent elements of a cultural curriculum capable of (re)producing fans. Seeking to know the elements that permeate construction of this artefact, I try to obtain answers to the following questions: How are the soccer fans that *Movimento 105* wants to form? What are the contents in these formation processes? In what way are the knowledge transmitted? What meanings do they carry? In order to answer these questions, I focus on a work that combines bibliographical research, represented by the study of others authors works, and the field research, carried out through participant observations and semi-structured interviews with the members of the *Movimento 105*. As results of almost eight months of immersion with the group on game days, the fieldwork brings elements that are organized into observation reports and archives with transcription of the interviews. For the discussion of these data, I approach concepts related to Michel Foucault's discourse theory. Taking a post-structuralist perspective, I understand that language plays a constituent role in social dynamics and I seek to work the interactions in this group as social practices anchored in discourses that are important in the production of the behaviors of individuals. In this sense, when I come across the curriculum produced in this group, I see that there is the intention to train fans characterized by love, support and unconditional fidelity to Atlético. To that end, content that values these attributes is constantly reproduced by the fans, both in speeches and in actions. It is possible to say, therefore, that in order to approach these ideas, members of the *Movimento 105 Minutos* adopt a ritualized stance of supporting, using representations built on the *barras* to materialize this way of behaving like fans. In this context, the party in the bleachers becomes the main flag of the crowd. To this end, they support Galo as an essential condition to be part of the group and use material and symbolic elements (flags, bars, music, shirts, among others) to form an identity of the fans and convey ideals about a mode of being a supporter.

Keywords: Soccer. Leisure. Cultural studies. Cultural pedagogies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 – Cronologia dos principais acontecimentos durante a pesquisa exploratória.....	27
QUADRO 2 – Relação de partidas em que foram feitas as coletas de dados da pesquisa.....	29
FIGURA 1 – Escudo do Movimento 105 Minutos.....	89
FIGURA 2 – Bandeira em homenagem ao Belmiro.....	92

LISTA DE ABREVIATURAS

COEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

GEFuT – Grupo de Estudos em Futebol e Torcidas

MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

Oricolé – Laboratório de Pesquisa em Formação e Atuação Profissional no Lazer

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

SUMÁRIO

1 O SENTIMENTO QUE NÃO PODE PARAR: A PAIXÃO PELO GALO CHEGA À ACADEMIA	13
1.1 A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
2 SOBRE ENSINAMENTOS QUE NÃO SE ESQUECEM: INTERFACES ENTRE ESTUDOS CULTURAIS, CURRÍCULO E A FORMAÇÃO TORCEDORES	34
2.1 OS CURRÍCULOS CULTURAIS E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES	39
2.2 COMPREENSÕES SOBRE UM CURRÍCULO QUE PRODUZ SUJEITOS TORCEDORES	45
3 ENTRANDO NA BARRA DO GALO: O MOVIMENTO 105 E SUAS REPRESENTAÇÕES SOBRE UM MODO ESPECÍFICO DE SER TORCEDOR	52
3.1 O 105 NA ATUALIDADE: ESTRUTURA, ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÕES ACERCA DE UM MODO DE SER TORCEDOR.....	56
3.2 AS VIVÊNCIAS NOS DIAS DE JOGOS: DESCRIÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS QUE PERMEIAM A EXPRESSÃO DE UM MODO DE SER TORCEDOR	66
4 ESSA MASSA QUE TE SEGUE: OLHARES SOBRE DISCURSOS QUE ATUAM NA (RE)PRODUÇÃO DE SUJEITOS TORCEDORES	75
4.1 ENTENDENDO O PROCESSO FORMATIVO: CONSTITUIÇÃO, CONSOLIDAÇÃO E SENTIDOS RELACIONADOS A UM MODO DE SER TORCEDOR	76
4.2 AS RELAÇÕES DOS MEMBROS COM OS ELEMENTOS DISTINTIVOS DO GRUPO: OS SÍMBOLOS E AS MÚSICAS DO MOVIMENTO 105	88
4.2.1 Escudo, barras, camisas, trapos, bandeirolas e bandeiras: os sentidos carregados pelos patrimônios do grupo	89
4.2.2 As músicas e os instrumentos musicais.....	93
5 UM APOIO QUE NÃO TEM FIM: REFLEXÕES SOBRE OS ELEMENTOS ENVOLVIDOS NA CONSTRUÇÃO DE MODOS DE SER TORCEDOR	99
REFERÊNCIAS	103

1 O SENTIMENTO QUE NÃO PODE PARAR: A PAIXÃO PELO GALO CHEGA À ACADEMIA

*Olê, olê, olê
Olê, olê, olê, olá
Olê, olê, olê
A cada dia te amo mais*

*Sou alvinegro
O sentimento
Não pode parar*

(Movimento 105 Minutos, “Sentimento Alvinegro”)

Conforme mostrado pela letra da música de abertura desse capítulo, manifestar a adesão por um clube de futebol é, muitas vezes, uma ação caracterizada pelas expressões de afeto de um torcedor para com a agremiação de sua preferência. Enunciações sobre o amor, a paixão, a lealdade e a fidelidade por determinada equipe são, assim, atos frequentes no universo desse esporte, que apresenta vinculações com diferentes dimensões da vida humana.

Representando um artefato da cultura de diversos países do mundo, o futebol tem, ao longo dos anos, se tornado um objeto de investigações presente em meio a produções situadas em variados campos de estudo. Seja por questões relativas ao desempenho esportivo, ou por suas implicações nas dinâmicas da vida social, essa modalidade vem despertando interesses de diferentes pesquisadores, que têm se dedicado à compreensão dos múltiplos fenômenos que a envolvem.

Dentro desse contexto, no que se refere especificamente ao trabalho ora apresentado, busco me aproximar das ciências humanas e sociais na tentativa de entender esse esporte enquanto um espaço formativo, capaz de atuar na construção de modos de ser e de estar no mundo. Para tanto, tomo a cultura como algo que extrapola os domínios da erudição, das tradições literárias, artísticas e dos padrões estéticos elitizados (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003), e vejo o futebol como um artigo diretamente conectado a esse termo, com potencial de interferir de forma significativa na vida das pessoas.

Partindo da noção de que os torcedores podem ser visualizados como sujeitos que são produzidos em diferentes jogos e situações (BANDEIRA e SEFFNER, 2013), volto meus esforços às torcidas organizadas, a fim de compreender os papéis desses grupamentos na construção de maneiras específicas de vivenciar o futebol. Marcadas pela manifestação de

práticas didaticamente empregadas, essas instituições se colocam como atores importantes do cenário futebolístico brasileiro.

Incluindo indivíduos com diferentes histórias de vida, as organizadas constituem um espaço formativo capaz de atuar na produção de sujeitos torcedores. Sendo assim, desempenham um papel em conjunto com outros espaços de formação e exercem funções nos vínculos e nas apropriações que esses sujeitos constroem com o futebol e com seu clube do coração.

Tendo isso em vista, ao iniciar o presente trabalho, considero importante trazer elementos acerca da minha própria trajetória, a fim de mostrar como o apreço pelo futebol e o desenvolvimento de uma relação de pertencimento clubístico interferiram em vivências e escolhas que fiz ao longo da vida. Conectados a aspectos das trajetórias pessoal e profissional que venho construindo, esses elementos guardam uma relação direta com as questões que deram origem ao estudo ora apresentado.

1.1 A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

De modo análogo ao que ocorre com milhões de pessoas espalhadas pelo Brasil, minha relação com o futebol se iniciou ainda cedo, com o desejo de ser um jogador profissional da modalidade. Nascido em uma família atleticana¹, vivi os primeiros anos da minha vida em Pompéu, uma cidade de cerca de 30 mil habitantes localizada no interior do estado de Minas Gerais. Lá, desenvolvi um forte sentimento por esse esporte e pelo Clube Atlético Mineiro, tendo trilhado, assim, os primeiros passos da caminhada que me trouxe à realização desse trabalho.

Da época de infância, trago vivas as memórias de uma Copa do Mundo no ano de 2002, quando, aos seis anos de idade, vi a Seleção Brasileira conquistar o pentacampeonato mundial de futebol. Ainda que não tenha ocorrido aí a minha primeira experiência com esse esporte, posso dizer que tal evento se firmou como um marco essencial para mobilizar a ocorrência de acontecimentos que contribuíram para ampliar meu encantamento pela modalidade.

Nesse sentido, me recordo que após o término da Copa eu me encontrava empolgado pelo sucesso brasileiro na competição. Ávido por vivenciar experiências que me aproximassem do universo que rondava aquela conquista, me coloquei, juntamente com meus

¹ Em Minas Gerais, pertencer a uma “família atleticana” se refere à predileção dos componentes desse grupo por uma determinada equipe de futebol: o Clube Atlético Mineiro.

pais, a procurar por locais onde eu pudesse iniciar a prática do mais popular dos esportes bretões². Em virtude desse desejo, ainda em 2002, comecei a treinar em uma escolinha de futsal de minha cidade e, em pouco tempo, ingressei também em um time de futebol de campo.

Dáí em diante, as conexões com esse esporte foram se ampliando gradualmente. Na busca por realizar o sonho de ser jogador profissional, vivenciei situações que me trouxeram uma importante carga de aprendizados, tanto dentro, quanto fora de campo. Sendo assim, mais do que aprimorar a execução de passes, dribles, lançamentos e chutes a gol, pude ter contato com comportamentos e valores comumente compartilhados em ambientes de prática do futebol.

Mesmo que eu não tivesse consciência disso, nos campos e quadras que frequentei durante a infância e início da adolescência, pude interagir com uma diversidade de conteúdos que carregavam percepções sobre determinadas formas de ser e de se colocar diante da vida. Ao recordar essas situações, vejo, então, que muitas das vivências conectadas a essa modalidade possuíam potencial de produzir e veicular saberes, os quais se encontravam imbricados com determinados modos de entender o mundo, as coisas, os outros e a si mesmo.

Nesse contexto, à medida que eu crescia, o futebol e o Atlético passavam a ocupar um espaço cada vez maior em meu viver. Dentro de casa, na escola, nas ruas e em outros ambientes de socialização, as brincadeiras e as conversas sobre o Galo se faziam presentes na quase totalidade das interações que eu desenvolvia. Como consequência, tais experiências acabaram por representar referenciais importantes na formulação das concepções que eu tinha acerca do meu próprio ser.

Mais do que o engajamento de um torcedor que acompanha com frequência o seu time, havia em mim uma sensação de ser parte do Clube Atlético Mineiro. Nesse sentido, defendia a equipe em meio a discussões, enaltecia seus feitos e me imaginava ser capaz de, através de ações ou pensamentos, interferir nos resultados de suas partidas. Manifestava, assim, aquilo que Damo (1998) descreve como uma condição de pertencimento clubístico, característica comumente notada nas relações passionais que torcedores estabelecem com seus clubes.

No ano de 2009, no entanto, transformações importantes se fizeram presentes nesse cenário. Tendo me mudado para a cidade de Belo Horizonte, com a finalidade de continuar

² Essa denominação faz referência à sistematização das regras do futebol e seu consequente reconhecimento como um “esporte moderno”, acontecimento ocorrido em terras inglesas (ou britânicas), no ano de 1863.

meus estudos na capital do estado de Minas Gerais, acabei me deparando com uma nova realidade de vida. Como consequência, tive de efetuar rearranjos nas relações que eu desenvolvia com o torcer e com as aspirações de me tornar um jogador profissional.

Logo de cara, a necessidade de me dedicar mais aos estudos implicou em uma redução da disponibilidade de tempo para a prática do futebol. Imerso em espaços onde valorizava-se de forma significativa a formação escolar, não era mais possível ter esse esporte como um elemento prioritário em minha vida. Fui, assim, reconfigurando os sentidos dados a essa modalidade, que passou a se manifestar em meu cotidiano predominantemente através de atividades escolhidas para os momentos de lazer.

Nesse contexto, a seriedade requerida pelo desejo de profissionalização foi dando lugar a uma fruição mais lúdica do futebol. Morando no mesmo município em que o Atlético mandava seus jogos, passei a frequentar o estádio de forma mais rotineira, a fim de acompanhar as partidas da equipe. Foi assim que, com o passar do tempo, pude me perceber cada vez mais atraído por aquele tipo de ambiente.

Ir ao campo, significava viver emoções que ampliavam minha sensação de pertencimento ao clube. Tal como dito por Teixeira (1998), acerca dos significados que perpassam a ação de acompanhar uma equipe no estádio, eu sentia que essa era uma maneira de confirmar minha adesão como torcedor do Galo, ao mesmo tempo em que me possibilitava um posicionamento como um personagem ativo na história do clube. Desse modo, não eram apenas as ações dos jogadores que motivavam minha presença naquele espaço.

Encantado pelas festas que vinham das arquibancadas, era comum que eu perdesse alguns instantes dos jogos direcionando minha atenção às movimentações e aos cânticos produzidos pelos torcedores. As músicas, os gestuais e as manifestações aparentemente homogêneas, vindas de um contingente tão diferente de pessoas, eram elementos que, ao mesmo tempo, me geravam curiosidade e admiração. Nesse contexto, pude, pela primeira vez, voltar meus olhares para um modo particular de torcer: aquele protagonizado pelos grupamentos conhecidos como torcidas organizadas de futebol.

Sempre presentes nos mesmos lugares das arquibancadas, esses grupos pareciam ter regras específicas de funcionamento. Portando uniformes próprios, faixas, bandeiras e instrumentos musicais, eram eles quem davam o ritmo de grande parte das manifestações coletivas nos estádios. Não é por acaso que Silva *et. al.* (2012) afirmam que as organizadas se constituem como importantes atores no cenário do futebol nacional.

Me sentindo atraído pelo universo que rodeava esses grupos, passei a me posicionar nos estádios sempre em proximidade aos locais onde diferentes torcidas organizadas do

Atlético costumavam se reunir. Naqueles espaços, os cânticos pareciam mais frequentes e as ações dos torcedores aparentavam possuir um maior grau de independência com relação ao desempenho apresentado pela equipe dentro de campo. Nesse sentido, essas torcidas, cada qual com sua particularidade, manifestavam modos de torcer mais próximos às experiências que eu procurava vivenciar naqueles momentos de lazer.

Entretanto, ainda que houvesse essa espécie de identificação, não passava pela minha cabeça a possibilidade de entrar para algum desses grupamentos. Perto de finalizar o Ensino Médio, a intensificação dos estudos e a necessidade de escolher um curso para o vestibular eram os elementos prioritários em minha agenda de atividades. Distante da ideia de seguir uma carreira profissional como jogador de futebol e cada vez mais envolvido com essa modalidade por intermédio das ações como torcedor, optei por me candidatar a uma vaga no curso de Educação Física.

Aprovado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), iniciei a graduação no ano de 2013, certo de que trilharia meus caminhos acadêmicos no âmbito do treinamento esportivo. Se a possibilidade de me tornar um atleta profissional havia ficado pelo caminho, a chance de trabalhar com o futebol poderia se materializar através de uma carreira como treinador. No transcorrer do curso, entretanto, essa convicção foi se desfazendo.

As disciplinas relacionadas ao treinamento não me despertavam grande interesse e, mesmo conseguindo boas notas, não sentia vontade de me aprofundar em seus conteúdos. Em outra direção, me atraíam as questões mais de cunho social relacionadas à Educação Física e aos esportes, muitas das quais eu havia tido contato a partir de matérias que se relacionavam ao campo do lazer.

Como forma de me aproximar dessa área, tive a oportunidade de ser bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq)³ durante três anos de minha graduação, todos eles dedicados a estudos dentro dessa temática. Nesse mesmo tempo, me tornei membro do Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional no Lazer (Oricolé), onde comecei a participar periodicamente de reuniões cujos temas giravam em torno do lazer e suas interfaces com a formação, a atuação profissional, a política, a educação física, a educação, a cultura e a sociedade.

³ O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) é um programa que visa apoiar a política de Iniciação Científica (IC) em Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, através da concessão de bolsas de IC a estudantes interessados na pesquisa científica. O fomento a esse programa é proveniente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que é um órgão ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) para incentivar a pesquisa científica e tecnológica no Brasil, incentivando a formação de pesquisadores brasileiros (CNPq, on-line, 2019).

Analisando a importância desse fato em minha trajetória, posso dizer que o convívio com pessoas no ambiente de um grupo de estudos, os aprendizados compartilhados, a presença em congressos e a realização de trabalhos coletivos exerceram e ainda hoje exercem papéis relevantes em minha vida, tanto no âmbito pessoal, quanto no profissional. Nesse sentido, cabe mencionar que a própria realização desse trabalho tem raízes que se ligam à minha participação no Oricolé.

Ao longo dos últimos anos, o grupo tem se aproximado do campo dos Estudos Culturais e, dadas as conexões dessa corrente teórica com pesquisas envolvendo diferentes práticas da cultura cotidiana, acabei me inspirando em trabalhos nessa perspectiva para a elaboração do projeto que resultou na presente investigação. De forma mais precisa, utilizei de conhecimentos que fui adquirindo a partir do contato com esses estudos, para pensar em possibilidades de se investigar as vivências de lazer relacionadas ao torcer no futebol.

Uma vez que “a escolha dos problemas de pesquisa” pode ser entendida como um ato “que tem a ver com os valores do investigador” (ALVES, 1980, p. 70), não é difícil imaginar que, nas reflexões que fiz sobre esse tema, tenham havido interferências de questões relativas ao Atlético. Tal como foi mostrado no decorrer desse texto, minha trajetória de vida é marcada por diferentes influências exercidas por esse clube, muitas das quais se inscrevem em assuntos relativos às minhas atividades e aspirações no âmbito profissional.

A paixão pelo Galo chega então à academia, assentada no desejo de promover uma integração entre conteúdos presentes em meu processo de formação universitária e a vinculação afetiva que, desde a infância, nutro pelo Clube Atlético Mineiro. Lazer e torcer encontram-se, assim, como os temas mobilizadores da realização desse trabalho. Entretanto, quais seriam, especificamente, os elos para o estabelecimento dessa ligação?

Tendo em vista minhas experiências mais recentes nas arquibancadas, optei por centrar esforços na busca de entendimentos relativos às torcidas organizadas. Caracterizadas por apresentarem modos particulares de manifestar o torcer, essas instituições formam grupos de sociabilidade compostos por indivíduos que se unem pela aproximação com ideias e valores em comum. Inseridos em processos de aprendizado sobre o que é e o que não é desejável na convivência e nas manifestações desses grupos, tais torcedores acabam por estabelecer uma certa identidade entre si.

Como consequência, utilizo uma compreensão de que as torcidas organizadas constituem espaços formativos capazes de produzir indivíduos que propagam modos específicos de ser torcedor. As manifestações de seus integrantes, por sua vez, “ao invés de criações espontâneas”, fazem parte de uma espécie de “aprendizado dos torcedores

organizados”, que acabam demonstrando um jeito ritualizado de se colocar no mundo (TEIXEIRA, 1998, p. 93).

Dessa forma, procuro analisar esses grupamentos a partir de uma abordagem fundamentada na vertente pós-crítica dos Estudos Culturais, na medida em que as investigações nessa perspectiva têm se voltado para as conexões que diferentes objetos, espaços e instituições da sociedade podem estabelecer com a cultura, a significação, a identidade, a subjetividade e o poder (SILVA, 2003). Tento, assim, inserir esse estudo em meio a outras produções que, tal como dito por Veiga-Neto (2014, p. 77-78), têm procurado examinar “representações, práticas e artefatos envolvidos com as Pedagogias Culturais”.

Para tanto, compreendo tais pedagogias como uma dimensão educativa da vida cotidiana, na medida em que, no mundo contemporâneo, é possível perceber um movimento em que “a aprendizagem migra para novos espaços socioculturais e políticos” (STEINBERG, 2015, p. 211). Nesse sentido, vejo a produção de diferentes modos de ser torcedor como resultado das ações de pedagogias culturais, as quais, nas palavras de Silva (2000, p. 89), representam elementos que podem se fazer presentes em “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores” (SILVA, 2000, p. 89). Objetivando melhor localizar o trabalho ora apresentado, exponho alguns estudos em que foram abordados diferentes processos de aprendizado fora do ambiente escolar.

Iniciando por produções com temáticas diversas ao futebol, menciono um artigo de Guimarães e Sampaio (2014), que trata da educação ambiental como um conteúdo dotado de diferentes formas de ser ensinado. Tendo isso em vista, seus autores promovem um aprofundamento sobre as pedagogias culturais e postulam a existência de um “dispositivo da sustentabilidade”, que estaria relacionado a artefatos ou práticas que atuam na construção de subjetividades voltadas a uma consciência ambiental. Passíveis de serem encontrados em diferentes espaços da sociedade, os componentes desse dispositivo revelam o exercício de uma prática de educação ambiental através de textos, imagens, projetos pedagógicos, programas televisivos, dentre outros elementos.

Em sentido análogo, o estudo de Schimidt e Petersen (2015), dedicado à compreensão de uma “pedagogia do consumo” em suas interfaces com a produção de modos de viver a infância, também parte de uma perspectiva que pensa em contornos assumidos pelas práticas pedagógicas. De forma mais específica, suas autoras centram atenções nos papéis educativos da mídia, tentando compreender a formação das crianças para o mundo do consumo, a partir de estímulos externos ao ambiente das salas de aula. Capaz de atuar na construção das formas

com que esses seres lidam com a prática de consumir, a mídia assume um papel destacado nesse trabalho, sendo pontuada como um artefato pedagógico presente nos processos de construção da infância.

Prates e Garbin (2017), por sua vez, trabalham com a constituição de “sujeitos-jovens assembleianos” na contemporaneidade, com o objetivo de compreender as formas com que um grupo de evangélicos vivencia essa etapa da vida. Para tanto, foi feita uma incursão etnográfica com indivíduos da referida faixa etária, frequentadores da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, no município de Novo Hamburgo/RS e, a partir de observações e relatos, as autoras puderam constatar a importância de instituições como a família e a igreja na construção dos modos como esses sujeitos vivenciam a juventude.

Por outro lado, ao voltar os olhares para produções inseridas no contexto do futebol, destaco a tese de Silva Júnior (2018), onde é abordada a existência de uma chamada “pedagogia do armário”, ao se falar das identidades e apropriações construídas por torcedores homossexuais que frequentam estádios de futebol. Considerada como um conjunto de práticas implicadas na ocultação de dissonâncias relativas à posição heterossexual hegemônica nesse esporte, tal pedagogia perpassa pelas formas como esses torcedores constroem seus modos de ser no âmbito da assistência aos jogos da modalidade. Focalizando os discursos de torcedores homossexuais, o autor verificou que havia, por parte desses seres, a reprodução de comportamentos heterossexistas e homofóbicos, baseados em um processo de mimetização das práticas de masculinidade e virilidade tipicamente manifestadas em estádios de futebol.

Em direção similar, o trabalho de Bandeira (2017) se refere a um dito “currículo da masculinidade”, procurando compreender esse artefato como um instrumento analítico por meio do qual é possível tratar dos fenômenos que ocorrem nos estádios de futebol. Entendendo que esses espaços inserem os sujeitos torcedores em diferentes pedagogias culturais, o autor trata de três eventos específicos, procurando visualizar suas interferências nas masculinidades construídas pelas narrativas que circulam e disputam espaços nos ambientes de prática desse esporte. Nesse contexto, enxerga os processos de elitização dos estádios como capazes de promover alterações nos padrões de ocupação desses locais, fazendo com que os sujeitos torcedores passem a dividi-los com outros seres, passíveis de serem vistos nas figuras dos consumidores, das mulheres, das crianças e dos homens mais velhos. Como consequência, o autor nota a desnaturalização de alguns modos de agir em relação às masculinidades, propondo a existência de um jogo a ser jogado sobre a construção de novas masculinidades torcedoras nos estádios.

A partir desses exemplos, é notável a diversidade de temáticas existentes no que se refere às possibilidades de realizar trabalhos que, de alguma forma, trazem relações com as pedagogias culturais. Mesmo que nem todas as produções utilizem esse termo, há um largo campo de estudos disposto a verificar os processos de aprendizado e subjetivação proporcionados por diferentes espaços e artefatos da cultura.

Nesse sentido, minha intenção com a presente pesquisa é compreender a formação de modos de ser torcedor, voltando esforços, especificamente, àqueles sujeitos que são produzidos em meio a vivências junto às torcidas organizadas. Para tanto, realizei uma incursão em um grupamento chamado “Movimento 105 Minutos⁴”, que pode ser caracterizado por apresentar formas de manifestação do torcer que se diferenciam, em alguns aspectos, de expressões tradicionalmente encontradas no cenário do futebol brasileiro.

Criado no ano de 2006, esse grupo se constitui, na atualidade, como uma das principais torcidas organizadas do Clube Atlético Mineiro. Com inspirações nas *barra bravas*⁵ hispano-americanas, os membros do Movimento 105 referenciam suas práticas em um universo simbólico composto por gestos, ritmos e materiais que são encontrados em torcidas de países vizinhos ao Brasil, com destaque à Argentina e ao Uruguai.

Também conhecidas como *barras*, *hinchadas* ou *bandas*, essas torcidas são capazes de despertar sentimentos distintos naqueles que com elas interagem. A paixão, o medo, a admiração e a curiosidade são, assim, apenas uma parte dos elementos que compõe o cenário que permeia a existência desses grupos. Capazes de exercer papéis importantes nos meios social e esportivo em que se encontram inseridas, as *barras* detêm uma visibilidade que extrapola as fronteiras de seus países, o que faz com que elas sejam notadas por pessoas de diferentes lugares do mundo.

Caracterizados como torcedores fanáticos, seus membros se notabilizam por um comparecimento frequente aos estádios para acompanharem os jogos de suas equipes. Com uma atuação vibrante e entusiasmada nas arquibancadas, acabam exercendo um papel central nas festas que emanam desses espaços. Para tanto, os *barras* ou *hinchas*⁶ levam artefatos como bandeiras, faixas e instrumentos musicais, utilizados para acompanhar os cânticos que eles próprios tomam a iniciativa de puxar (ALBARCES, ZUCAL e MOREIRA, 2008).

⁴ Ao longo do texto também utilizarei as denominações “Movimento 105” e “105” para me referir a essa torcida.

⁵ *Barra brava* é uma denominação comumente usada para representar uma organização torcedora que possui presença marcante em diversos países da América Hispânica. Uma das principais características dessas torcidas é o apoio à equipe através de cânticos durante todos os momentos dos jogos. Esse apoio tem uma forma característica, passível de ser identificada a partir de gestuais dos torcedores, instrumentos musicais utilizados e pelo ritmo das canções. No entanto, ao longo do tempo, tais agrupamentos tornaram-se reconhecidos também pelo envolvimento em ações violentas e pelas influências na política dos clubes.

⁶ Denominações utilizadas para fazer referência aos membros das *barras* ou *hinchadas*.

Movidos pelo anseio de formar uma torcida que pudesse ser identificada pelo apoio constante e irrestrito ao Atlético, os fundadores do Movimento 105 Minutos encontraram, nos grupamentos citados, importantes referências para colocar em prática aquilo que haviam idealizado. Inseridos em um cenário global, marcado pelos constantes fluxos culturais entre as nações (HALL, 2011), esses indivíduos se apropriaram de códigos presentes em outras realidades sociais, a fim de construir aquela que viria a ser conhecida como a *barra* do Clube Atlético Mineiro.

Como consequência dessas inspirações, ainda nos dias de hoje esse grupo apresenta um modo de torcer que se materializa a partir de uma combinação entre artefatos e comportamentos próximos aos presentes nas *barras* hispano-americanas, juntamente com características similares às aquelas manifestadas pelas torcidas organizadas brasileiras. Em meio às interações com essa rede de significados, seus integrantes acabam se inserindo em processos informais de aprendizado, os quais ocorrem no decorrer das experiências que eles desenvolvem tanto dentro, quanto fora do ambiente dos jogos.

Tendo isso em vista, ao realizar esse trabalho, me interessei particularmente por aspectos que envolvem as pedagogias colocadas em ação nessa torcida, procurando obter respostas para os seguintes questionamentos: como são os torcedores que se deseja formar dentro do Movimento 105 Minutos? Quais são os conteúdos presentes nesses processos de formação? De que modo os saberes são transmitidos? Que significados eles carregam?

A fim de encontrar respostas a essas perguntas, construo um caminho similar ao traçado por Bandeira (2017), tentando visualizar e compreender um currículo cultural presente nesse processo de formação. Composto por elementos discursivos e não discursivos, esse artefato será tomado como um instrumento útil à construção de entendimentos acerca da produção de um modo de torcer característico do Movimento 105 Minutos.

Sobre a adjetivação “cultural”, utilizada para caracterizar o currículo, cabe dizer que ela vem na esteira daquilo que Paraíso (2001) diz sobre a necessidade de marcar uma diferença, ou seja, de registrar que o que está sendo colocado em questão não é um currículo escolar. Visualizado em vivências e espaços fora dos ambientes educativos formais, esse o currículo não se materializa por meio de regras e disciplinas prescritas, mas sim através de enunciados, ações e comportamentos produzidos nas relações daqueles que com ele interagem.

Sendo assim, buscando alcançar o objetivo de compreender a manifestação de um currículo cultural em meio às vivências dos integrantes do Movimento 105 Minutos, procuro: conhecer os sujeitos que se deseja produzir nessa torcida, visualizar os conteúdos difundidos

no processo formativo, entender as formas como os saberes são transmitidos e identificar os significados que eles carregam para os torcedores.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de alcançar os objetivos propostos, percorri, ao longo desse estudo, um caminho constituído pela combinação entre pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Guiado por interesses de tratar de forma qualitativa o objeto da investigação, destinei esforços para estabelecer uma proximidade com elementos que se relacionavam ao tema da pesquisa, aprofundar em conhecimentos sobre eles e promover interações entre os aprendizados obtidos na teoria e na prática investigativa.

Sendo assim, um dos principais elementos para a efetivação desse estudo foi a pesquisa bibliográfica. Marcada por ações no sentido de “analisar os resultados de experiências de pesquisa e as teorias que foram desenvolvidas por diferentes autores que possuem proximidade com o tema escolhido” (GOMES e AMARAL, 2005), ela esteve presente ao longo de todas as etapas do processo, se materializando no estabelecimento de uma rotina de estudos voltados à construção e ampliação de entendimentos sobre o objeto analisado.

Dentro desse contexto, cabe um destaque às contribuições de obras como as desenvolvidas por Toledo (1996), Teixeira (1998) e Reis (1998), que me auxiliaram na formulação de entendimentos mais sistematizados acerca das torcidas organizadas de futebol; às produções de Alabarces, Conde e Dodaro (2006) e Alabarces, Zucal e Moreira (2008), que me deram diretrizes para entender o que a academia diz sobre o modo de torcer das *barras* ou *hinchadas*, sobretudo daquelas localizadas na Argentina; aos escritos de Giroux e Simon (2002), Cevalco (2012), Baptista (2012), Steinberg (2015) e Andrade e Costa (2017), que me forneceram bases para aprofundar nos conhecimentos sobre os Estudos e as Pedagogias Culturais; aos trabalhos de Silva (2003), Corazza (2004) e Macedo (2007) que me auxiliaram a dar os primeiros passos na formação de compreensões sobre os estudos curriculares; às referências de Magnani (2003) e May (2004) que me serviram de inspiração na busca por entendimentos metodológicos acerca do trabalho de campo que eu pretendia realizar; aos estudos de Hall (2011; 2014) e Woodward (2014) que foram importantes na construção de concepções acerca da cultura e das identidades; e, por fim, ao trabalho de Veiga-Neto (2003) que foi a porta de entrada para os primeiros contatos que tive com as produções de Michel Foucault.

Juntas, essas produções tiveram uma relevância considerável para que eu pudesse percorrer os caminhos desse trabalho. Tal como catalizadores, aceleraram reações que me permitiram ir atrás de conhecimentos necessários para a realização do empreendimento almejado. Para além disso, cabe dizer que, ao longo do processo, diversas outras fontes foram consultadas, muitas das quais surgiram a partir de vivências nos grupos de estudo Oricolé e GEFuT⁷.

Entretanto, ainda que o aprofundamento nas produções de outros autores tenha se colocado como um passo fundamental da pesquisa, foi preciso cuidado para estabelecer conexões entre seus conteúdos e as demais etapas desse processo. Nas reflexões feitas sobre cada leitura, era comum, então, que eu me impusesse questionamentos visando desenvolver essas relações. Como consequência, entendimentos foram sendo construídos e reconstruídos ao longo do trabalho, na medida em que ocorriam modificações em meus pensamentos acerca daquilo que envolvia a constituição de diferentes modos de ser torcedor.

Desse modo, a entrada no campo de estudos me ajudou a perceber que, em pesquisas que envolvem a leitura e a interpretação de significados presentes em diferentes práticas cotidianas, não há uma receita exata sobre os procedimentos a serem adotados em sua construção. A integração com o grupo e a familiarização com o espaço investigado, além de representarem dois dos elementos importantes para a coleta de dados, estão intrinsecamente ligadas a características específicas do objeto a ser analisado. Logo, é necessário desenvolver uma sensibilidade para compreender o contexto e traçar estratégias eficazes para a reunião de informações relevantes à investigação.

Ao falar mais diretamente dos procedimentos realizados nessa etapa do trabalho, é possível dizer que as experiências vivenciadas com os torcedores tiveram um papel fundamental no refinamento das estratégias utilizadas para a coleta de dados. Mesmo tendo definido a estrutura e as ferramentas gerais do estudo antes da entrada no campo de pesquisa, a imersão na prática foi fundamental para repensar os caminhos que foram seguidos ao longo dos processos de observação participante e de entrevistas semiestruturadas.

Inspirado no que May (2004) diz sobre esse tipo de observação, iniciei a imersão junto à torcida buscando estabelecer conexões com as pessoas inseridas no grupo estudado, ao mesmo tempo em que procurava me manter atento às relações constituídas no ambiente onde a pesquisa era feita. Fui colocando em prática, então, aquilo que denominei como “fase

⁷ No segundo semestre de 2017, em virtude das proximidades com meu tema de pesquisa, passei a fazer parte do GEFuT, que é o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas, inserido na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais.

exploratória da pesquisa”, cujo principal objetivo era o desenvolvimento de aproximações com integrantes do Movimento 105 Minutos, no intuito de obter, além da aceitação dos membros, um maior conhecimento sobre a realidade a ser estudada.

O pontapé inicial desse período exploratório ocorreu no dia 09 de abril de 2018, data em que consegui o contato de um membro da torcida e tive com ele uma conversa através do aplicativo de mensagens *WhatsApp*⁸. Após ter me apresentado e falado das intenções que eu tinha com a pesquisa, obtive um bom retorno desse torcedor, que se mostrou animado em participar do trabalho e se colocou à disposição para me ajudar no que fosse necessário. Como consequência, nessa mesma data fui convidado para realizar o primeiro encontro presencial com o grupo, que ocorreu cinco dias após a abertura desse canal de comunicação.

Sem saber como seria esse contato, direcionei-me à sede administrativa do Clube Atlético Mineiro no dia e na hora marcada. Naquela ocasião, os integrantes do Movimento 105 se encontravam reunidos para a caravana⁹ que fariam em direção à cidade do Rio de Janeiro, a fim de acompanharem uma partida entre Atlético e Vasco da Gama, válida pela segunda rodada da Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol. É importante dizer que, no universo das torcidas organizadas, essas viagens representam momentos bastante esperados pelos torcedores, uma vez que possibilitam a vivência de histórias que são frequentemente revividas e contadas no interior do grupo.

Nesse sentido, havia um clima de descontração entre os indivíduos presentes naquele local, o que me causou certo desconforto em utilizar desse primeiro encontro para falar incisivamente sobre a pesquisa. Em decorrência disso, optei por dar prioridade às conversas com o torcedor com quem eu havia estabelecido o contato dias antes, de modo a facilitar a introdução do referido assunto. No fim, apesar de ter tido contato com apenas quatro integrantes do grupo, saí com boas perspectivas para a sequência ao trabalho.

Tendo permanecido por cerca de uma hora no local, pude falar com duas lideranças da torcida, que, apesar de ocupadas com questões relativas à organização da viagem, deixaram as portas abertas para que eu me juntasse ao grupo durante as partidas na Arena Independência¹⁰.

⁸ *WhatsApp Messenger* ou apenas *WhatsApp* é um aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para celulares.

⁹ Denominação tradicionalmente utilizada por torcedores organizados para se referir às viagens que eles realizam em grupo, a fim de acompanhar as partidas de sua equipe fora do município onde ele tradicionalmente manda seus jogos.

¹⁰ Localizado no bairro Horto, em uma área residencial da cidade de Belo Horizonte, o Estádio Raimundo Sampaio, popularmente conhecido como Independência ou Arena Independência, é um dos mais importantes estádios de futebol de Minas Gerais, construído entre os anos de 1948 e 1950, com a finalidade de ser o principal palco de práticas futebolísticas da cidade de Belo Horizonte (SOUZA NETO, 2017). É nesse local que, desde o ano de 2012, o Atlético realiza a maioria de seus jogos como mandante.

Pude dar, assim, um passo importante em direção à realização dos objetivos da pesquisa, visto que, mesmo sem possuir uma trajetória de proximidade com o universo das organizadas, tinha consciência de que minha trajetória como torcedor poderia me auxiliar no estabelecimento de relações naquele meio.

Desse modo, no decorrer de outros sete encontros, todos em dia de jogos do Atlético¹¹, dei sequência às ações da fase exploratória da pesquisa. Por ser atleticano e ter costume de ir ao estádio, eu compartilhava de pensamentos, comportamentos e ideais valorizados pelos sujeitos em questão, fatos que exerceram papéis primordiais para dar sustentação à minha presença junto ao Movimento 105.

Sempre que possível, procurava, então, por maneiras de expressar semelhanças com o grupo, a fim de não ser notado como um estranho que estava se inserindo naquele espaço única e exclusivamente na intenção de realizar uma pesquisa. Nesse sentido, ainda que a prática investigativa tenha sido o elemento motivador da aproximação, ao estabelecer os primeiros contatos com o grupo, comecei a me identificar com suas práticas e a desenvolver vínculos que rompiam com uma ideia mecânica do processo de coletar dados.

A forma entusiasmada de torcer, a reprodução dos gestos específicos de apoio à equipe e a receptividade no relacionamento com os torcedores foram, assim, alguns dos elementos que fizeram com que eu me sentisse bem ao compartilhar a arquibancada com aquelas pessoas. Com o tempo, fui percebendo que a experiência do torcer em grupo trazia elementos diferentes em relação àquilo que eu já havia vivenciado nos estádios. Entretanto, captar as nuances envolvidas nessas diferenças não constituía uma tarefa simples.

Tal como dito por Magnani (2003), passei a compreender que, a inserção em um ambiente com o qual se tem alguma familiaridade, pode apresentar riscos à prática investigativa, devido à uma maior propensão em utilizar ideias preconcebidas acerca daquilo que está sendo estudado. Tive, assim, de reaprender a estar no estádio, fato que se deu, primordialmente, pela reconfiguração dos meus olhares, através da adoção de uma postura indagadora frente àquele contexto outrora familiar.

Na intenção de compreender os processos formativos vivenciados pelos membros do Movimento 105, me coloquei a observar o maior número possível de componentes envolvidos nas dinâmicas presentes na Arena Independência. As manifestações coletivas, as expressões individuais, as interações entre os torcedores, os movimentos de ocupação do estádio formaram, então, alguns pontos sobre os quais coloquei minha atenção ao longo do processo

¹¹ Cabe ressaltar que em uma ocasião esse contato se deu através de uma caravana que fiz com o Movimento 105 Minutos para acompanhar a partida entre Palmeiras e Atlético, na cidade de São Paulo, no dia 22/07/2018.

de observação. Juntos, eles me ajudaram a compreender a existência de uma rede de relações que se manifestavam em meio às vivências de lazer observadas.

Assim, conforme o tempo se passava, conseguia conhecer melhor o ambiente estudado e ampliar meu relacionamento com membros do grupo. Como consequência dessas ações, no dia 28 de junho de 2018, obtive uma anuência assinada pelo líder do Movimento 105, autorizando a realização do trabalho com o grupo. Tal documento era a chave necessária para o início efetivo da coleta de dados, que veio a se materializar após a aprovação do trabalho pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP/UFMG), parecer número 2.809.888.

Dito isso, a fim de proporcionar uma melhor visualização dos momentos iniciais do trabalho de campo, apresento abaixo um quadro com a cronologia contendo os principais marcos dessa fase da pesquisa:

Quadro 1 – Cronologia dos principais acontecimentos durante a pesquisa exploratória

Fato ocorrido	Data	Local
Contato inicial com um membro da torcida	09/04/2018	WhatsApp
Primeiro encontro presencial com a torcida	14/04/2018	Sede do Atlético
Presença no jogo Atlético 2 x 1 Vitória	22/04/2018	Arena Independência
Presença no jogo Atlético 0 x 0 San Lorenzo	08/05/2018	Arena Independência
Presença no jogo Atlético 1 x 0 Cruzeiro	19/05/2018	Arena Independência
Presença no jogo Atlético 5 x 2 Fluminense	10/06/2018	Arena Independência
Presença no jogo Atlético 2 x 1 Ceará	13/06/2018	Arena Independência
Recebimento do termo de anuência do Movimento 105 para a realização da pesquisa	28/06/2018	E-mail
Submissão do projeto ao Comitê de Ética	29/06/2018	Plataforma Brasil
Viagem para o jogo Palmeiras 3 x 2 Atlético	22/07/2018	São Paulo – SP
Presença no jogo Atlético 0 x 1 Internacional	06/08/2018	Arena Independência

Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética	09/08/2018	Plataforma Brasil
---	------------	-------------------

Fonte: elaboração do autor.

Passados esses fatos, iniciei, no dia 12 de agosto de 2018, a fase de coleta dos dados. No desenrolar dessa etapa, estive presente em 8 dos 10 jogos que o Atlético ainda faria como mandante na Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol. Realizando observações dentro e fora da Arena Independência, busquei encontrar elementos que me auxiliassem a construir um currículo cultural referente às práticas dos integrantes do Movimento 105 Minutos. Entretanto, para isso não bastava ver, ouvir, experimentar e escrever (MAY, 2004). A fim de compreender aquelas vivências eu precisava ter uma postura ativa na torcida, participando efetivamente de suas atividades.

Tendo isso em vista, procurava chegar aos jogos com cerca de duas horas de antecedência, a fim de me juntar aos membros do Movimento 105 em uma casa tradicionalmente utilizada como ponto de encontro do grupo. Assim, para além de compartilhar os momentos de socialização que se faziam presentes antes de cada partida, pude conhecer melhor os torcedores e auxiliar nas atividades necessárias, como, por exemplo, no transporte dos materiais da torcida até o interior do estádio.

Nas arquibancadas, eu mantinha a postura adotada na fase exploratória. Posicionando-me juntamente aos demais integrantes do 105, procurava me manifestar de maneira análoga a eles, cantando as músicas e replicando os gestos tradicionalmente utilizados durante os jogos.

Vale mencionar que, apesar do Movimento 105 possuir algumas canções e gestuais não tão comuns ao restante da torcida atleticana, minhas experiências pregressas como torcedor acabaram me auxiliando a assimilar as diferenças sem tantas dificuldades. Esse foi um componente importante para viabilizar o trabalho investigativo, posto que, uma vez adaptado ao novo modo de torcer, pude dedicar um maior nível de atenção à observação dos comportamentos dos torcedores.

Outro aspecto importante diz respeito aos modos de registrar aquilo que era vivido nas arquibancadas. A fim de não causar constrangimentos que pudessem prejudicar o trabalho de campo, evitei utilizar qualquer equipamento estranho ao ambiente de um jogo de futebol. Nesse sentido, todos os registros foram feitos em momentos posteriores à prática das observações, através de descrições detalhadas das experiências vividas em cada jogo. Para tanto, eu realizava os relatos dentro de um prazo máximo de dois dias após o evento, a fim de que as situações ainda estivessem vivas em minha mente.

Na elaboração dessas descrições, tomava como referência um conjunto de diretrizes previamente definidas em um roteiro de observação¹². Por meio desse instrumento, eu tinha uma noção geral acerca dos elementos sobre os quais deveria focar minha atenção. Isso não significava, entretanto, que as observações fossem feitas de forma rígida ou direcionada.

Os pontos mencionados serviam de guia para a sistematização das transcrições. Entretanto os elementos mais importantes de cada relato eram as percepções obtidas sobre os jogos. Sendo assim, ao longo do trabalho de campo, minha preocupação estava em extrair dados que se aproximassem ao máximo daquilo que eu via se materializar nas vivências dos torcedores.

Por fim, com o intuito de agrupar as informações obtidas, essas descrições foram salvas em arquivos de *Word*¹³. Uma vez reunidos, estes dados me proporcionaram o acesso a um corpo de elementos sobre as quais debrucei meus olhares em busca de entender os processos formativos envolvidos nas vivências dos torcedores.

A rotina descrita se estendeu, então, por cerca de três meses, encerrando-se no dia 17 de novembro, quando as equipes do Atlético e do Bahia se enfrentaram em uma partida válida pela 35ª rodada da Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol. No quadro a seguir há a descrição de todos os jogos em que ocorreram observações durante a fase de coleta de dados:

Quadro 2 – Relação de partidas em que foram feitas as coletas de dados da pesquisa

Fato ocorrido	Data	Local
Presença no jogo Atlético 3x 1 Santos	12/08/2018	Arena Independência
Presença no jogo Atlético 0 x 0 Vasco	23/08/2018	Arena Independência
Presença no jogo Atlético 1 x 0 São Paulo	05/09/2018	Arena Independência
Presença no jogo Atlético 3 x 1 Atlético-PR	10/09/2018	Arena Independência

¹² O roteiro de observação utilizado para a coleta de dados se encontra no Apêndice I desse trabalho.

¹³ É um processador de textos criado pela empresa *Microsoft*.

Presença no jogo Atlético 0 x 0 América	14/10/2018	Arena Independência
Presença no jogo Atlético 0 x 1 Grêmio	03/11/2018	Arena Independência
Presença no jogo Atlético 1 x 1 Palmeiras	10/11/2018	Arena Independência
Presença no jogo Atlético 1 x 0 Bahia	17/11/2018	Arena Independência

Fonte: elaboração do autor.

Paralelamente a esses fatos, foram sendo realizadas as entrevistas semiestruturadas, de modo a complementar os entendimentos formulados a partir das observações. Para tanto, seguindo diretrizes comuns a esse instrumento de pesquisa, elaborei um roteiro de entrevista¹⁴ e, a partir dele, realizei questionamentos aos entrevistados, dando espaço para que eles falassem livremente sobre o assunto perguntado, ao mesmo tempo em que eu poderia ou não inserir novas indagações, caso estas se fizessem necessárias às compreensões almejadas no trabalho (GOMES; AMARAL, 2005).

Nesse contexto, foi aberto um espaço para que integrantes do Movimento 105 pudessem fazer seus relatos e expressar suas percepções acerca de temas caros à pesquisa. De forma mais precisa, cabe dizer que foram obtidas informações sobre as trajetórias dos indivíduos como torcedores do Atlético, suas vivências no interior da torcida, as motivações que eles tiveram para ingressar no grupo, os significados encontrados em suas experiências como torcedores organizados, dentre outras questões.

A escolha dos entrevistados, foi feita, em um primeiro momento, baseada em critérios relacionados ao nível de contato estabelecido com os membros da torcida, com a observação da frequência dos torcedores nos jogos e por meio de percepções sobre a representatividade e a atuação de cada membro no interior do grupo. De forma complementar, houve, também, a seleção de indivíduos em decorrência da sugestão de torcedores já entrevistados. A partir desses procedimentos, dez sujeitos participaram dessa etapa do estudo, sendo oito do sexo masculino e dois do sexo feminino, a fim de manter uma proporção próxima àquela encontrada para homens e mulheres no interior da torcida¹⁵.

¹⁴ O roteiro de entrevista utilizado para coleta de dados se encontra no Apêndice II desse trabalho.

¹⁵ Conforme será mostrado no decorrer do trabalho, o Movimento 105 Minutos possui, hoje, um grupo composto por cerca de 120 torcedores, dos quais aproximadamente 80% são do sexo masculino e 20% do sexo feminino.

A pretexto de viabilizar a realização dessa etapa do estudo, foram feitos agendamentos individuais para a efetivação de cada entrevista. Os locais para a realização de cada encontro foram escolhidos em uma combinação com os entrevistados, balizada por critérios de segurança, facilidade de acesso e condições acústicas favoráveis à gravação das conversas¹⁶.

Por fim, com o objetivo de organizar os dados, realizei manualmente a transcrição de todas as entrevistas. Posteriormente, optei por agrupar os entrevistados em duas categorias distintas: uma representada por pessoas que exercem papel de liderança dentro do Movimento 105 (composta por quatro membros, sendo três homens e uma mulher) e outra formada por “integrantes comuns” da torcida (composta por seis torcedores, sendo cinco homens e uma mulher).

De forma mais clara, estabeleci essas categorizações a partir de critérios objetivos, segundo os quais as lideranças representam indivíduos que participam de reuniões decisórias com autoridades da segurança pública e/ou com membros de outras organizadas. São, também, pessoas que possuem responsabilidade direta na organização das atividades do Movimento 105, realizando o planejamento das caravanas e de outras ações da torcida, sejam elas relacionadas ou não ao ambiente dos jogos. Já os membros comuns, representam indivíduos que se somam ao grupo, que são reconhecidos como integrantes, mas que não têm funções diretamente relacionadas à aspectos organizativos. Feita essa distinção, com o intuito de manter o anonimato dos sujeitos, ao mencionar suas falas no texto, identifico cada autor por meio de um código formado pela letra “T” (referência à palavra torcedor), seguida de um hífen (-) e de números de 1 a 10.

No que se refere ao tratamento e à apreciação dos dados obtidos durante a investigação, desenvolvo um processo que se baseia no estabelecimento de diálogos entre o material teórico e as informações extraídas através das entrevistas e observações de campo. Para tanto, reúno, inicialmente, elementos que me permitam falar tanto sobre a história do Movimento 105, sua organização atual e as inspirações nas *barras*, quanto acerca de seus integrantes e das ações tradicionalmente desempenhadas nas vivências junto ao grupo.

Nesse sentido, procuro descrever o campo de estudos a fim de aproximar o leitor de aspectos importantes para a visualização do currículo ligado à prática cultural analisada. Lidando com questões que envolvem os ideais do grupo, as interações estabelecidas entre seus membros, os espaços ocupados e as formas como eles procuram expressar o torcer, trago

¹⁶ Para a gravação das conversas foi utilizado o aplicativo “Gravador de som”, versão 1.9.0.38_181018, disponível entre os dispositivos originais do celular Asus Zenfone 3, modelo ZE520KL.

apontamentos do diário de campo e das entrevistas, com o objetivo de dar luz à estrutura de pensamentos e ações que permeiam a produção de sujeitos torcedores.

Em um segundo momento, utilizo, primordialmente, dos elementos discursivos coletados e os submeto a uma análise baseada nas teorias do discurso com inspiração nos trabalhos de Michel Foucault. Tal escolha se justifica na compreensão de que, a teoria do referido autor está diretamente ligada à tentativa de se produzir entendimentos sobre a constituição do sujeito social (PINTO, 1989). Assim, tenho a intenção de verificar desejos e percepções dos sujeitos da pesquisa, acerca de suas condições como torcedores e como participantes do Movimento 105 Minutos.

Para tanto, parto da ideia de que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação”, mas é algo “por que, pelo que se luta”, é “o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Não é, então, um elemento que representa apenas um conjunto de palavras ou frases dotadas de utilidades comunicativas, mas sim uma prática que pode ser apreendida dentro das “relações que o sujeito estabelece no seu mover-se no mundo” (FLORÊNCIO *et. al.*, 2016, p. 25).

Mais do que expor, reproduzir ou revelar nuances de um determinado momento histórico, o discurso cria meios capazes de organizar a aplicação, a distribuição, a repartição e a valorização de saberes em uma sociedade (FOUCAULT, 1996). É um artefato que se relaciona aos contextos históricos e sociais de cada época, sendo produzido em meio às relações de poder e que, ao mesmo tempo, se constitui como um agente produtor de verdades acerca daquilo a que ele se refere.

Desse modo, ao analisar o discurso, o que pretendo observar é “a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico”, enquanto “parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história” (ORLANDI, 2000, p. 15). Não procuro, então, por uma interpretação pretensamente verdadeira sobre os significados que possam estar por trás dos discursos que se apresentam nas práticas do grupo estudado, mas sim por elementos que me permitam enxergar parte das verdades construídas e veiculadas pelos integrantes dessa torcida.

Sendo assim, passado esse momento inicial em que faço uma introdução ao estudo, uma apresentação dos caminhos para a elaboração dos problemas de pesquisa e uma descrição dos procedimentos metodológicos utilizados para sua execução, entro no capítulo 2, onde empreendo esforços no desenvolvimento das conexões entre os aportes teóricos que sustentam o estudo. Para tanto, realizo uma abordagem sobre os Estudos Culturais, seguida de uma exposição acerca das produções acadêmicas sobre currículos não escolares, de teorizações

relacionadas à constituição de determinados modos de ser torcedor e, enfim, da apresentação dos elementos que irão compor o currículo envolvido nesse processo formativo.

Posteriormente, no capítulo 3, me coloco a falar mais detalhadamente sobre o Movimento 105 Minutos. Utilizando de elementos coletados ao longo da pesquisa de campo, objetivo promover uma aproximação do leitor com o grupo estudado. Para tanto, exponho elementos acerca da história da torcida, sobre suas inspirações em um modo de torcer característico dos grupamentos conhecidos como *barras* e apresento elementos que dizem respeito às suas configurações atuais e às interações desenvolvidas por seus integrantes.

No capítulo 4 empreendo uma análise mais próxima aos discursos dos sujeitos da pesquisa, tendo em vista a importância exercida por esses elementos para a visualização do currículo cultural presente no Movimento 105 Minutos. Nesse sentido, abordo questões relativas às trajetórias de seus integrantes como torcedores, incluindo relatos sobre experiências anteriores e posteriores às suas entradas no grupo estudado. Adicionalmente, procuro entender a importância de elementos materiais e das músicas dessa organizada para a produção, reprodução e veiculação de saberes. Juntamente com as questões trabalhadas no capítulo anterior, acredito que esses sejam pontos fundamentais para compreender as influências da participação na torcida para a constituição de um determinado modo de ser torcedor.

Por fim, trago as considerações finais, com apreensões acerca daquilo de mais importante que foi visto ao longo do trabalho. Procuro, então, reunir elementos capazes de trazer respostas às perguntas norteadoras do estudo e, em um momento posterior, faço o encaminhamento de questionamento que possam dar continuidade à importância da pesquisa.

2 SOBRE ENSINAMENTOS QUE NÃO SE ESQUECEM: INTERFACES ENTRE ESTUDOS CULTURAIS, CURRÍCULO E A FORMAÇÃO TORCEDORES

*Senhor não sei o que acontece com essa Massa do Galo
100 anos de passados de glórias que alimentam esse amor
Vivo esse presente tão triste e mesmo assim não me canso
E nessa loucura sem cura vou te amando Galô*

*Meu pai me ensinou várias coisas e de uma eu não esqueço
Se o manto estiver no varal eu torço contra o vento
Vou apoiar o meu time em qualquer terreiro*

*Com muita raça eu vou cantar
E muitas lágrimas vou derramar
Para os meus filhos vou poder contar*

Que essa banda alvinegra é a mais louca que há

(Movimento 105 Minutos, “Senhor não sei o que acontece”)

Um pai carrega seu sobre os ombros enquanto, de pé na arquibancada, assiste a uma partida do Atlético, válida pela Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol. Sob os olhares atentos da criança, ele grita, pula, gesticula, xinga e canta, sem perder de vista a segurança de seu filho. Assim, ao mesmo tempo em que reage emocionalmente aos acontecimentos do jogo, transmite à sua próxima geração um pouco dos modos com os quais se habituou a demonstrar seu devotamento pelo Clube Atlético Mineiro.

Embora resumida, tal descrição revela aspectos de uma cena notada nas observações de campo realizadas durante o desenvolvimento desse estudo. Na atualidade, a presença de pais e mães com crianças nos estádios de futebol tem se tornado algo cada vez mais frequente no Brasil. Dentre outras coisas, isso pode ser visto como um sintoma da apropriação desse esporte por parte das indústrias do lazer, bem como da capacidade que a modalidade possui de despertar interesses em pessoas de diferentes faixas etárias.

Por se apresentar como um componente da cultura nacional, o futebol ocupa um lugar importante em meio às experiências vivenciadas por significativa parcela da população brasileira. Através de ações, pensamentos, gestos ou palavras, ele integra momentos que extrapolam as situações envolvendo os jogos, se fazendo presente em diferentes eventos do cotidiano. Desse modo, é possível dizer que torcer por um clube de futebol guarda uma relação de proximidade com a participação ativa na vida social (DAMO, 1998).

Presente em relações interpessoais que envolvem experiências no trabalho, em casa, na rua, na escola e em diversos outros tempos e espaços do viver, esse esporte se coloca como uma peça chave na produção de significados que ocupam lugares importantes na existência das pessoas. Prova disso é que, tal como mostrado no parágrafo inicial e na música de abertura desse capítulo, há indivíduos que buscam transmitir àqueles que lhe são próximos, não somente o apreço pela modalidade, mas também os sentimentos de devoção e de afeto por seu time do coração.

Quando abordadas a partir de uma perspectiva pedagógica, tais interações podem ser vistas pelas conexões que assuem na construção e na expressão das subjetividades dos torcedores. Tomando por base produções inseridas numa vertente pós-crítica dos Estudos Culturais, é sobre esses processos de subjetivação que irei discorrer de forma mais aprofundada ao longo do presente capítulo.

Com origens que remontam às intervenções de educadores na chamada *Worker's Educational Association (WEA)*¹⁷(CEVASCO, 2012), esses estudos podem ser vistos como uma manifestação intelectual que provocou uma reviravolta nos entendimentos sobre a cultura. Inicialmente caracterizados como um empreendimento “desconectado das disciplinas e das universidades consagradas” (CEVASCO, 2012, p. 60), os Estudos Culturais começaram a ganhar destaque na Grã-Bretanha nos anos que se seguiram ao término da Segunda Guerra Mundial.

Dotado de conotação política, tal movimento se voltava para a defesa de uma educação pública e igualitária, capaz de criar condições para a construção de uma consciência social que incluísse a classe trabalhadora (CEVASCO, 2012). Reunindo autores como Edward Thompson, Richard Hoggart e Raymond Williams¹⁸ entre suas principais referências no período nascente, os Estudos Culturais se tornaram, com o passar dos anos, um rico campo de investigações.

Sem entrar em detalhes, para se obter uma ideia dos diferentes discursos teóricos em que os estudos culturais se apoiaram, seria necessário referir, *inter alia*, às tradições de análise textual (visual e verbal), à crítica literária, à história da arte e aos estudos de gênero, à história social, bem como à linguística e às teorias da linguagem, na área das humanidades. Nas ciências sociais, aos aspectos mais interacionistas e

¹⁷ Associação Educativa de Trabalhadores, em tradução livre. Era uma organização de esquerda voltada para a educação de trabalhadores, que ganhou notoriedade na Grã-Bretanha do pós-guerra.

¹⁸ De acordo com Cevasco (2012), apesar de não haver consenso sobre as origens dos Estudos Culturais, autores como Stuart Hall consideram que esse movimento, em sua forma disciplinar, teve suas influências iniciais nos seguintes trabalhos: *The Uses of Literacy* (1957), de Richard Hoggart; *Culture and Society* (1958), de Raymond Williams e *The Making of the English Working-Class* (1963), de E. P. Thompson. Para além disso, cabe destacar que todos esses autores foram professores da WEA.

culturalistas da sociologia tradicional, aos estudos dos desvios e à antropologia; à teoria crítica (por exemplo, à semiótica francesa e aos teóricos pós-estruturalistas; Foucault; a "Escola de Frankfurt"; os autores e autoras feministas e à psicanálise); aos estudos do cinema, da mídia e das comunicações, aos estudos da cultura popular. Também foram importantes as formas não-reducionistas do marxismo (especialmente as ligadas à obra de Antonio Gramsci e à escola estruturalista francesa liderada por Althusser), e a preocupação destas com questões de poder, ideologia e hegemonia cultural (HALL, 1997, p. 31).

Foi em meio a essa pluralidade de pensamentos e de influências que os Estudos Culturais se consolidaram na cena acadêmica. Partindo de um entendimento básico de que a cultura deveria ser entendida “como o modo de vida global de uma sociedade” (SILVA, 2003, p. 131), seus trabalhos romperam com uma noção que reduzia o cultural à vivência de práticas eruditas, abrindo espaços para abordagens que valorizavam a realização de estudos sobre diferentes empreendimentos populares (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003). A televisão, a moda, as músicas, a literatura, o cinema e diversos outros artefatos foram, assim, sendo tomados como temas de interesse para o desenvolvimento de pesquisas inseridas nessa vertente.

Em meio a esse cenário, tão importante quanto conhecer o papel dos Estudos Culturais para a incorporação de novos objetos no cenário das investigações sobre a cultura, é ter ciência dos entendimentos envolvidos na realização de trabalhos nessa perspectiva. Centrando-se nas ideias de que “toda prática social depende e tem relação com o significado” e de que “a cultura é uma das condições constitutivas de existência” dessas práticas, o referido campo teórico procura revelar que “toda prática social tem uma dimensão cultural” (HALL, 1997, p. 33). Como consequência, é possível dizer que tais estudos têm se constituído como um espaço habitado por produções dedicadas ao entendimento das interseções que a cultura estabelece com as manifestações da sociedade (BECK; GUIZZO, 2013).

Representando “um lugar de encontros e partilhas de saberes, métodos e experiências de investigadores de diversas áreas, que têm em comum um interesse particular pelas questões culturais” (BAPTISTA, 2012b, p. 8), os Estudos Culturais têm se constituído como um campo pós-disciplinar. Nesse sentido, mais do que possibilitar a articulação entre conceitos, temas e métodos tradicionalmente utilizados por determinada disciplina, eles têm promovido uma bricolagem entre elementos originários de diferentes áreas acadêmicas (CABECINHAS, 2012).

Contando com tal diversidade de pensamentos e modos de agir, os Estudos Culturais têm buscado contestar os limites construídos em diferentes vivências cotidianas, evidenciando e desnaturalizando ideias pré-concebidas acerca de questões que envolvem elementos como raça, gênero e classe social (BAPTISTA, 2012c). Como consequência, o papel de sua análise

tem consistido em “desconstruir, em expor esse processo” de naturalização, mostrando as origens de determinadas invenções sociais e os processos que as tornaram naturalizadas (SILVA, 2003, p. 134).

A partir dessas ações, o movimento em questão contribui para dar vida a uma nova forma de trabalhar com a cultura, ao mesmo tempo em que amplia o papel desse elemento na vida social e na formação das pessoas como sujeitos em uma sociedade. Há, assim, uma diminuição da centralidade atribuída ao trabalho e à produção na constituição de cada ser, ao mesmo tempo em que se enfatiza o papel de variados discursos que “encorajam, incitam, estimulam e disciplinam os sujeitos, e as lutas simbólicas pela hegemonia de formas de olhar” (ADELMAN, 2006, p. 7).

Nesse contexto, além de abrir espaço para pesquisas centradas em variados tipos de práticas não eruditas, os Estudos Culturais têm importância no reconhecimento de pessoas vindas de grupos socialmente marginalizados, como participantes dos processos de produção cultural (ADELMAN, 2006). Dessa forma, uma vez que pretendo analisar os processos formativos que compreendem as experiências vividas pelos integrantes de uma torcida organizada de futebol, vejo esse campo teórico como um espaço dotado de produções potencialmente importantes para subsidiar a realização do presente trabalho.

Com base no que Paraíso (2001) diz a respeito da existência de produções que, centradas nos Estudos Culturais, estendem seus olhares para a existência de processos pedagógicos fora do ambiente escolar, busco referências para visualizar um currículo cultural relacionado às vivências dos torcedores organizados. Para tanto, procuro entender as inserções desses estudos com as produções acadêmicas do campo educacional no Brasil.

Influenciados por produções inglesas e norte-americanas, os trabalhos aqui engendrados emergiram em meados da década de 1990, junto a um movimento de expansão das problemáticas do campo da educação. Trazendo reflexões que alteravam os entendimentos sobre aquilo que se acreditava como sendo educativo (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA, 2015), os Estudos Culturais se colocaram e, ainda hoje se colocam, como agentes ativos em meio a um processo de alargamento de fronteiras conceituais vigentes no cenário educacional.

Dentro desse contexto, é possível destacar três vertentes que direcionam as produções que marcam a articulação desses estudos com a educação: uma primeira que está ligada à resignificação de questões, discursos e artefatos relacionados ao campo pedagógico; uma segunda que se refere à análise das pedagogias culturais em operação em diversos espaços da sociedade; e, por fim, uma terceira que se volta às abordagens da identidade e da diferença no

terreno da educação (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA, 2015). Ao propor uma investigação que se assenta sobre os processos formativos desencadeados no interior de uma torcida organizada, o presente trabalho se inscreve, primordialmente, entre os dois últimos domínios mencionados.

Abrindo espaços para entendimentos que envolvem o conceito de uma chamada pedagogia cultural, os empreendimentos que focalizam a existência de práticas educativas em variados âmbitos sociais têm mostrado que, além da instituição escolar, há outros espaços que funcionam como produtores de conhecimentos e saberes (SABAT, 2001). Sendo assim, diversos artefatos, lugares e momentos do cotidiano podem ser enxergados como possíveis operadores de práticas pedagógicas.

Guardando proximidades com aquilo que Giroux e Simon (2002, p. 96) denominam como “esfera da cultura popular”, dedico atenção a experiências que são vivenciadas em tempos e espaços socialmente construídos para a fruição do lazer. Entendo, com isso, que tais práticas representam situações organizadas “em torno do prazer e da diversão”, sendo capazes de construir as bases da subjetividade e das experiências dos indivíduos (GIROUX e SIMON, 2002, p. 96). Os filmes, as músicas e os livros juntam-se, então, às brincadeiras, aos jogos, aos esportes e a diversos outros elementos da cultura, compondo um emaranhado de artefatos com potencial de participar da produção dos sujeitos.

Através da imersão dos Estudos Culturais no terreno educacional, expandem-se, portanto, os horizontes para pensar os processos educativos em múltiplos espaços da vida cotidiana, os quais incluem, mas não se limitam, às instituições formais de ensino (STEINBERG, 2015). Para além disso, ao enxergarem a cultura como um terreno de luta, acadêmicos dessa vertente centram suas atenções nas “complexas interações entre o poder, o saber, a identidade e a política” (STEINBERG, 2015, p. 214), trazendo proximidades com questões abordadas pelas teorias pós-críticas do currículo.

Tomando esse elemento como uma construção social capaz de abarcar diferentes tipos de conhecimentos (SILVA, 2003), vejo os conteúdos difundidos no Movimento 105 Minutos como capazes de construir um currículo cultural capaz de atuar na formação de torcedores de futebol. Com o objetivo de proporcionar melhores entendimentos acerca desse processo formativo, utilizo o tópico a seguir para expor elementos caros à referida problematização.

2.1 OS CURRÍCULOS CULTURAIS E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

Com uma etimologia que remonta à palavra latina *Scurrere* (GOODSON, 1999), o termo currículo aparece como um tema que está, na atualidade, sendo frequentemente pensado por pessoas que participam de debates envolvendo o campo educacional. Dotado de origens que se vinculam, semanticamente, à existência de um “caminho”, uma “jornada”, uma “trajetória” ou de um “percurso” a ser seguido (MACEDO, 2007, p. 22), esse vocábulo adquiriu maiores relações com processos de escolarização por volta dos séculos XVI e XVII, em meio a um contexto social onde se tornava comum a utilização da palavra currículo para nomear “padrões de organização e controle sociais” (GOODSON, 1999, p. 32). Desde então, as conexões entre esse termo e o ordenamento das atividades no meio escolar foram se ampliando gradualmente.

Com as escolas modernas sendo utilizadas como meios para preservar e reproduzir os valores e os modos de vida das classes dominantes (APPLE, 2006), o papel dessas instituições na constituição de formas de ver e de se colocar no mundo foi adquirindo uma crescente representatividade social. Assim, a partir do advento da Revolução Industrial, os interesses da escolarização passaram a possuir proximidades cada vez mais claras com a produção de seres adequados às exigências impostas pelo mundo do trabalho.

Na medida em que representavam instrumentos capazes de organizar a propagação de um conjunto de saberes e conteúdos a serem transmitidos aos alunos, os currículos foram ganhando destaque cada vez maior na cena social. Nesse sentido, a emergência de movimentos que começaram a tratar esses artefatos como objetos específicos de investigações, não representa um fato fortuito. Com raízes que remontam a eventos ocorridos nos Estados Unidos por volta dos anos de 1920, as ações com esse intuito partiram de pessoas alocadas em funções administrativas no meio educacional, que ficaram marcadas por tentativas de racionalizar a construção, o desenvolvimento e a testagem dos currículos (SILVA, 2003). De modo mais completo, é possível dizer que:

As ideias desse grupo encontram sua máxima expressão no livro de Bobbitt, *The curriculum* (1918). Aqui, o currículo é visto como um processo de racionalização de resultados educacionais, cuidadosa e rigorosamente especificados e medidos. O modelo institucional dessa concepção de currículo é a fábrica. Sua inspiração “teórica” é a “administração científica”, de Taylor. No modelo de currículo de Bobbitt, os estudantes devem ser processados como um produto fabril. No discurso curricular de Bobbitt, pois, o currículo é supostamente isso: a especificação precisa de objetivos, procedimentos e métodos para a obtenção de resultados que possam ser precisamente mensurados (SILVA, 2003, p. 12).

Mais do que dar início a um campo de investigação, a propagação desses pensamentos desempenhou importantes funções no desenvolvimento de ideias reconhecidas como pertencentes às teorias tradicionais do currículo. Com preocupações voltadas à organização e seleção de conteúdos com vistas à formação de pessoas em conformidade com exigências do mundo trabalho, essa corrente teórica apresenta uma noção que vê o currículo como algo pronto, que se encontra à espera de descobertas que apresentem as melhores e mais eficientes estratégias de ensino, avaliação e organização educacional (SILVA, 2003).

Nesse sentido, é possível dizer que o currículo acaba sendo reduzido a uma espécie de “artefato burocrático prescrito”, ou a um tipo de “documento onde se expressa e se organiza” uma determinada formação (MACEDO, 2007, p. 25). As discussões sobre as intencionalidades, os poderes e as representações relacionados às escolhas dos saberes e dos conteúdos que compõem o currículo não fazem parte dos interesses dos indivíduos que inserem seus trabalhos nessa perspectiva. Por outro lado, esses aspectos representam temas importantes para teorias que vieram em momentos posteriores ao aparecimento desses estudos tradicionais.

Evidenciadas por movimentos que buscavam contestar a estrutura e o pensamento educacional vigente, as teorias críticas e pós-críticas do currículo representaram um rompimento com o que era propagado pelas teorias tradicionais. Influenciadas por pensamentos que emergiram em meio às revoluções culturais da década de 1960, essas teorizações trouxeram novos olhares para o campo educacional, ampliando os horizontes de abordagens sobre as problemáticas dessa área. Cabe dizer, assim, que uma das principais novidades trazidas por essas ideias dizia respeito à inserção das questões sobre o poder nos estudos referentes aos currículos (SILVA, 2003), o que, ainda hoje, tem um papel relevante nas investigações nessa área.

Marcando uma oposição à neutralidade sugerida pelas teorias tradicionais, as abordagens críticas e pós-críticas passam a pensar nas intencionalidades presentes nos processos formativos. Nesse contexto, as motivações envolvidas na escolha dos conteúdos que compõem um currículo, os interesses que permeiam a seleção de saberes que o constituem e as relações de poder presentes na construção de determinada estrutura formativa representam alguns, dentre diversos aspectos instituídos nas problematizações sobre esse artefato.

De modo mais específico, é possível dizer que as teorias críticas, em meio a outras questões, focam em pontos vinculados à ideologia, à reprodução cultural, à emancipação e à libertação do indivíduo (SILVA, 2003). Com inspiração em ideias marxistas, estabelecem

suas contestações a partir da concepção de que a educação é uma resultante do arranjo social e dos poderes advindos da organização e das ideologias que sustentam as sociedades capitalistas (MACEDO, 2007). Esses são, portanto, os referenciais a partir dos quais seus autores procuram entender o que os currículos fazem com as pessoas ou, em outras palavras, quem e como são os seres que esses artefatos pretendem formar.

As abordagens pós-críticas, por sua vez, centram seus trabalhos em investigações relativas a temas como a identidade, a alteridade, a representação e a subjetividade (SILVA, 2003). Tendo a observação e a análise da diferença como uma de suas características fundantes, esse movimento se estende por matizes diversas, onde são notáveis as buscas por entendimentos acerca dos papéis exercidos pela cultura nas lutas por significados presentes em diferentes contextos educacionais (MACEDO, 2003).

Marcadas por influências pós-modernas, as teorias pós-críticas do currículo começaram a se apresentar com maior ênfase a partir da década de 1990. Sendo esse pensamento formado por ideias que recusam a presença de um denominador comum capaz de garantir a unidade do mundo ou a possibilidade de existência de concepções objetivas ou naturais (LOPES, 2013; RIBEIRO, 2016), ele trouxe alternativas aos discursos racionais e totalizantes característicos do pensamento moderno.

Dentro desse contexto, o campo educacional e os estudos curriculares acabaram se aproximando dessas influências que, ainda hoje, vêm se fortalecendo no ideário contemporâneo. Com o declínio da hegemonia do pensamento marxista nessas áreas, correntes heterogêneas que buscavam premissas diferentes daquelas convencionalmente atribuídas às teorias críticas, passaram a ser denominadas como pertencentes à uma vertente pós-crítica do currículo (RIBEIRO, 2016). Incluem-se, nesse meio, os estudos pós-estruturais, pós-coloniais, pós-modernos, pós-fundacionais e pós-marxistas (LOPES, 2013).

Sem entrar diretamente em uma discussão sobre as aproximações e distanciamentos existentes entre esses pensamentos, me baseio em produções de vertente pós-estruturalista para a realização desse trabalho. Constituída a partir de interseções com o estruturalismo, essa corrente de pensamento valoriza “a linguagem como constituinte do social” e considera “a cultura em termos simbólicos e linguísticos” (LOPES, 2013, p. 12).

Entretanto, em direção oposta ao estruturalismo, propõe uma quebra da unidade do signo, propondo a primazia do significante em relação ao significado e defendendo que o “sentido do que falamos é sempre posterior ao ato de fala, porque depende da relação com o outro” (LOPES, 2013, p. 13). Como consequência dessas noções, é possível observar uma

desestruturação do signo, materializada em produções que pensam o conhecimento “interpretado como um discurso e conectado ao poder” (LOPES, p. 13).

É com base nesses entendimentos que procuro visualizar o currículo como um artefato que possui o potencial de formular, interpretar e atribuir sentidos à vida. Nele, tal como ocorre com a linguagem, é possível identificar “significantes, significados, sons, imagens, conceitos, falas, língua, posições discursivas, representações” e diversos outros elementos (CORAZZA, 2004, p. 9), os quais se expressam a partir de situações experienciadas em diferentes tempos e espaços do cotidiano.

Compreendido como uma invenção social, o currículo pode ser tomado como um elemento que se materializa em situações variadas, tais como as que são vividas no trabalho, em casa, no lazer, na escola e em diversos outros momentos de manifestação da existência humana. Como consequência, artefatos como os noticiários televisivos, as imagens de um livro didático e as músicas de um grupo de *rock* são, todos eles, exemplos de elementos capazes de produzir um currículo, posto que, tal como dito por Costa, Silveira e Sommer (2003), têm o potencial de inventar sentidos e operar em arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas.

Tendo isso em vista, por entender o conhecimento como “parte inerente do poder” (SILVA, 2004, p. 149), vejo os currículos como agentes que atuam na dinâmica social, criando e propagando diferentes modos de ver e de interagir com o mundo. Em decorrência dessa pluralidade, ao falar da produção de formas específicas de ser torcedor, procuro me afastar de pensamentos que postulam a existência de uma unidade ou essência na formação dos sujeitos.

Em seu lugar, me aproximo de vertentes que contestam a existência do indivíduo “racional, livre, autônomo, centrado e soberano da Modernidade” (SILVA, 2003, p. 113). Trabalho, então, com um sujeito que é “fundamentalmente fragmentado e dividido”, que deixa de ser visto como o “centro da ação social” e que passa a ser entendido como algo “pensado, falado e produzido” por elementos exteriores (SILVA, 2003, p. 113). De modo paralelo, deixo de ver a subjetividade como a manifestação de algo essencial do indivíduo e começo a enxergá-la como uma “maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade” (FOUCAULT, 2004, p. 236), aproximando-me de proposições que defendem um descentramento e uma composição social e discursiva dos sujeitos.

Ao invés de visualizar os torcedores como seres dotados de alguma essência ou natureza comum, busco pensar nas formas como eles produzem verdades acerca do que são, em meio às interações que desenvolvem no ambiente da torcida. Através dos entendimentos

sobre os potenciais formativos das práticas culturais, realizo esforços para dar luz às influências que os discursos circulantes nos mais variados meios sociais exercem na produção de diferentes modos de ser torcedor.

Para tanto, compartilho com Woodward (2014, p. 31) a ideia de que “diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais”.

Consideremos as diferentes “identidades” envolvidas em diferentes ocasiões, tais como uma reunião de pais na escola, ir a uma festa ou a um jogo de futebol, ou ir a um centro comercial. Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos. Em um certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando (WOODWARD, 2014, p. 31).

É possível dizer, assim, que diferentes situações sociais estão imersas em expectativas diversas acerca das ações esperadas de cada indivíduo. Os discursos que legitimam as ações de alguém que se coloca como espectador em um cinema, são diferentes daqueles que dão sentido às atitudes dessa mesma pessoa caso ela esteja em uma sala de aula, em um bar ou em uma arquibancada, assistindo a uma partida de futebol. Dentre outras coisas, isso mostra a existência de distinções naquilo que é aceito e valorizado em diferentes espaços, trazendo singularidades para a produção e a manifestação dos modos de ser em cada ambiente. Assentado em uma perspectiva pós-estruturalista, esse tipo entendimento mostra o papel exercido pela linguagem como um sistema de significação (SILVA, 2003).

Dessa forma, compartilhando da ideia de Foucault (1986, p. 126) de que, em qualquer que seja a sociedade, os corpos estão sempre presos por “poderes muito apertados”, que lhes impõem “limitações, proibições ou obrigações”, entendo que a expressão dessas amarras se faz, essencialmente, por vias discursivas. Diretamente relacionadas aos saberes e aos poderes circulantes nas dinâmicas do cotidiano, as experiências sociais estão imersas em redes de significados que determinam o que pode e o que não pode ser dito, o que é permitido e o que não é permitido de ser expressado. Conseqüentemente, os elementos que compõem os discursos exercem contribuições na construção de identidades e subjetividades.

Envolvidos em um sistema de representação, os vínculos identitários são construções sociais cujos processos de formação se relacionam a criações linguísticas (SILVA, 2014). Nesse sentido, de modo análogo ao que acontece com toda prática de significação, a construção das identidades também envolve relações de poder, posto que elas se materializam

em meios sociais, onde exercem papéis de determinar aquilo que é visto como certo ou errado, como normal ou anormal (WOODWARD, 2014).

Assim, quando falo das identidades que se configuram entre um sujeito e um clube ou uma torcida de futebol, levo em consideração que esse processo está diretamente relacionado aos discursos sobre elementos que são ou não são valorizados nas interações dos indivíduos que compartilham desse vínculo. Em meio a esse cenário, a demarcação de fronteiras entre o igual e o diferente representa um aspecto fundamental da dinâmica que envolve as relações identitárias. Tal como dito por Silva (2014, p. 76):

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criação sociais e culturais.

Na medida em que as identidades são fruto de criações humanas e detêm o poder de produzir significados relativos àquilo que é tido como certo ou errado, como adequado ou inadequado, adoto um posicionamento de entende-las como bases para a expressão de subjetividades. Em outras palavras, creio que as identidades representam pontos de sutura entre os discursos e as práticas que tentam “nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares” (HALL, 2014, p. 111-112). Dada a importância dessa constatação, tomo como exemplo a cena descrita no início desse capítulo para promover reflexões no sentido de torna-la mais clara.

Ao analisar a situação referida, é possível perceber que ela retrata um indivíduo que exerce, de forma concomitante, diferentes papéis sociais: dentre outras coisas, ele pode ser visto como pai, como homem e como torcedor de futebol. No que se refere à expressão que ele faz desses papéis, há a possibilidade de descrever, ainda que resumidamente, que ao mesmo tempo em que esse sujeito carrega e se preocupa com a segurança de seu filho, ele demonstra – através de gritos e xingamentos – um comportamento viril, que se alia a uma visão hegemônica de masculinidade, e expressa sua paixão por seu clube, a partir dos cânticos e da participação ativa em relação aos acontecimentos do jogo.

Em cada um desses casos ele exerce, então, atitudes relativas a determinados modos de exercer os papéis sociais mencionados. Criadas por meios de narrativas sobre o que é ser pai, o que é ser homem e o que é ser torcedor, essas identidades se cruzam e servem de referenciais para a adoção de comportamentos que são materializados em meio à objetividade da situação em questão.

Para além disso, cabe mencionar que as ações tomadas pelo torcedor revelam a manifestação de aspectos de sua subjetividade. Tal afirmação se justifica na medida em que, conforme foi dito por Hall (2014, p. 124), para a expressão das verdades sobre nós não basta a existência de regras que convoquem, disciplinem, produzam ou regulem, mas é preciso, também, que haja “a correspondente produção de uma resposta por parte do sujeito”.

Pode-se afirmar, então, que ainda que as identidades exerçam influências importantes na construção e manifestação das subjetividades, seus efeitos não se estabelecem de maneira linear e idêntica para todas as pessoas. Mesmo quando um grupo de indivíduos compartilha determinadas identidades, a expressão das subjetividades se constitui como um ato individual de cada ser. Na produção de cada sujeito há uma “paisagem interior” ou “mecanismos interiores de assentimento à regra” (HALL, 2014, p. 125), que fazem com que cada pessoa tenha um papel ativo em sua formação enquanto sujeito.

É por esse motivo que, apesar de estudar um grupamento dotado de características identitárias específicas, ao falar sobre os modos de ser torcedor engendrados em seu interior, opto pela utilização de uma ideia plural acerca das subjetivações e/ou da formação de sujeitos torcedores. Com isso, procuro mostrar que cada ser em contato com os significados presentes nas vivências junto ao Movimento 105, tem uma história única e uma maneira singular de interpretar as situações e de se conformar como torcedor.

Por fim, utilizo de uma ideia de Fischer (2001, p. 201), para dizer que compreendo as dinâmicas nessa torcida enquanto práticas sociais “mergulhadas em relações de poder, produzidas discursivamente e ao mesmo tempo produtoras de discursos e de saberes”. Nesse contexto, identidades e subjetividades se cruzam e se modificam mutuamente, estabelecendo disputas e criando regimes de verdade que dão vida a um currículo cultural, ao mesmo tempo em que estabelecem sentidos às interações vivenciadas pelos integrantes do Movimento 105.

2.2 COMPREENSÕES SOBRE UM CURRÍCULO QUE PRODUZ SUJEITOS TORCEDORES

Apresentadas questões basilares acerca dos pressupostos com os quais trabalho no âmbito dos Estudos Culturais, do currículo e da produção de subjetividades relacionadas a diferentes modos de ser torcedor, considero importante mostrar as estratégias utilizadas para a construção de um currículo cultural, vinculado às dinâmicas presentes na torcida em estudo. Antes disso, porém, cabe demarcar que não aqui busco o estabelecimento de proposições rígidas sobre a constituição dos processos formativos investigados.

Por compreender a complexidade que envolve a organização dos saberes e dos poderes que constroem a rede de significados compartilhada pelos membros do Movimento 105 Minutos, não tenho a pretensão de definir um caminho que seja único ou verdadeiro, capaz de abarcar a totalidade dos processos formativos presentes nessa manifestação cultural. Tendo em vista as perspectivas teóricas sobre as quais fundamento esse estudo, adoto uma postura assentada no entendimento de que:

Quem, como nós, trabalha com as teorias pós-críticas, no território da Educação, não faz mais a pesquisa “do Currículo”, no sentido global. Pesquisa que requeria, como resultados, explicações totalizantes e unificadoras sobre a verdade e o verdadeiro do Currículo. Explicações sobre “a Teoria” ou “a Prática” do Currículo, que costumavam reinar sem qualquer partilha. Menos pretensiosamente, o/a pesquisador/a pós-crítico/a analisa as vicissitudes do desejo por um sujeito e os acidentes da linguagem de cada currículo: daquele “um currículo” específico, que escolheu para investigar – sendo, ao mesmo tempo, também “escolhido/a” por ele. Escolhas que se consubstanciam em outra ética de trabalho, em outra linguagem de crítica, e em outras relações com “a verdade” de sua própria pesquisa (CORAZZA, 2004, p. 17).

Procuo deixar claro, então, que ao trabalhar com as manifestações emanadas pelos membros do grupamento estudado, tento compreender os processos que marcam a produção de sujeitos torcedores, através de olhares para desejos e intencionalidades manifestados em seus discursos. Para tanto, antes de tratar dos caminhos traçados nesse trabalho, apresento as experiências de outros autores que, de modo semelhante àquilo que me propus a fazer, buscaram compreender, em interface com os estudos curriculares, a formação de subjetividades a partir da visualização de processos educativos localizados em diferentes práticas culturais.

Nesse sentido, começo falando da produção de Bergo (2011), intitulada “Quando o santo chama: o terreiro de Umbanda como contexto de aprendizagem na prática”. Materializada a partir de uma incursão etnográfica no universo de um terreiro de umbanda, essa tese procurou identificar e descrever os modos da comunidade se relacionar com o ambiente, centrando esforços na construção de compreensões sobre os processos de aprendizagem presentes no desenvolvimento do vir a ser umbandista. Aproximando-se dos modos de vida de pessoas que faziam parte e constituíam relações de sociabilidade em torno de um terreiro de umbanda, autora pôde conhecer os processos envolvidos na formação de sujeitos identificados com um modo de vida ligado à referida religião.

Como resultados, Bergo (2011) encontrou que, juntamente ao “chamado do santo” e dos rituais formalizados, elementos de ordem participativa, relacional e estratégica também atuam no processo de “produção de umbandistas”. Assim, para além da suposta necessidade

de cumprir uma missão (representada pelo “chamado do santo”), a construção do sujeito umbandista também se conecta às relações desenvolvidas no terreiro, que incluem a convivência com as pessoas e a participação nos rituais do grupo.

Maknamara (2011), por sua vez, teve como objeto de estudo os discursos das músicas de forró eletrônico, procurando entender seus papéis na regulação generificada de nordestinidades. Buscou, assim, conhecer os processos pelos quais as letras do forró eletrônico produzem acepções sobre posições de gênero que reverberam na construção de ideias a respeito do sujeito nordestino. Fundamentado nas teorias pós-críticas de educação, investigou os discursos produzidos pelas canções desse ritmo e acabou por mostrar que, nas músicas de forró eletrônico são engendradas continuidades e descontinuidades, condensações e dispersões enunciativas que concentram e diluem experiências da nordestinidade.

A partir dos elementos encontrados nas letras de forró eletrônico, Maknamara (2011) foi capaz de identificar informações que o auxiliaram a verificar a existência de um currículo relacionado às letras de músicas investigadas, as quais dariam voz a um determinado modo de ser nordestino. Inspirado em obras de Michel Foucault, apresentou o papel dessas letras na veiculação de saberes e poderes que ajudavam a constituir uma comunidade que se imaginava portadora de um determinado estilo de vida, o qual ganhava corpo na figura do/a forrozeiro/a. Mostrou, assim, como os discursos presentes nas músicas contribuía para a composição de um currículo capaz de produzir “sujeitos forrozeiros”.

No trabalho de Freitas (2014), a autora procurou analisar os livros de literatura infantil que compõem os kits de literatura afro-brasileira organizados pela Prefeitura de Belo Horizonte e distribuídos nas escolas da rede municipal, como artefatos culturais envolvidos na produção de sujeitos. Inspirada pelos Estudos Culturais, pelos estudos pós-coloniais, pelos estudos pós-críticos do currículo, juntamente com ferramentas teórico-metodológicas da obra de Michel Foucault, a autora procurou verificar como o negro e o indígena são representados em meio às narrativas e ilustrações. Para tanto, baseou-se na ideia de que, em meio ao encanto e à diversão, as histórias infantis são capazes de produzir sentidos acerca do mundo e suas coisas, ensinando sobre raça/etnia e gênero; instituindo normas e governando condutas; construindo modos de ser, de agir, de pensar, de desejar e de olhar para si e para o outro.

Analisando as formas como os/as negros/as e os/as indígenas são representado/as no material investigado, Bergo (2011) verificou que a produção desses sujeitos se deu por meio de discursos plurais, nos quais as características positivas eram a tônica da composição e divulgação. Neste sentido, a autora destacou esses livros como parte de um currículo presente

nas lutas culturais por mudanças de significados e por reconfigurações de relações de poder-saber, ao colocar, na ordem do discurso, sujeitos antes silenciados e negados.

Por fim, cito o estudo de Sales (2010), em que foi analisado o processo de produção das subjetividades juvenis, na interface entre o currículo de uma escola pública de ensino médio e o currículo do *Orkut*. Para isso, a autora articulou elementos da etnografia, da netnografia e da análise discursiva de inspiração foucaultiana. Partindo do pressuposto de que na interface entre currículo escolar e currículo do *Orkut* engendra-se um processo de *ciborguização* da juventude, que tem efeitos nas maneiras de os jovens conduzirem suas condutas, a autora buscou conhecer como os elementos presentes na estrutura de um determinado site de relacionamentos interferiam nos modos de ser dos sujeitos estudados.

Para Sales (2010), havia um entendimento de que as interações estabelecidas através desse site poderiam influenciar nas formas como esses adolescentes se apresentavam fora daquele ambiente. Como resultados, a tese mostrou que nos discursos do currículo escolar e do *Orkut* havia uma multiplicidade de práticas, técnicas e estratégias que se combinavam para que os jovens fossem constituídos de determinado modo. O processo de produção de subjetividades juvenis, por sua vez, acontecia em meio a relações de poder que instauravam uma série de conflitos e disputas sobre as percepções que eles possuíam acerca de seu próprio ser.

Possuindo objetos de investigação e estratégias de abordagem distintas, os estudos mencionados convergem ao mostrar como diferentes elementos e/ou espaços da sociedade podem atuar para construir e veicular conhecimentos que interferem na produção de subjetividades. Nesse sentido, não importa se o resultado dessa formação seja o/a umbandista, o/a forrozeiro/a, o/a negro/a, o/a indígena, o/a jovem ou o/a torcedor/a de futebol, mas interessa conhecer os processos que levam à constituição de cada um desses sujeitos.

Tal como em práticas pedagógicas formais, compostas pelos saberes e poderes que permeiam os comportamentos e as interações comuns em ambientes como escolas e universidades, os trabalhos mencionados revelam a presença de diferentes currículos que ensinam modos de ser e de viver no mundo. Seja pela relação com o terreiro, pelos conteúdos dos livros didáticos, pelos discursos das músicas de forró ou, até mesmo, pelas formas de se representar no mundo virtual, diferentes pedagogias se colocam em movimento, auxiliando na composição dos sujeitos complexos e fragmentados da contemporaneidade.

Apesar de transmitidos por diferentes meios e de carregarem conteúdos diversos, é possível dizer que, em todos os casos relatados, é notável a veiculação de valores culturais que formam as bases da constituição dos sujeitos percebidos pelos pesquisadores. Sendo

assim, ao olhar para meu objeto de estudo, procuro, nos discursos dos torcedores, a presença de elementos que marquem a construção de identidades em seus modos de torcer. Para tanto, procuro conhecer também, o ambiente e as interações que ocorrem na torcida, na tentativa de entender a relação desses elementos com as verdades que os integrantes do Movimento 105 constroem acerca de seus modos de ser torcedor.

Concebo, assim, as vivências observadas como componentes de uma prática social e cultural constituída por elementos capazes de dar vida a formas específicas de se colocar no mundo. Destinando olhares às pessoas e ao campo de estudo, procuro reconhecer a existência de regularidades e dispersões nos discursos e nos comportamentos dos membros da torcida. Com isso, creio ser possível encontrar os elementos constituidores de um currículo cultural capaz de atuar na produção de sujeitos torcedores.

A partir da compreensão de que esse artefato pode ser visto como uma linguagem, compreendo-o, então, como “uma prática social, discursiva e não discursiva, que se corporifica em instituições, saberes, normas, prescrições morais, regulamentos, programas, relações, valores” e modos de ser do sujeito (CORAZZA, 2004, p. 10). Para tanto, as observações e entrevistas realizadas durante o trabalho de campo me auxiliaram a interagir com elementos desse currículo e, conseqüentemente, a ampliar as possibilidades de entendimento sobre seus papéis na constituição de sujeitos torcedores.

Inspirado em noções sobre as pedagogias culturais e os potenciais produtivos do currículo na propagação de determinados modos de ser, utilizo de conceitos da obra de Michel Foucault acerca dos processos de subjetivação, para compreender os sentidos presentes nos elementos com os quais tive contato ao longo do estudo. Concedendo uma importância central aos discursos, esse autor assume a linguagem como um elemento que constitui os pensamentos humanos e que fornece sentido às coisas, às experiências e ao mundo em que vivemos (VEIGA-NETO, 2014).

Sendo assim, para compreender a constituição do currículo e dos sentidos envolvidos na produção de determinados modos de ser torcedor, questionamentos como “quem são os sujeitos que se deseja formar?” e “quais são os conteúdos que permeiam seu processo de constituição?” juntam-se às indagações sobre “como são transmitidos e que significados carregam os saberes envolvidos nessa ação produtiva?”. Unidas, tais questões se colocam como agentes fundamentais na construção do currículo cultural presente no Movimento 105 Minutos.

Para responde-las, faço, em um primeiro momento, uma apresentação da torcida e de sua história, falando dos anseios que guiaram os pensamentos dos fundadores, notadamente

no que se refere ao estabelecimento de determinado modo de torcer. Feito isso, mostro as configurações atuais do grupo, sua estrutura organizacional e seu modo de funcionamento, trazendo elementos sobre as posições ocupadas, os modos de interação e os comportamentos tradicionalmente adotados por seus integrantes.

Nesse contexto, utilizo de informações das entrevistas e do diário de campo, no intuito de trazer elementos do campo para a composição do cenário teórico de construção do currículo. Por meio dessa etapa, procuro dar ênfase em aspectos do ambiente que envolve a torcida, como forma de descrever o cenário, as ações e ideais que marcam o processo formativo.

Posteriormente, parto para um trabalho centrado, de forma mais incisiva, nos elementos discursivos. Nesse sentido, embora tais artefatos também tenham estado presentes no momento anterior, agora eles serão os pontos centrais da análise. Foco, assim, nos relatos dos sujeitos acerca dos afetos, das relações e dos materiais que constituem suas trajetórias como torcedores.

Tendo como referência o que Foucault (1996, p. 8) diz sobre o discurso se constituir, em sua realidade material, como “coisa pronunciada ou escrita” (FOUCAULT, 1996, p. 8), tento compreender suas relações com os processos formativos investigados ao longo da pesquisa. Formados por enunciados, ou seja, por um conjunto de signos dotados de condições de existência que se colocam diretamente relacionadas à produção de sentidos através da linguagem (FISCHER, 2001), focalizo os discursos tanto pela apreensão das falas dos integrantes do Movimento 105 Minutos, quanto pela análise de elementos distintivos da torcida, como as músicas, os símbolos e os emblemas que caracterizam o grupo.

Sem ter, necessariamente, que se expor a verbalizações sujeitas às regras gramaticais, a função principal do enunciado é manifestar um saber passível de ser aceito, repetido e transmitido (VEIGA-NETO, 2014). Para isso, é necessário que ele seja constituído por um referente (aquilo de que se fala), por um sujeito (alguém que faz a afirmação), que esteja imerso em um campo a ele associado (coexistência com outros enunciados) e que apresente uma materialidade específica (forma concreta de aparecimento) (FISCHER, 2001).

Imersos em um regime de regras sobre o que pode e o que não pode ser dito, esses elementos se enquadram dentro daquilo Foucault (2008) chamou de formação discursiva. Representando um feixe de relações que funcionam sempre em conexão com um campo do saber (FISCHER, 2001), essa formação se caracteriza por ser um “princípio de dispersão e de repartição” dos enunciados (FOUCAULT, 2008, p. 122). Age, desse modo, como uma

espécie de matriz de sentido, permitindo que se receba um enunciado com estranheza ou com naturalidade em um determinado campo de significação.

Tendo isso em vista, as formações discursivas constituem elementos importantes para a presente investigação, na medida em que guardam relações diretas com os sentidos veiculados pelos discursos. A partir do que foi descrito, é possível dizer que são essas formações quem detêm os mecanismos de aceitação ou rejeição de determinado enunciado em um ambiente social específico. Logo, elas estão, de algum modo, relacionadas à instituição de regras que atuam na produção de discursivas capazes de interferir na formação de subjetividades.

Nesse sentido, se fosse realizada uma hierarquização dos elementos presentes na teoria do discurso de Michel Foucault, seria possível dizer que, acima das formações discursivas, se encontram aquilo que o autor denominou como práticas discursivas. Compreendidas como um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2008, p. 133), essas práticas não são atos de fala, ou ações concretas e individuais de pronunciar discursos (VEIGA-NETO, 2014).

Conectadas com diversas outras práticas discursivas, elas “moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele” (VEIGA-NETO, 2014, p. 93). Exercem, também, relações de proximidade com elementos não discursivos, representados por “instituições”, “acontecimentos políticos”, “processos econômicos e culturais” e “toda a sorte de práticas aí implicadas”, na medida em que estes se constituem como espaços onde os enunciados vivem (FISCHER, 2001, p. 216).

Dentro desse contexto, tal como dito por Silva (2003, p. 16) acerca dos currículos pós-críticos, minha intenção ao trabalhar com essas questões é deixar transparecer o “por que” de um conhecimento e não outro, os interesses que fazem com que um dado saber esteja no currículo em lugar de outro e os motivos para “privilegiar um determinado tipo de identidade ou subjetividade” e não outra. Assim, em concordância ao que foi relatado sobre a ação das pesquisas nos Estudos Culturais, procuro trazer reflexões capazes de desnaturalizar o cenário investigado, trazendo problematizações acerca da formação analisada.

3 ENTRANDO NA BARRA DO GALO: O MOVIMENTO 105 E SUAS REPRESENTAÇÕES SOBRE UM MODO ESPECÍFICO DE SER TORCEDOR

*Somos a 'barrabrava' do Galo Doido
Cantamos e apoiamos o jogo todo*

*Queremos a mesma raça dos jogadores
Para ganhar a Copa Libertadores*

Libertadores

(Movimento 105 Minutos, "Para ganhar a Copa Libertadores")

A partir da proposta descrita nos capítulos anteriores, dou entrada, agora, em um novo momento do trabalho. Fruto das informações coletadas na pesquisa de campo, busco apresentar o grupamento estudado, a fim de proporcionar entendimentos sobre o espaço e os sujeitos envolvidos na construção do currículo cultural. Para isso, contribuem tanto os elementos obtidos por meio das entrevistas, quanto aqueles com os quais tive contato em decorrência das observações.

Criado no ano 2006, o Movimento 105 Minutos teve, desde seus primórdios, a intenção de ocupar um espaço particular em meio à torcida do Atlético. Surgido em um momento em que a equipe alvinegra disputou, pela única vez em sua história, a Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol, o grupo formado por seus idealizadores tinha o desejo de trazer uma motivação nova aos torcedores atleticanos, resgatando aquela que seria uma de suas principais características: o apoio incondicional ao Galo.

Inicialmente pensado por membros de uma comunidade do Atlético no Orkut¹⁹, o 105 começou a ganhar corpo a partir de reuniões presenciais realizadas por seus fundadores. Com encontros realizados em bares da capital mineira, esses indivíduos iam fortalecendo os laços entre si, ao mesmo tempo em decidiam as ações necessárias para tornar real o sonho de criar uma torcida que pudesse, através de sua postura nas arquibancadas, ajudar o Galo em um dos momentos mais difíceis de sua história.

Para tanto, não pretendiam dar início a um grupo que se assemelhasse a grande parte das torcidas organizadas existentes. Em suas aspirações, o que esses torcedores ambicionavam formar, era algo que fosse a representação de “um movimento, um grupo, uma família de atleticanos” (T-7) que teria como objetivo comparecer ao estádio e apoiar sua equipe durante

¹⁹ Orkut foi uma rede social criada no ano de 2004 e desativada em setembro de 2014. Durante o tempo em que esteve ativa, teve momentos de grande popularidade no Brasil, sendo em determinado período a rede social mais utilizada pelos brasileiros.

todos os instantes da partida. Estava colocado, assim, o ideal que serviria de referência para a escolha do nome “Movimento 105 Minutos”: a união de torcedores dispostos cantar pelo Atlético ininterruptamente, ao longo dos 90 minutos de jogo e dos 15 de intervalo.

Sem fazer qualquer diferenciação sobre seus membros, esse grupo deveria representar um espaço onde os únicos requisitos para a permanência seriam o amor e a dedicação ao Clube Atlético Mineiro. Como consequência, a torcida não seria instituída a partir de um modelo estrutural com funções e hierarquias rigidamente definidas. O estabelecimento de um organograma de cargos com presidente, conselho deliberativo e diretores, tal como o mencionado por Toledo (1996) a respeito de organizadas de maior porte, não fazia parte das pretensões dos criadores dessa torcida.

Nos primórdios do Movimento 105, cada torcedor contribuía com as ações que estavam ao seu alcance e, a partir dessa união de esforços, foram construindo um espírito de cooperação que seria fundamental para a trajetória do grupo. Empenhados em busca de um mesmo ideal, não demorou para que o projeto de criação da torcida saísse do plano das ideias e fosse ganhar as arquibancadas dos estádios.

O desejo de criar o 105 surgiu no Orkut, com torcedores de todos os tipos que comentavam, discutiam coisas diferentes, mas que tinham um ideal de apoiar o Galo incondicionalmente. E ali, não importava diferença de idade, de profissão, de cor, religião. Porque o futebol une e, na arquibancada, quando a gente tá ali no estádio, é todo mundo Galo. O rico abraça o pobre, fica amigo no jogo... podem até não seguir a amizade depois, mas ali naquele momento todo mundo é igual. E o Galo é o que faz essa ligação. Então, A pegada que esse grupo tinha, era de fazer algo que pudesse resgatar a essência do torcedor atleticano e levar isso pra arquibancada. (...) Cada um sabia fazer uma coisa, cada um podia ajudar de um jeito e assim foram sendo feitas as ações que foram fundamentais pra esse surgimento do Movimento 105 (T-9).

Em decorrência dessas e de outras ações, no dia 11 de julho de 2006 o Movimento 105 Minutos estreou nas arquibancadas, em uma partida entre Atlético e Santo André, válida pela 11ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série B. Com o empate em 1 a 1 a equipe alvinegra caiu para a 11ª colocação e se encontrava pressionada por sua torcida²⁰. Entretanto, apesar do resultado não ter sido o desejado, os integrantes do 105 encontravam-se esperançosos com o futuro que tinham pela frente.

Instalados no setor acessado através do Portão 7A do antigo Mineirão²¹, esses torcedores estabeleceram naquele local o espaço de reunião e permanência da torcida no

²⁰ Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2006/07/11/ult59u102599.jhtm>>. Acessado em: 12/12/2018.

²¹ Referência ao Estádio Governador Magalhães Pinto, popularmente conhecido como Mineirão. Inaugurado em 1965, foi por lá que o Atlético mandou grande parte de seus jogos, até junho de 2010. Nessa data o estádio foi

estádio. Ficando em uma posição central do campo, frequentemente ocupada por “torcedores comuns”²², eles começaram, jogo a jogo, a colocar em prática o desejo de trazer algo de diferente à torcida do Atlético.

Para isso, inspiraram-se em grupos de torcedores presentes em países vizinhos ao Brasil, tal como Argentina, Uruguai e Colômbia, tradicionalmente conhecidos como *barras* ou *hinchadas*. Entretanto, ainda que esses grupamentos possam ser vistos como manifestações torcedoras comuns a países da América Hispânica, nos depoimentos com os quais tive contato ao longo dessa pesquisa, foi evidente a predominância de referências aos grupamentos presentes na Argentina. Tal como dito por Buarque de Hollanda (2009, p. 5), no que se refere ao movimento das *barras* no Brasil, é preciso destacar que “o modo de torcer de algumas ‘hinchadas’ argentinas” inspirou grupos situados na fronteira com o Rio Grande do Sul e, desse estado, logo se propagou para outras partes do país.

Com o intuito de sistematizar as descrições sobre as *barras*, farei, então, paralelos específicos com os grupamentos presentes na Argentina, que, além de estarem entre os mais conhecidos internacionalmente, foram os mencionados com maior frequência pelos integrantes do Movimento 105. Tal delimitação se faz necessária pelas especificidades existentes no cenário e na atuação dessas torcidas, que são marcadas por questões particulares em cada país em que se fazem presentes.

Sendo assim, falando especificamente do contexto argentino, é possível dizer que, dentre outras caracterizações, as *barras* são celebradas como grupos que carregam princípios de “apoio incondicional ao time” e de “canto coletivo ininterrupto ao longo do jogo, independente do resultado adverso ou favorável” (BUARQUE DE HOLLANDA, 2009, p. 5). Portadoras de um modo de torcer festivo e engajado, essas torcidas ofereceram influências importantes para a constituição do Movimento 105 Minutos.

Dentro do grupo de formação do 105, havia alguns torcedores que tinham esse conhecimento sobre as *barras* e daí eles começaram a trazer algumas ideias para a construção da identidade da torcida. Dentro daquele ideal de resgatar uma essência do atletismo de torcer, a gente passou a ver coisas nessas torcidas que se enquadravam no nosso ideal. A questão de cantar o tempo todo, o efeito visual das festas nos estádios, unindo as pessoas. Era parecido com o que a gente queria ter de volta na torcida do Atlético. Então essas pessoas começaram a trazer algumas coisas, os materiais, os instrumentos pra caracterizar a torcida e foi formando essa aproximação, a partir de adaptações à nossa realidade (T-9).

fechado para que pudesse passar por uma reforma visando à Copa do Mundo de 2014 (por isso a denominação “antigo Mineirão” para se referir ao estádio antes da reforma).

²² Essa é uma expressão frequentemente usada para se referir a torcedores que não fazem parte de torcidas organizadas.

Em meio a esse contexto, as letras e os ritmos das músicas cantadas pela *barra* do Galo eram elementos que, desde os primórdios, marcavam bem essa inspiração. Na medida em que um dos motivos para a criação da torcida se relacionava ao desejo de dar uma nova dinâmica ao estádio, as canções exerciam um papel fundamental para a efetivação desse intento.

Uma das coisas que eu acho mais legais no 105 são as músicas. Muitas músicas (do Movimento 105) são pensadas de acordo com cantos famosos das torcidas argentinas. Desde o início o pessoal escutava essas músicas nos jogos pela TV, na internet e tentava fazer as letras de acordo com a história do Galo e da torcida. E ainda hoje é assim. A gente escuta, vê a letra, reescreve e coloca num ritmo que é parecido com o das torcidas de lá, mas com umas batidas de samba e *funk* também, que representam os ritmos das torcidas daqui. Então eu acho que isso é um diferencial que o 105 carrega desde o início da sua história (T-1).

De modo adicional, cabe dizer, também, que os integrantes dessa torcida acabaram por levar ao Mineirão uma série de materiais até então incomuns ao cenário do futebol mineiro. As barras²³ (faixas verticais nas cores do clube), os trapos (pequenas bandeiras feitas à mão por cada integrante), as bandeirolas (bandeiras pequenas, de mão), os pratos e, posteriormente, a murga (bumbo com prato), o trompete (comum nas charangas, mas pouco utilizado pelas organizadas) juntaram-se, assim, às faixas, bandeiras, bandeirões, surdos, caixas e repiques presentes em grande parte das torcidas brasileiras.

Com os esforços de seus fundadores, a torcida ainda não tão organizada foi conseguindo comprar e confeccionar seus primeiros materiais, contando, para isso, com a ajuda de amigos e familiares. Unidos e engajados pela perspectiva de formar um grupo capaz de ajudar o Atlético e recuperar uma espécie de essência do torcedor atleticano, esses indivíduos destinavam ao Movimento 105 Minutos parte de seu tempo livre de obrigações de ordem pessoal e profissional.

Através da combinação desse espírito de cooperação, com a satisfação de pertencer a um grupo capaz de reunir pessoas com os mesmos ideais, a mesma paixão e a mesma vontade de ajudar o Galo, a *barra* do Clube Atlético Mineiro começou a ganhar forma. Nesse sentido, a criação do Movimento 105 Minutos representava, dentre outras coisas, a possibilidade de amplificar as vozes de cada torcedor, fortalecendo e dando maior visibilidade aos anseios que eles carregavam individualmente.

²³ As barras são tiras de tecido nas cores de um clube dispostas verticalmente sobre as arquibancadas, marcando o espaço reservado aos integrantes de uma coletividade torcedora popularmente conhecida como *barra* ou *hinchada*.

O Movimento 105 surgiu dessa reunião de torcedores que tinham o ideal de recuperar essa raiz, essa paixão de torcer pelo Galo. Porque, para o atleticano, não é sacrifício chegar na arquibancada, apoiar o tempo todo, cantar pelo time. Porque o Atlético é maior do que tudo. (...) E tem gente que não entende que se você vaiar um jogador, você tá vaiando a camisa... o jogador passa e o Atlético fica. E a gente sabia que, individualmente, se a gente agisse com esse intuito de apoiar sempre, de cantar, poderia até fazer alguma diferença, mas se estivéssemos unidos, isso teria um efeito bem maior. Então, a partir dessas ideias, desses desejos de trazer de volta esse apoio incondicional pra arquibancada, que o Movimento 105 acabou surgindo e vem seguindo até hoje, sempre colocando o Atlético como a razão pra gente estar ali (T-9).

Tendo isso em vista, é possível afirmar que a expressão de uma postura de apoio irrestrito ao Atlético teve um papel fundamental na construção do grupamento estudado. Representando um aspecto capaz de resistir às transformações passadas pelo Movimento 105 ao longo dos anos, essa é uma característica que, ainda nos dias de hoje, possui uma importância central para que a *barra* do Galo siga ao lado de seu time, desenvolvendo ações tanto dentro, quanto fora das arquibancadas.

3.1 O 105 NA ATUALIDADE: ESTRUTURA, ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÕES ACERCA DE UM MODO DE SER TORCEDOR

Passados treze anos de sua estreia nas arquibancadas, o Movimento 105 Minutos se encontra consolidado no cenário da torcida atleticana. Com cerca de 120 integrantes, o grupo tem uma predominância de membros do sexo masculino, que representam aproximadamente 80% do seu total de participantes²⁴. Tendo em vista a representatividade dessa questão na definição e na vivência de papéis sociais, tal característica foi importante na definição do perfil dos torcedores a serem entrevistados.

Escolhidos a partir da demarcação de duas formas distintas de se colocar na torcida – uma representada por pessoas que assumem funções de lideranças e outra composta por indivíduos com participação em atividades comuns a todos os membros –, os entrevistados compõem um grupamento formado por dez sujeitos, nos quais se encontram oito homens e duas mulheres. Quando observados em termos de faixa etária, esses torcedores estão, majoritariamente, inseridos em um perfil jovem, formado por seres com idades entre 18 e 25 anos. De forma geral, essa é uma situação que pode ser notada, também, na caracterização dos demais membros do Movimento 105.

Há, com isso, uma aproximação entre o perfil desses torcedores e aquele traçado por diferentes estudos sobre torcidas organizadas. Analisando produções pregressas como as de

²⁴ Para chegar a esse número, utilizei a lista de participantes do grupo oficial da torcida no *WhatsApp* (aplicativo de mensagens instantâneas).

Toledo (1996), Murad (1996) e Teixeira (1998), é possível perceber elementos que permitem caracterizar esses grupamentos como sendo, predominantemente, masculinos e juvenis. Nesse sentido, cabe dizer que, para além das impressões captadas pelas observações e pela identificação de proximidades com achados de outros autores, essa é uma questão passível de ser visualizada nas falas dos próprios integrantes da torcida:

O futebol, por si só, já é um meio onde tem uma presença maior de homens em relação às mulheres. E na torcida organizada, isso é ainda mais. Se você pegar o 105 hoje, com as meninas que vão na arquibancada, você vai ver isso... que é um número menor em relação aos homens (T-10).

Quando eu entrei na torcida, eu era o mais novo e fui muito bem acolhido pelos integrantes que estavam lá. (...) E com o passar do tempo, algumas dessas pessoas tiveram que se afastar um pouco, por questões de trabalho, família e, naturalmente, foi acontecendo de ganhar um espaço maior, de ter mais responsabilidades (T-7).

Respectivamente ditas por uma torcedora e por um torcedor que fazem parte do Movimento 105, essas falas apontam aspectos importantes sobre o grupo. Tanto no que se refere, quantitativamente, à ocupação dos espaços da torcida por pessoas dos sexos masculino e feminino, quanto no que diz respeito à interferência das fases da vida, nas possibilidades de fazer parte e de se dedicar às atividades da organizada, elas trazem elementos que corroboram as afirmações sobre o perfil predominantemente masculino e juvenil apresentado pelo grupamento em questão.

Para além disso, seguindo com uma perspectiva de ampliar as noções sobre a torcida estudada, questões sobre a escolaridade e a classe social de seus integrantes se colocam, também, como elementos dignos de nota. Sobre eles, é importante mencionar que, como não foi utilizado nenhum instrumento específico para coletar informações referentes à totalidade dos membros do Movimento 105, foram feitas postulações com base nas observações de campo e nas conversas com os integrantes da torcida.

Desse modo, tomando por base um somatório de percepções acumuladas durante o desenvolvimento dessa pesquisa, cabe afirmar que a maioria dos integrantes do Movimento 105 não se encaixa em um perfil periférico tradicionalmente atribuído aos torcedores organizados. Ainda que isso não signifique que essa seja uma torcida formada majoritariamente por indivíduos de alto padrão socioeconômico, é possível dizer que muitos de seus integrantes se enquadram em um estrato de classe média, com oportunidades de acesso à educação formal e à inserção no mercado de consumo. Assim, partindo das informações extraídas de forma direta através das entrevistas, chama a atenção o fato de que,

entre esses indivíduos, apenas um torcedor não havia concluído ou estava cursando o Ensino Superior, o que pode ser explicado pelo fato desse integrante ainda possuir idade escolar.

A título de comparação, ao tomar como referência o trabalho de Soares (2018), realizado com uma outra torcida organizada do Atlético, há diferenças importantes entre os perfis socioeconômicos dos integrantes desses dois grupos. Ao contrário do que foi identificado no Movimento 105, no grupamento estudado pela referida autora, a maioria dos membros são moradores de uma região periférica de Belo Horizonte, marcada pela presença de altos níveis de criminalidade violenta. Assim, as oportunidades de estudo, trabalho e condições gerais de vida são um tanto quanto distintas daquelas apresentadas pelos membros da *barra* do Galo.

Representando a maior e mais tradicional organizada do Clube Atlético Mineiro, o grupamento estudado por Soares (2018) é um, dentre os diferentes comandos presentes no interior dessa torcida. Composta por milhares de membros inseridos em um corpo de associados, ela é instituída por uma hierarquia bem definida, com presidente, vice-presidentes e diretores, sendo subdividida em grupos localizados em diferentes regiões da capital mineira.

No que se refere à territorialidade, o grupamento mencionado possui semelhanças com o que é observado no universo das *barras*, visto que, tal como mostrado por Moreira (2007), o pertencimento a determinado bairro apresenta-se como um componente essencial da identidade do *hincha*²⁵ (MOREIRA, 2007). Entretanto, voltando as atenções ao Movimento 105, é notável que o cenário de regionalização não corresponde à realidade por lá encontrada.

Composto por um número reduzido de membros, quando comparado à totalidade da torcida estudada por Soares (2018), o Movimento 105 Minutos tem uma atuação marcada pelas ações dos torcedores dentro dos estádios. Nesse sentido, no que se refere às possibilidades de fazer parte desse grupo, é possível afirmar que as aproximações com um determinado modo de torcer são mais importantes do que o local de moradia daqueles que almejam entrar para a *barra* do Clube Atlético Mineiro.

Seguindo um perfil que remete a elementos presentes na fundação do grupo, os integrantes do Movimento 105 residem em diferentes bairros e regiões da cidade de Belo Horizonte. Originada dentro de uma comunidade de torcedores em uma rede social, essa torcida tem, no Independência e no Mineirão, os principais territórios para a constituição de sua identidade. Sem possuir uma sede própria, esses são os espaços fundamentais para os encontros e as socializações entre os membros do grupo.

²⁵ Nomenclatura utilizada para se referir a algum torcer.

No que se refere especificamente às observações da pesquisa de campo, vale destacar as apropriações feitas pelos torcedores em relação ao interior e ao entorno da Arena Independência, local onde foram realizadas todas as partidas em que estive presente junto ao Movimento 105. Instalados em um espaço no setor cuja entrada se dá pelo portão 3 desse estádio, a *barra* do Atlético possui, assim como outras organizadas do clube, um lugar tacitamente instituído para abrigar seus membros durante os jogos. Localizado no terceiro bloco de cadeiras mais próximo à extremidade aberta do Independência, o território ocupado pelo 105 está dentro do setor conhecido como “Especial Pitangui”, que é compartilhado por integrantes de organizadas, juntamente com torcedores comuns.

Tendo chegado aos arredores do estádio por volta das 19h30, decidi que seria melhor ir direto para as arquibancadas, uma vez que o Movimento 105 já deveria se encontrar por lá. Assim, subi rapidamente a rua Pitangui e, ao chegar às proximidades dos portões do Independência, me deparei com um grande número de pessoas, o que mostrava que essa seria uma partida com “casa cheia”. Apressado para me juntar logo ao grupo, nesse dia não me atentei tanto às atividades que ocorriam no exterior do estádio, onde os torcedores costumam comer, beber e conversar antes dos jogos. Tendo partido em direção à fila de entrada para o portão 3, logo que passei pela catraca, olhei para o lado direito e pude avistar as barras do Movimento 105. Presentes no espaço onde essa torcida sempre se coloca nos jogos realizados no Independência, notei como esses objetos caracterizam, de modo especial, o lugar do estádio apropriado por seus integrantes. Andando pelo corredor em direção àquele espaço, pude perceber como as barras têm um efeito distintivo para o local, visto que, ainda que esse setor abrigue diferentes torcidas organizadas, a utilização de tais implementos é uma exclusividade do grupamento estudado (DIÁRIO DE CAMPO, ATLÉTICO X ATLÉTICO-PR, 10/09/2018).

Dentro desse contexto, é possível dizer que o território onde o Movimento 105 tradicionalmente se coloca na Arena Independência tem, principalmente em razão da utilização das barras, uma configuração visual que se diferencia daquelas que se fazem presentes em outros espaços do estádio. Ainda que seja comum que as organizadas decorem as arquibancadas com artefatos distintivos de cada grupamento, a utilização dessas extensas faixas de pano é adotada apenas pelo Movimento 105.

Contando com a organização interna e a dedicação de seus integrantes, as barras, juntamente com alguma faixa desse grupo, são fixadas no estádio com cerca de duas horas de antecedência em relação ao início horário de cada jogo. Para tanto, é fundamental a articulação dos membros da torcida, que se comunicam ao longo da semana, no intuito de preparar as ações que serão realizadas no estádio.

Sem possuir qualquer programa de associados, ou a presença de um estatuto que defina as funções ocupadas por cada integrante, há processos informais que atuam na

definição das lideranças do grupo, identificadas em indivíduos que assumem responsabilidades necessárias à existência e manutenção da torcida.

Primeiramente, eu gosto de falar que todos os integrantes têm a mesma importância. Às vezes, as pessoas podem não acreditar nisso, mas é verdade. No que se refere a assumir ou não uma posição de liderança, eu acho que tem a ver com as necessidades do grupo, que precisa de pessoas que tomem frente em questões importantes pro funcionamento da torcida, além da relação com a proatividade que cada um tem. Porque em torcida organizada, ninguém vai te pegar pelo braço e ficar mandando fazer isso ou aquilo. É questão de estar disposto, de se colocar pra ajudar. Chegar e falar: olha, eu tô aqui, vocês tão precisando de ajuda em alguma coisa? E aí vai desenvolvendo a partir disso, com as habilidades que cada pessoa tem, ela vai entrando e ajudando naquilo que pode. Dentro disso, vão sendo dadas as responsabilidades pra quem mostra esse comprometimento e essa capacidade de ajudar o grupo (T-9).

Para além disso, no que diz respeito à organização mais específica do Movimento 105, é possível dizer que, assim como verificado nas *barras* argentinas, no grupamento estudado é possível verificar a existência da figura de um “chefe” ou “*capo*”, que é um indivíduo a quem se atribui um protagonismo na representação e nas decisões que concernem ao grupo. Em outras palavras, é o *capo* quem tem a responsabilidade de representar a *barra* institucionalmente, fazendo os contatos com o clube, com jogadores e com autoridades da segurança pública (MOREIRA, 2007).

Entretanto, há diferenças marcantes na atuação do chefe do Movimento 105, em relação às ações dos *capos* das principais *barras* argentinas. No país vizinho, é notado que esses grupos detêm, com frequência, um poder que extrapola os limites das arquibancadas, se fazendo presente em espaços que incluem, tanto o núcleo administrativo dos clubes, quanto instituições políticas e judiciais do país (GRABIA, 2012).

Capazes de reunir e exercer influências sobre contingentes significativos de torcedores, os chefes dessas torcidas acabam, por muitas vezes, assumindo relações promíscuas com as autoridades dos setores mencionados. Nesse contexto, é possível dizer que os líderes das *barras* têm poder de cobrar benefícios dos dirigentes de suas equipes, em troca do apoio da torcida. Tal como mostrado por Moreira (2007), é comum que essas vantagens se materializem através do fornecimento de ingressos e/ou do custeio de viagens para que integrantes desses grupos se façam presentes nos jogos realizados fora de casa.

Guardadas as devidas particularidades, são notadas semelhanças entre as relações mencionadas e as dinâmicas de poder que envolvem grandes torcidas brasileiras. Sobre isso, menciono os trabalhos de Monteiro (2003) e Soares (2018), que, dentre outras coisas, mostram como os indivíduos que ocupam posições de liderança nesses grupamentos, podem

utilizar dessa condição para promover aproximações com políticos e/ou dirigentes de seus clubes.

No Movimento 105, por sua vez, apesar do *capo* ser responsável por representar a torcida junto ao clube e às autoridades de segurança pública, não foram notadas condições para que ele exercesse um poder semelhante ao que foi relatado acima. Ainda que não seja possível apontar um único fator capaz de explicar essa diferença, a quantidade de integrantes da torcida parece ser um elemento importante para refletir sobre essa questão, visto que tem implicações diretas com o contingente de pessoas que se colocam sob a influência desse indivíduo.

Ainda sobre as funções exercidas pelos membros do Movimento 105, é preciso mencionar que, além do *capo*, há outros torcedores que se colocam em posições de destaque dentro da torcida. Dentre eles, existem sujeitos que, por estarem há mais tempo ou por apresentarem uma postura ativa no grupo, acabam tendo um reconhecimento por parte dos outros integrantes e uma atuação de liderança em trabalhos necessários ao andamento da instituição. Assim, é possível mencionar os indivíduos que estão sempre presentes nos jogos, ou aqueles que têm uma postura imponente para puxar os cânticos nas arquibancadas, alguma habilidade para tocar na banda ou, até mesmo, a vontade e disponibilidade de ajudar em outras ações que se façam necessárias.

De forma mais institucionalizada, entretanto, é preciso mencionar a existência de um grupo reconhecido como sendo a diretoria do Movimento 105. Atualmente formado por sete integrantes (sendo seis homens e uma mulher), ele representa a instância responsável pelo planejamento e tomada de decisões fundamentais para as dinâmicas da torcida. Assim, se responsabilizam por ações como as viagens, as festas, as ações sociais, a confecção e a venda de materiais da *barra* do Clube Atlético Mineiro.

Na medida em que a torcida não possui um sistema de associados, alguns desses eventos exercem papéis importantes para a arrecadação dos recursos necessário à sua manutenção. Como o Movimento 105 não possui uma sede própria, não há valores vultuosos envolvidos em seus gastos correntes. Entretanto, existem despesas em torno da manutenção e da aquisição daquilo que os torcedores chamam de patrimônio, que são as faixas, as barras, as bandeiras, as bandeirolas e os instrumentos musicais do grupo.

Dentro desse contexto, a venda de materiais como camisetas, casacos, chapéus e adesivos com os símbolos da instituição são, juntamente com as “vaquinhas²⁶”, as ações

²⁶ Denominação popular para a arrecadação de fundos por meio de doações realizadas pelos membros de um determinado grupo ou instituição.

recorrentemente utilizadas para obter dinheiro com a finalidade de cobrir os gastos básicos do Movimento 105. Eventualmente, a realização de festas pode aparecer, também, como uma opção para a arrecadação de recursos, muito embora os torcedores declarem que o objetivo desses eventos não é gerar saldo financeiro para a torcida.

Para além da coordenação dessas ações, os membros da diretoria se colocam na linha de frente da organização dos procedimentos de preparação para os jogos, o que inclui desde reuniões com o clube, autoridades policiais e dirigentes de outras organizadas, até o planejamento relativo à disposição e fixação dos artefatos da torcida no estádio. Por se inserirem em tais situações, esses indivíduos acabam se tornando conhecidos por torcedores rivais, o que faz com que eles tenham algumas preocupações relativas à sua própria segurança.

Por estar em uma posição que exige algumas responsabilidades, a gente acaba ficando conhecido pelos torcedores de outras equipes né!? No clássico, por exemplo, a reunião é feita com todo mundo junto. Então, com o passar do tempo, as pessoas vão te conhecendo, vão lembrar de você. Aí, mesmo sem envolver nas confusões, isso acaba sendo uma situação que faz com que a gente tenha que tomar alguns cuidados... até em momentos normais da vida mesmo (T-7).

Dentre outras coisas, esse tipo de declaração abre espaços para reflexões acerca da violência, que se coloca como um tema importante, tanto no universo das *barras*, quanto no cenário que envolve as torcidas organizadas. Muitas vezes vinculados às confusões e embates entre torcedores dentro e fora dos estádios, esses grupamentos recebem uma atenção especial quando se trata de abordar as relações de seus integrantes com a ocorrência de episódios violentos nos jogos de futebol.

Prova disso é que, para além das tramas políticas, do recebimento de vantagens indevidas e das chantagens em busca de poder, diferentes trabalhos relatam a existência de uma aproximação dos *hichas* pertencentes às *barras* com aquilo que os autores chamam pelo nome de *aguante* (ZUCAL, 2006a; ZUCAL, 2006b; MOREIRA 2007; ALABARCES, ZUCAL e MOREIRA, 2008). Reconhecidos e respeitados dentro das *barras*, os *aguantes* ou *hichas aguantadores* são indivíduos que se dispõem a aceitar o desafio da luta corporal, demonstrando bravura, valentia e coragem (ALABARCES, ZUCAL e MOREIRA, 2008).

Uma vez que as *hinchadas* se estabelecem a partir de referenciais baseados em um ideal hegemônico de masculinidade, os comportamentos dos *aguantes* são bem vistos em seu interior. Em outras palavras, é possível dizer que, dentro desse universo, a briga é um elemento positivo, que aparece como um dos meios utilizados para que os *hinchas* afirmem suas identidades como “machos” (ZUCAL, 2006a).

A valorização desse tipo de comportamento, por sua vez, tem relação direta com o aparecimento da expressão “*barra brava*”, muitas vezes usada para se referir e qualificar as *barras*, de modo geral. Possuindo um viés negativo para falar sobre esses grupamentos, tal termo começou a ser utilizado a partir da década de 1980 e se popularizou em função de um uso recorrente por parte de jornalistas, que queriam se referir aos indivíduos que se envolviam com a produção de episódios de violência relacionados às partidas de futebol (CONDE, 2006).

No caso específico do Movimento 105, o envolvimento em confrontos físicos não foi observado ao longo do desenvolvimento desse estudo. Centrados em um ideal de apoio ao Atlético durante todos os momentos dos jogos, seus integrantes são diretos ao pontuar o afastamento da *barra* do Galo com as brigas de torcedores. Para tanto, além de falarem sobre um ambiente de tranquilidade existente no grupo, procuram mostrar que não fazem parte de uma torcida de “*pista*”, que é a denominação utilizada para se referir aos espaços onde ocorrem os embates entre membros de torcidas organizadas de futebol.

Quando eu entrei (no Movimento 105), eu era muito novo. Então, é inevitável que tivesse um receio, até por parte da minha mãe mesmo. Mas aí, logo no início ela já conheceu o pessoal, viu que era uma galera tranquila, eles chegaram a ir lá em casa e foi uma situação que passou confiança. Ela percebeu que era um ambiente bom, que não tinha essas coisas de briga, nem nada. (...) Hoje, se eu falo que vou sair e que tô com o pessoal do 105, ela já dá até uma tranquilizada (T-4).

O Movimento 105 não é uma torcida de pista. A gente não tem histórico de envolvimento em brigas, de participação nesses conflitos. Mas a gente sabe que no meio das torcidas existe. Então acaba que mesmo não participando, existem alguns riscos. Nas caravanas mesmo, que são situações que têm um risco maior, a gente conversa com outras torcidas, até pra nos fortalecer e pra ter uma segurança... mas a briga em si é um negócio que não faz parte da cultura do 105 (T-7).

Apesar dessa caracterização do Movimento 105 como um grupamento pacífico, tanto pelas falas sobre a conduta responsável de seus membros, quanto pelas menções a um histórico de distanciamento com situações de embates físicos, ao longo do estudo, foi possível notar a reprodução de atos de violência simbólica em meio aos comportamentos da torcida. Frequentemente presente e aceita no meio do futebol, essa manifestação da violência materializa-se, tal como dito por Reis (2005, p. 112), por meio de “*atitudes verbais e/ou gestuais*”, e se configura como uma prática “*emocionalmente satisfatória e agradável*”, capaz de produzir “*um efeito catártico no indivíduo*” que a realiza.

Verificada, de modo predominante, nas relações que se estabelecem com jogadores e torcedores adversários, essa ritualização da violência parece se configurar como um instrumento para a demarcação e a expressão de diferentes oposições criadas no meio do

futebol. Assim, os cânticos ofensivos, os xingamentos e o convite verbal para o confronto são, juntamente com gestos típicos de luta, como os punhos fechados e os cotovelos fletidos em posição de guarda, elementos marcantes de um simbolismo bélico que habita as arquibancadas desse esporte.

Terminado o primeiro tempo, os integrantes do Movimento 105 permaneceram de pé sobre as cadeiras. Nesse dia, no entanto, ao invés de se manterem virados em direção ao campo, parte desses indivíduos direcionaram seus corpos para o setor da arquibancada logo acima do local onde nos encontrávamos. Uma vez que a torcida do América havia sido colocada naquele espaço, as provocações que aconteceram durante o primeiro tempo, seguiram ao longo de todo o intervalo do jogo, com torcedores dos dois lados emitindo xingamentos, fazendo gestos de luta e desafios verbais aos seus adversários. (...) Entretanto, apesar do clima hostil, não houve a efetivação, nem mesmo tentativas de agressão física entre esses torcedores, ficando tudo no campo do simbolismo daquelas manifestações de oposição (DIÁRIO DE CAMPO – ATLÉTICO X AMÉRICA, 14/10/2018).

Para além do evento descrito, durante a realização da pesquisa de campo, vivenciei outras situações em que foram percebidas atitudes denotando a existência de práticas de violência simbólica no Independência. Amplamente reproduzidas pelos indivíduos presentes nos jogos de futebol, sejam eles torcedores comuns ou membros de torcidas organizadas, ações desse tipo são aceitas e naturalizadas no ambiente dos estádios. Fazem, assim, parte de um modo de agir que é aprendido e adotado por parte significativa dos sujeitos que frequentam esses espaços.

De modo adicional, ainda levando em consideração as falas dos torcedores acerca de questões envolvendo a violência, vale destacar um outro aspecto importante desse meio, que diz respeito à formação de alianças entre torcidas organizadas. Elementos importantes do universo que envolve esses grupamentos, as relações de união e amizade entre seus integrantes são abordadas em diferentes produções do meio acadêmico. Entre elas, é possível citar obras como as de Toledo (1996), Teixeira (1998), Lopes e Cordeiro (2010), Soares (2018) e Souza (2018), que mostram, em diferentes aspectos, o lugar ocupado por essas conexões nas dinâmicas de funcionamento das organizadas.

No que se refere às amizades, conforme foi mencionado por um dos integrantes do Movimento 105, o contato com outras torcidas pode ser visto como uma forma de proteção para esses grupos, ocorrendo tanto dentro, quanto fora do contexto do time que representam. Sobre esse dado, percebe-se um distanciamento com o cenário vivenciado pelas *barras* argentinas e uma aproximação com o que é praticado pelos grupamentos organizados do Brasil.

Dada a extensão do território brasileiro, são frequentes as conexões realizadas entre torcidas de diferentes estados. Dentre outras coisas, isso possibilita a troca de apoio e infraestrutura entre esses grupamentos, que recebem seus aliados quando eles se fazem presentes em sua cidade de origem (LOPES e CORDEIRO, 2010). Na Argentina, entretanto, esse não é um procedimento tão comum. Conforme dito por Zucal (2002), embora existam, ocasionalmente, alianças entre as *hinchadas*, essa situação costuma ser vista de forma negativa, como se representasse um demérito à masculinidade dos integrantes desses grupos.

No caso do Movimento 105, há, ainda, uma outra questão a ser observada, que diz respeito ao estabelecimento de aproximações com torcidas influenciadas pelo mesmo modo de expressar o torcer. Nesse sentido, ainda que seja mantido um padrão de amizades com grupamentos de equipes que mantêm uma boa relação com a principal organizada do Atlético, é possível perceber a existência de afinidades entre diferentes *barras* brasileiras.

Sendo assim, na medida em que o Movimento 105 Minutos conseguiu se consolidar e ser reconhecido como a *barra* do Clube Atlético Mineiro, seus integrantes passaram a estabelecer relações com grupamentos de outras partes do país, também caracterizados pela inspiração nesse modo de torcer. Como consequência, é comum que ocorram confraternizações entre os integrantes dessas torcidas, tanto dentro, quanto fora de Belo Horizonte. Tais situações ocorrem, geralmente, por eventos relativos ao calendário de jogos das equipes, no entanto, a cordialidade no relacionamento entre os membros dessas instituições não se resume aos momentos proporcionados pelas partidas de futebol.

Nos aniversários de fundação de alguma *barra*, por exemplo, é comum que sejam postadas homenagens nos perfis das torcidas amigas em redes sociais. Com essa atitude, além de mostrarem apoio e fortalecerem os laços entre os grupamentos, os responsáveis pela comunicação dessas instituições buscam valorizar o modo de torcer que compartilham. Para tanto, é comum que as mensagens de congratulações contenham inscrições que façam referência a um desejo de “vida longa às *barras*”.

Por fim, tendo em vista as questões apresentadas até o momento, é possível dizer que, ao tentar se aproximar das coletividades torcedoras presentes na Argentina e em outros países sul-americanos, parte das referências utilizadas pelo Movimento 105 Minutos, diz respeito às ações realizadas no interior dos estádios de futebol. Sendo assim, a sequência do capítulo será dedicada a apresentar experiências vivenciadas pelos integrantes dessa torcida, no que concerne à preparação e participação nos jogos do Atlético.

3.2 AS VIVÊNCIAS NOS DIAS DE JOGOS: DESCRIÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS QUE PERMEIAM A EXPRESSÃO DE UM MODO DE SER TORCEDOR

Em todas as partidas disputadas pelo Galo na Arena Independência, a reunião dos membros do Movimento 105 Minutos acontece em uma casa antiga, localizada a cerca de 100 metros dos portões pelos quais essa torcida acessa o estádio. Representando, oficialmente, a sede de uma outra organizada do clube, essa edificação serve como ponto de encontro de diferentes torcidas que, em virtude do bom relacionamento que possuem, compartilham do mesmo espaço para guardar seus materiais. Faixas, bandeiras, mastros e instrumentos musicais são, assim, presenças marcantes nesse local que, apesar de simples, tem uma importância fundamental para esses grupos.

Com pouco espaço interno para o trânsito de pessoas, é comum que os membros das diferentes torcidas se reúnam do lado de fora da casa, tanto na frente, quanto nas proximidades do passeio que leva ao seu portão de entrada. Por lá, eles têm a visão de um pequeno jardim frontal, cercado por grades não tão altas, que marcam a separação entre a rua e a edificação. Passado o portão de entrada, há um corredor estreito seguido por alguns degraus de escada, que levam os torcedores até a porta da casa, que se abre para uma sala frequentemente destinada à realização de encontros e reuniões.

Em seu exterior não há nenhuma referência ao Atlético, nem às organizadas que utilizam do local. Como consequência, ao passar pela região em dias sem jogos, aquela parece ser uma casa como outra qualquer, habitada por moradores da região. Ainda que as torcidas que utilizam desse espaço não tenham histórico de envolvimento com violência, essa característica pode ser vista como uma medida de segurança, a fim de não chamar a atenção de grupamentos ou torcedores de equipes rivais.

No que se refere especificamente à rotina dos integrantes do Movimento 105 nos dias de jogos, cabe mencionar que os primeiros torcedores a chegarem ao local começam a se fazer presentes cerca de três horas antes do início das partidas. Entretanto, não existe uma regra fixa quanto a isso. Em função do adversário, da importância do embate, do dia e do horário do jogo, podem ocorrer variações relativas à hora em que esses sujeitos se prontificam a chegar ao estádio. Desse modo, em confrontos realizados aos finais de semana ou cercados de maior expectativa, a antecedência que marca a reunião dos primeiros membros da torcida costuma ser maior.

Imbuídos de diferentes responsabilidades de ordem pessoal e profissional, os integrantes do Movimento 105 têm de conciliar suas rotinas com as atividades da torcida, o

que acaba fazendo com que parte das definições sobre os preparativos para os jogos seja realizada via *WhatsApp*. Em grupos específicos, esses indivíduos combinam o horário de chegada, confirmam ou não suas presenças nas partidas e delimitam os responsáveis pelas principais tarefas que serão executadas nos dias de jogos. Uma vez acordadas, essas atividades costumam ser seguidas e respeitadas pelos membros da *barra* atleticana, visto que elas exercem um papel fundamental em meio às dinâmicas que marcam a participação da torcida em cada partida.

Dentro desse contexto, amarrar as barras e fixar alguma das faixas do grupo na arquibancada, se colocam como duas das primeiras ações a serem realizadas nos dias de jogos. Autorizados pelo Atlético e reconhecidos pela equipe de segurança do estádio, membros do Movimento 105 se dirigem até a Arena Independência com a missão de caracterizar o espaço que é tradicionalmente ocupado pela *barra* do Galo. Com os portões ainda fechados para a entrada do público, os torcedores organizados têm liberdade para transitar por diferentes setores do estádio, possibilitando, dentre outras coisas, a ampliação de seus sentimentos de familiaridade e pertencimento àquele local.

Uma vez realizadas essas tarefas, seus executores retornam à entrada da casa onde o Movimento 105 se reúne nos dias de jogos. Caso não existam novas demandas relacionadas à recepção de alguma torcida amiga, ou à realização de outras atividades que não foram previamente programadas, os membros do grupo acabam ficando livres para circular pelas imediações do estádio. Unindo-se aos demais integrantes da torcida atleticana, eles se espalham pelas ruas no entorno do Independência, onde desfrutam de alguns instantes de tempo livre.

De modo geral, o período que antecede o início das partidas é marcado por vivências de socialização, acompanhadas pelo consumo de comidas e bebidas típicas dos estádios mineiros. Nesse sentido, torcedores se aglomeram em torno de vendedores ambulantes, bares e *trailers*, em busca de uma latinha de cerveja, um refrigerante, uma garrafa de água, um churrasquinho ou um prato de feijão tropeiro. Juntos, esses elementos constituem, por assim dizer, partes de uma rotina seguida por boa parte dos indivíduos que têm o hábito ir à Arena Independência para acompanhar as partidas do Atlético.

Para os torcedores organizados, entretanto, há algumas diferenças no que se refere às formas de vivenciar esses momentos. Por se perceberem como agentes ativos do cenário que envolve as partidas de futebol, eles mantêm um alto nível de atenção em relação às dinâmicas dos acontecimentos no entorno do estádio. Assim, ainda que também tenham seus momentos de descontração, estão sempre de olho nos eventos que marcam os dias de jogos, tecendo

comentários sobre ações da diretoria do time, da atuação da polícia e das relações entre as torcidas.

Sem nenhuma tarefa específica a cumprir, saí, juntamente com alguns torcedores, para procurar algo de comer nas proximidades do estádio. Andando em direção à rua de entrada do Independência, paramos em um bar que parecia ser comumente frequentado por integrantes da torcida nos dias de jogos. Enquanto os primeiros a chegar faziam seus pedidos, passaram alguns policiais na rua que, do alto de seus cavalos, faziam uma ronda na região do estádio. Nesse momento, um dos torcedores me perguntou se eu havia notado que dois deles estavam sem distintivo. Ao responder que eu não tinha percebido, esse torcedor me relatou que essa era uma prática usual de alguns policiais em dias de jogos, que retiravam seus nomes da farda, para poderem agir sem serem identificados pelos torcedores (DIÁRIO DE CAMPO – ATLÉTICO X BAHIA, 17/11/2018).

Dentre outras coisas, a cena descrita instiga reflexões sobre a relação que os torcedores organizados desenvolvem com a força policial. Frequentemente marcados por estigmas que os rotulam como vagabundos, marginais ou criminosos (SOARES, 2018), esses indivíduos se tornam, muitas vezes, alvos de ações da polícia, mesmo que nada tenham feito para serem submetidos a qualquer tipo de abordagem. Como consequência, à medida que vão tendo mais contato com esse meio, os membros de organizadas acabam construindo um conhecimento aprofundado sobre os comportamentos desses agentes estatais.

Dentro desse contexto, por estarem comprometidos com a imagem e com as necessidades da torcida, alguns integrantes do Movimento 105 se dispõem a não realizar determinadas ações nos dias de jogos. Há, por exemplo, indivíduos que não consomem bebidas alcoólicas nessas ocasiões, em função de uma consciência acerca das responsabilidades que possuem na representação do grupo. Com atitudes como essa, além de tentarem se afastar de estereótipos negativos comumente vinculados aos torcedores organizados, esses sujeitos procuram estar preparados para desempenhar as tarefas e solucionar os problemas para os quais possam ser solicitados.

Sendo assim, havendo ou não alguma demanda específica a cumprir, cerca de uma hora antes do início do jogo, é possível notar uma maior concentração dos integrantes do Movimento 105 nas proximidades do local em que eles se encontram. Reunidos no entorno da casa onde ficam os materiais do grupo, esses indivíduos se colocam como protagonistas de animadas conversações. Realizadas entre si ou se expandindo até os membros de outras organizadas, essas interações atestam a existência de um bom relacionamento entre esses sujeitos.

De modo concomitante a esse congraçamento, intensificam-se os preparativos para a seleção dos artefatos que serão levados ao estádio. Aos poucos, começam a surgir as

bandeiras, os mastros, as bandeirolas e os instrumentos musicais que acompanharão a torcida durante a realização da partida. Colocados no passeio sob os olhares de parte dos integrantes do Movimento 105, esses objetos começam a ser transportados para a Arena Independência com aproximadamente quarenta minutos de antecedência em relação ao apito inicial.

Observando o andamento das ações mencionadas até aqui, é possível dizer que quem toma a frente dessas atividades são quase sempre as mesmas pessoas. Tal como dito anteriormente, os diretores e o *capo* acabam tendo responsabilidades maiores na realização dos afazeres da torcida. Assim, na maioria das vezes são eles quem chegam mais cedo, coordenam e participam da realização das tarefas essenciais nos dias de jogos.

Entretanto, vale destacar que, para a efetivação desses acontecimentos, se fazem presentes contribuições de outros integrantes da torcida, revelando que, mesmo entre os membros comuns, há indivíduos que apresentam um alto nível de engajamento com o Movimento 105. Por não ter definições formais sobre os papéis ocupados por cada componente, a proatividade e o comprometimento desses torcedores se colocam como aspectos fundamentais para que a *barra* do Galo continue existindo e realizando suas festas nas arquibancadas.

Tal como mostrado por Teixeira (1998), o entendimento de que é necessário se dedicar à torcida, é um atributo presente nas conexões que membros de organizadas estabelecem com o grupamento ao qual eles fazem parte. Marcados por uma sensação de pertencimento coletivo, esses sujeitos sentem-se contentes por poderem ajudar o grupo, o que acaba fazendo com que muitos torcedores coloquem as atividades da torcida em um patamar de destaque na ordem de suas vidas.

Eu fui entrar mesmo no 105 no início de 2017... no final de 2016. E aí, quando eu entrei, comecei a frequentar o Independência junto com eles, comparecer em todos os jogos, fazer parte mesmo da torcida. E chegou um dia que me colocaram em um grupo pra eu ajudar a montar as faixas antes do jogo. Pra mim aquilo foi um momento de grande alegria. Poder estar mais próximo, ajudar nos preparativos. Foi algo que fez com que eu me sentisse ainda mais parte da torcida, foi um momento que guardo de uma forma bem legal (T-2).

Hoje eu vejo que tenho um papel importante no 105. Comecei do nada, mas sempre bem ativo, comprometido com as coisas do grupo e hoje eu tenho uma voz importante lá dentro. Vejo que as pessoas me perguntam as coisas... muita gente mais velha e eu tô lá, às vezes instruindo, mostrando como faz alguma coisa. E vejo como isso é um negócio que eu construí com o tempo, sempre participando de todas as atividades. (...) Então, enquanto pra um torcedor comum o jogo é só no dia, a gente passa a semana inteira pensando e preparando aquilo que vai fazer na arquibancada (T-5).

Ainda que a vivências em uma torcida organizada possa ser compreendida como um momento de lazer, é preciso entender que, para os indivíduos que têm um envolvimento maior

com o grupo, elas representam, também, a assunção de compromissos e responsabilidades. Para se tornar reconhecido e respeitado pelo grupo, o indivíduo precisa mostrar seu valor perante os pares, fato que se relaciona diretamente aos esforços dedicados às atividades da torcida e à assimilação dos ideais valorizados pelos componentes da instituição.

Sendo assim, ao adentrarem no estádio com os materiais, os integrantes do Movimento 105 Minutos iniciam um dos momentos mais importantes de suas vivências junto ao grupo. É possível dizer, que estar na arquibancada representa a possibilidade de vivenciar situações diretamente relacionadas aos ideais da *barra* do Galo, visto que as manifestações de apoio ao Atlético constituem um elemento fundamental em meio aos anseios dos participantes dessa torcida.

Como consequência, assim que se instalam no local onde tradicionalmente ficam nos dias de jogos, os membros do Movimento 105 começam a preparar os objetos que serão utilizadas ao longo da partida. Pouco a pouco, as bandeiras são fixadas nos mastros, os instrumentos retirados de suas capas e as bandeirolas distribuídas para integrantes e torcedores comuns espalhados pelas arquibancadas. Apesar da importância dessas ações, tudo ocorre em um clima de tranquilidade, com espaço aberto para conversas e brincadeiras entre os componentes da torcida.

À medida que se aproxima o horário de início do jogo, os membros responsáveis pela banda começam a puxar as primeiras músicas de apoio ao Atlético. Marcadas por uma cadência típica dos cânticos que ecoam em estádios de diferentes países da América Latina, essas canções são acompanhadas pelos demais integrantes do Movimento 105, juntamente com alguns outros torcedores que assistem aos jogos naquela região do estádio. Nesse momento, as bandeiras e bandeirolas também começam a tremular nas arquibancadas, dando o tom da identidade sonoro-visual que caracteriza a *barra* do Clube Atlético Mineiro.

Quando é chegada a hora das equipes entrarem em campo, as organizadas do Atlético têm o costume de levar suas bandeiras até o vidro que separa o campo das arquibancadas. Nesse espaço, elas formam um extenso corredor composto por imagens e símbolos de diferentes torcidas, criando um belo efeito visual para recepcionar os jogadores. Assim que esses indivíduos adentram no gramado, uma agitação toma conta do Independência, caracterizando-se pela presença de um intenso foguetório e de diversos gritos de apoio ao Atlético.

Nesse instante, os integrantes do Movimento 105, em conjunto com os demais torcedores atleticanos, se preparam para cantar o hino de seu clube. Entoadado de forma concomitante à execução do hino nacional, esse cântico revela uma interessante característica

do pertencimento clubístico, que, pelo menos naquela situação, se sobrepõe à identificação com um importante símbolo pátrio.

De pé sobre as cadeiras, os integrantes do Movimento 105 preenchem parte do espaço delimitado pelas três barras alvinegras que essa torcida tradicionalmente leva aos jogos. Colocando-se em uma posição fisicamente superior àquela ocupada pelos demais torcedores, esses sujeitos formam um bloco que se destaca na arquibancada, tanto pela postura, quanto pelos comportamentos apresentados por seus membros. Através de cantos e gestos, eles buscam manifestar o amor que sentem pelo Galo, utilizando representações que imaginam se aproximar dos modos de torcer característicos das *barras*.

A cadência das músicas é um ponto importante desse jeito de torcer. Porque nós temos o ideal de apoiar e cantar pelo Atlético o tempo todo, mas ninguém dá conta de cantar naquela explosão o jogo inteiro. (...) Então, já no início, alguns integrantes tiveram essa ideia desse canto mais cadenciado, que é característico das *barras*. E com ele a gente consegue manter o ritmo e seguir apoiando durante os 105 minutos do jogo (T-9).

Acho que uma coisa específica do Movimento 105 é o alento. Que é esse jeito de torcer e de acompanhar as batidas da música com os gestos dos braços. No Brasil, a gente vê muito a questão das palmas, que fazem parte da cultura das torcidas brasileiras. E no Movimento 105, a gente traz essa inspiração das *barras*, que faz com que a gente tenha essa manifestação diferente, de ter esse movimento com os braços pra acompanhar (T-4).

Guiados por essas noções, os membros do Movimento 105 procuram cantar do início ao fim do jogo, sem se importarem com o placar da partida, ou com o desempenho do Atlético dentro de campo. Paralelamente a isso, costumam movimentar um dos braços juntamente com as batidas que marcam os tempos das músicas. Na execução desse gesto, deixam um ombro parcialmente fletido, enquanto estendem e flexionam o cotovelo no ritmo das canções. Usualmente utilizado pelos *hinchas* de equipes hispano-americanas, esse movimento é conhecido pela denominação de “alento” e é reproduzido ao longo dos jogos pelos componentes da *barra* atleticana.

Para além dessas questões, ao observar as reações e os comportamentos desses torcedores durante os jogos, é notável a existência de um sentimento de alegria sendo compartilhado por eles. No decorrer das canções que propagam durante os jogos, escapam sorrisos e olhares de aprovação entre os membros do Movimento 105, o que, de certo modo, pode ser visto como formas de manifestar uma satisfação por estarem desempenhando ações que vão em direção ao ideal que possuem sobre o torcer.

Dentro desse contexto, os cânticos vão se revezando e sendo puxados por diferentes membros da torcida. Sem uma definição explícita de quem deve comandar a escolha das

músicas, é possível notar a presença de integrantes que, pela entonação de voz ou pelo espírito de liderança, acabam se colocando na linha de frente para o exercício desse papel. Entretanto, caso outros torcedores se mostrem interessados e capazes de desempenhar essa função, eles podem também fazer essa regência.

Eu vim pro Movimento 105 porque eu sou um torcedor que gosta de apoiar a equipe. Não é sempre que eu posso estar presente nos jogos, mas, no estádio, eu gosto de cantar, de chamar a torcida. Não é nada planejado, nem uma função que alguém me deu. Mas eu me sinto no dever de chamar as pessoas, de gritar, pra gente conseguir ajudar o Galo dentro de campo. E aí, eu até vejo que quando eu tô na arquibancada, as vezes o pessoal olha pra mim, esperando que eu dê um grito chamando a próxima música (T-1).

Por outro lado, quando são notadas atitudes que se desviam das expressões de apoio incondicional ao Atlético, as reações desses torcedores se tornam diferentes. Para os integrantes do Movimento 105, não cantar durante a partida é algo que se opõe à ideologia do grupo. Assim, quando esse comportamento é percebido na arquibancada, é comum que os próprios componentes da torcida cobrem daquele indivíduo que não está seguindo o modo de agir esperado e valorizado por eles.

No que se refere aos torcedores comuns, as reações mais explícitas acontecem quando estes começam a vaiar a equipe ou a criticar efusivamente algum jogador do Atlético. Nessas ocasiões, podem haver discussões entre os membros do Movimento 105 e aqueles torcedores que estão se manifestando “contra o Galo”. Em outros casos, verifica-se ações no sentido de abafar as manifestações negativas, o que é feito por meio da ampliação da intensidade dos cânticos emitidos pela *barra* atleticana

De modo adicional, vale destacar que há, também, situações em que os torcedores comuns se incomodam com as manifestações dos integrantes dessa torcida. Nesse sentido, tremular as bandeiras ou se colocar de pé sobre os assentos do estádio, são atitudes que, vez ou outra, provocam a irritação de pessoas que têm sua visibilidade prejudicada por esses comportamentos. Quando isso ocorre, é comum que surjam discussões entre esses espectadores e os integrantes do Movimento 105, que, por estarem em maior número, acabam se impondo e fazendo prevalecer o seu modo de torcer.

Ainda sobre isso, é possível dizer que as barras também constituem elementos que provocam essa perda de visibilidade. Estendidas sobre as arquibancadas, elas acabam por atrapalhar a visão de alguns setores do campo, gerando reclamações por parte de alguns torcedores, que pedem para que elas sejam abaixadas ou, em casos mais extremos, tentam retirá-las à força. Em tais situações, os membros com posição de liderança são quem se prontificam a solucionar os problemas.

Conhecidos pelos profissionais que trabalham no estádio, eles têm todo um aparato que lhes permite agir sem muito alarde, no sentido de fazer com que as coisas retornem à normalidade. Na medida em que há uma permissão do Atlético para que os artefatos das torcidas sejam colocados nas arquibancadas, a resolução é sempre no sentido de convencer o torcedor a trocar de lugar, visto que existe uma tradição em caracterizar aquele espaço com os materiais do Movimento 105.

A partida se desenrolava sem grandes emoções dentro de campo, enquanto, na arquibancada, os integrantes do 105 cantavam as músicas tradicionalmente utilizadas para apoiar o Atlético. No entanto, passados pouco mais de dez minutos do início do jogo, comecei a ouvir alguns gritos diferentes, que vinham de pessoas que pareciam estar na região das cadeiras localizadas alguns degraus atrás de mim. Ao me virar na direção dos ruídos, me deparei com uma discussão entre torcedores e, rapidamente, pude verificar o deslocamento de alguns membros do Movimento 105 para as proximidades do local do desentendimento. Lá, era possível visualizar um torcedor mais exaltado, exigindo que as barras fossem retiradas da arquibancada. Com a justificativa de que aqueles objetos estavam tirando sua visão do campo, ele tentava fazer valer sua vontade, ao passo que encontrava integrantes da torcida argumentando que as barras não seriam retiradas, pois havia autorização para que elas fossem colocadas naquele local. Sem chegar a um acordo, antes que as coisas tomassem uma dimensão maior, um líder do Movimento 105 apareceu acompanhado de um segurança do estádio. Embora eu não tenha conseguido captar o conteúdo da conversa, o torcedor parece ter sido convencido a mudar de lugar, pois se retirou daquele espaço, permitindo que o Movimento 105 permanecesse normalmente no local (DIÁRIO DE CAMPO- ATLÉTICO X VASCO, 23/08/2018).

Por se posicionarem em um setor onde torcedores comuns e torcidas organizadas compartilham o mesmo ambiente, os integrantes do Movimento 105 têm de conviver com diversos tipos de pessoas, portadoras de diferentes anseios acerca da experiência de assistir à uma partida de futebol no estádio. Previamente unidos pela identificação com o Atlético, esses indivíduos podem entrar em embates em virtude de possuírem concepções conflitantes sobre suas formas de manifestar torcer. Entretanto, ainda que existentes, essas situações não ocorrem em todas as partidas, de modo que é possível dizer que o respeito e a cordialidade predominam nas relações entre esses indivíduos.

Uma vez encerrada a partida, enquanto a maioria dos torcedores vai embora, os membros do Movimento 105 permanecem no estádio, com o intuito de recolher seus materiais. Começa, então, um trabalho coletivo de cerca de 20 ou 30 minutos de duração, que culmina na retirada das barras e faixas, no desprendimento das bandeiras e no recolhimento das bandeirolas e dos instrumentos musicais. Assim como a participação ativa durante o jogo, essas atividades também são valorizadas pelos torcedores, na medida em que mostram a dedicação e o engajamento dos integrantes para com as necessidades da torcida.

Com todos os materiais reunidos, os integrantes da *barra* do Galo partem rumo à casa localizada nas proximidades da Arena Independência, onde deixam esses objetos guardados

até a próxima partida do Atlético. Finalizadas as ações relativas ao jogo, há indivíduos que saem juntos para comer e conversar sobre assuntos diversos, mostrando que alguns laços criados pela torcida podem extrapolar a convivência diretamente vinculada ao âmbito futebolístico. Nesse sentido, além de se inserirem em um grupo onde recebem influências para compartilharem um determinado modo de torcer, esses sujeitos desenvolvem relações que integram diferentes dimensões de suas vidas.

Feita essa exposição, trabalharei no capítulo seguinte, de forma mais aprofundada, com os discursos que permeiam as ações e os comportamentos que envolvem as interações desses torcedores. Busco, com isso, construir compreensões sobre os papéis desempenhados por diferentes enunciados na produção do modo de ser torcedor compartilhado pelos membros do Movimento 105 Minutos.

Para tanto, vale lembrar que há um extenso leque de enunciados inseridos em diferentes situações do cotidiano, fato que faz com que Veiga-Neto (2014, p. 94) inclua “um horário de trens”, “uma fotografia” ou até mesmo “um mapa” em meio aos elementos que podem ser concebidos como tal. Sem se manifestarem necessariamente circunscritos a verbalizações sujeitas às regras gramaticais, tratarei, na sequência desse estudo, de diferentes elementos capazes de produzir sentidos para a produção do modo de torcer compartilhado pelos integrantes do Movimento 105. Dentre eles se encontram, além das falas dos torcedores, os materiais da torcida, os emblemas do grupo e os versos que compõem as músicas cantadas nos estádios.

4 ESSA MASSA QUE TE SEGUE: OLHARES SOBRE DISCURSOS QUE ATUAM NA (RE)PRODUÇÃO DE SUJEITOS TORCEDORES

*“É essa Massa que te segue sempre a todo lado
É essa Massa que não para de te apoiar
Passam os anos, jogadores e campeonatos
E o sentimento por você nunca vai terminar*

*E vamos Galo não podemos perder
E vamos Galo que temos que ganhar
Nessa loucura o seu centenário vou comemorar”*

(Movimento 105 Minutos, “Massa que te segue”)

Ao realizar a apresentação do cenário e das ações que permeiam as vivências de torcedores como integrantes do Movimento 105 Minutos, foram mencionados elementos centrais para compreender o currículo envolvido na formação desses sujeitos. Tomado como um “território povoado por buscas de ordenamentos (de pessoas e espaços), de organizações (de disciplinas e campos), de sequenciações (de conteúdos e níveis de aprendizagens), de estruturações (de tempos e pré-requisitos), de enquadramentos (de pessoas e horários)”, esse artefato tem conexões intrínsecas com movimentos que se relacionam à “constituição de modos de vida” (PARAÍSO, 2010, p. 588).

Sendo assim, uma vez que detêm o poder de produzir os objetos sobre os quais eles falam (FOUCAULT, 2008), os discursos podem ser vistos como agentes ativos na constituição dos currículos. Capazes de estabelecer vontades de verdade, eles atuam na delimitação do que pode e do que não pode ser dito, de comportamentos entendidos como adequados e como inadequados. Estão, portanto, envolvidos em práticas que se referem ao aparecimento de regras que organizam as interações humanas, em suas diferentes formas e espaços.

Nesse contexto, ao falar da produção de torcedores, não me refiro a algo que ocorre isoladamente, dentro de uma ou de outra torcida organizada. Ainda que eu trate de ocorrências relativas a um grupamento dessa natureza, entendo que seus processos formativos têm relações que extrapolam as fronteiras da torcida em si. Inseridas em um cenário amplo, tais formações ocorrem em meio a regras e expectativas, histórica e culturalmente estabelecidas, acerca daquilo que se espera de sujeitos que se colocam como apreciadores do futebol. Por meio do trabalho de campo, pude, então, me aproximar de um grupo que apresenta proximidades e dispersões com diversas outras formas de torcer.

Passíveis de serem aprendidas e ensinadas, tais expressões atuam na (re)produção de sujeitos torcedores que se manifestam de diferentes formas, tanto dentro, quanto fora dos estádios. Entretanto, apesar da existência de variações entre si, todos esses modos de ser torcedor relacionam-se a uma mesma formação discursiva, dotada de um conjunto de dispersões e regularidades (FOUCAULT, 2008). Isso quer dizer que, ainda que existam múltiplas formas de vivenciar experiências como torcedor de futebol, há regras que determinam a inteligibilidade dos discursos que permeiam essa experiência.

Dentro desse contexto, mesmo imerso em um cenário composto por normas comuns relativas aos modos de se manifestar como torcedor, vejo o Movimento 105 como um espaço onde o atleticano pode encontrar referências específicas sobre como vivenciar essa situação. Capaz de trazer ensinamentos sobre “comportamentos, procedimentos, hábitos, valores e atitudes, considerados adequados e desejáveis” (PARAÍSO, 2001, p. 144), esse grupo possui um currículo que atua na formação de seus participantes como torcedores.

Como consequência, é possível dizer que os integrantes da *barra* do Galo interagem em meio a um conjunto de saberes envolvidos em uma “economia do afeto que busca produzir certo tipo de subjetividade e identidade social” (SILVA, 2003, p. 136). Objetivando compreender os processos envolvidos na produção dos sujeitos que participam dessa torcida, dou atenção a elementos que me auxiliam a entender os caminhos que seus membros utilizaram para construir as verdades sobre um determinado “eu torcedor”.

Para isso, busco tanto as identidades que unem suas falas, quanto as diferenças que movimentam e dão vida ao currículo que envolve esses seres. Entendido como um objeto que está em constante processo de formação (PARAÍSO, 2010), esse artefato se materializa por meio das interações, dos enunciados, das ações e dos comportamentos dos membros da torcida.

Na sequência do capítulo, é sobre esses aspectos que destinarei meus olhares. De forma mais específica, buscarei trabalhar com questões que me permitam ver os artifícios utilizados pelos integrantes do Movimento 105, para se definirem enquanto sujeitos integrantes dessa torcida.

4.1 ENTENDENDO O PROCESSO FORMATIVO: CONSTITUIÇÃO, CONSOLIDAÇÃO E SENTIDOS RELACIONADOS A UM MODO DE SER TORCEDOR

Majoritariamente composto por homens brancos e jovens, o Movimento 105 pode ser visto como um grupo cujos integrantes, à primeira vista, parecem apresentar mais

similaridades do que aquilo que se pode perceber a partir da prática investigativa. Marcados por possuírem diversas ocupações, por terem origens diferentes, por se inserirem em classes sociais distintas e por serem portadores de variados posicionamentos políticos e ideológicos, esses indivíduos encontram, no apreço pelo Atlético, a chave para o estabelecimento das ligações capazes de os unir em torno de um interesse em comum.

Vindos de famílias atleticanas, mesmo possuindo trajetórias de vida diversas e se encontrando diferentemente posicionados no mundo, os sujeitos da pesquisa carregam similaridades em seus processos de formação como torcedores. Distanciando-se de narrativas voltadas à existência de uma suposta essência em ser atleticano, os relatos coletados mostram a importância atribuída à família na construção de seus vínculos com o Clube Atlético Mineiro.

Minhas relações com o Galo e com o futebol começaram muito cedo, por causa do meu bisavô, que era atleticano, e daí isso foi passando pra família inteira, que é toda atleticana. Comecei a gostar, vendo os primos, os tios...até que um dia pedi para minha mãe, porque não tenho contato com meu pai, para me levar ao estádio. A partir daí eu nunca mais saí do estádio (T-1).

O futebol sempre esteve comigo desde que eu era criança. Meu lazer era jogar futebol, era ver futebol, era acompanhar o futebol profissional, ou o meu pai jogando futebol em uma quadra perto de casa. Então eu sempre estive envolvido com brincadeiras, com ir em estádio. Então comecei a gostar do futebol por acompanhar meu pai, por gostar de jogar também e o Atlético veio um pouco do meu pai e do meu tio (T-3).

Eu vim de uma família onde o futebol estava muito presente e onde todo mundo era atleticano: meu pai, meus tios. E aí, quando eu era pequeno, tive uma tendência de ir pro lado de lá, mas meu pai não deixou. E com seis, sete anos, passei realmente a apreciar o futebol no geral, a não perder nenhum jogo. Então eu já frequentava o estádio nessa época, já ia em muito jogo do Atlético. E agradeço ao meu pai por ter me feito atleticano (T-5).

Sendo o núcleo familiar um espaço eminentemente educativo, por lá se iniciam diversas relações identitárias capazes de acompanhar as pessoas ao longo de todo o processo de suas vidas. Permeado por relações de poder, esse meio atua na transmissão de saberes que participam do delineamento de condutas e escolhas de seus integrantes, o que pode ser visto em trabalhos como os de Bergo (2011) e Prates e Garbin (2017), que tratam dos aprendizados vinculados a diferentes crenças religiosas.

Falando especificamente do futebol, é possível dizer que, tal como mostrado por Damo (1998) e Silva (2001), o afeto por um time da modalidade pode ser visto como um conteúdo valorizado no âmbito familiar. Nesse sentido, há possibilidades de enxergar a escolha e o estabelecimento de vínculos com uma equipe, como resultado de ações

educativas. Decorrentes da transmissão de saberes entre indivíduos de diferentes gerações, essas práticas atuam sobre os sujeitos que vão, aos poucos, se constituindo como torcedores de algum clube da modalidade.

Olhando para os indivíduos estudados, pude perceber que, para além de constituírem um sentimento de proximidade com o Atlético, os vínculos familiares parecem ter sido responsáveis por instigar uma vontade de acompanhar essa equipe de perto. O desejo e o apreço por ir aos estádios são colocados, então, como anseios que acompanham esses seres em momentos anteriores às suas entradas no Movimento 105 Minutos.

Meu tio era membro de uma organizada quando eu era criança. E eu via ele indo pra estádio, sempre queria ir, mas quando criança ia muito pouco. Então eu ficava com aquilo, de que, quando eu crescesse, eu iria pro estádio o máximo que eu pudesse. Então, assim que eu pude, comecei a ir aos jogos e hoje, sempre que eu posso, procuro estar presente em todos os jogos do Atlético (T-3).

Eu sempre gostei de ir no campo. Minha relação com estádio tem muita proximidade com meu pai, que foi quem me ensinou a gostar de ir ao campo. Quando criança a gente ia juntos. Depois, como adolescente também... até que chegou um momento que passei também a ir sozinho, porque isso foi ganhando uma dimensão cada vez maior pra mim e meu pai não foi acompanhando tanto mais (T-8).

Quando eu era pequeno eu não ia muito ao estádio. Apesar da minha família ser toda atleticana, como meus pais são do interior, eles acabaram não criando essa cultura de estádio. Mas pra mim, aquilo era um grande sonho. (...) Então, já na adolescência, eu comecei a trabalhar e passei a ir. Ia ainda no antigo Mineirão, não ficava junto com torcida, mas procurava estar sempre presente nos jogos (T-2).

Dentro desse contexto, a família aparece como uma instância pedagógica atuante na constituição desses torcedores. Na medida em que o desejo é tido como um componente “fundamental para aprender” (PARAÍSO, 2009, p. 278), sua presença nessas falas revela a abertura dos sujeitos para uma imersão em vivências mais profundas no universo do futebol. Assim, apesar de possuírem diferentes histórias de vida, esses indivíduos vão construindo afinidades a partir do sentimento cultivado por uma dada equipe da modalidade.

Para além disso, o desejo de ir ao estádio marca, também, uma espécie de encantamento com o clube e com o local onde o Atlético realiza suas partidas. Caracterizado por ser um espaço onde os torcedores podem expressar os sentimentos e emoções que sentem por seu time do coração, o estádio tem um valor simbólico importante para esses sujeitos. Afinal, tal como dito por Mascarenhas (2014), esse é o lugar onde os fãs procuram se fazer protagonistas do espetáculo futebolístico, sofrendo, gritando, reclamando, gesticulando e se articulando coletivamente em torno da paixão e da fidelidade que nutrem por um clube.

Nesse sentido, na medida em que o Movimento 105 tem suas atividades predominantemente marcadas pela atuação no interior dos estádios de futebol, a manifestação

de apreço por estar presente nesse espaço mostra que os integrantes da *barra* do Galo se aproximam, ou tentam se aproximar, de um ideal cultivado e valorizado pelo grupo. Representando uma torcida que surgiu da vontade de apoiar o Atlético de forma incondicional, o Movimento 105 se coloca como um grupamento onde a postura nas arquibancadas aparece como a principal exigência relativa ao perfil de seus integrantes.

Em meio a esse contexto, quando se olha para os discursos relativos à entrada na torcida, a aproximação espontânea a partir da presença na Arena Independência aparece como um dos elementos mais mencionados pelos torcedores. Ainda que não seja a única forma de se inserir na *barra* do Galo, visto que também há casos em que novos integrantes chegam devido ao convite de amigos ou familiares, o estádio parece ser a principal porta de entrada para que uma pessoa estabeleça seus primeiros contatos com o grupo.

No meu caso específico, eu vejo que a entrada no 105 foi muito espontânea. Eu já ficava ali, naquele setor do Independência onde fica a torcida... e eu cantava, vibrava junto com eles, tinha um modo de torcer que se aproximava muito do 105. Aí acho que alguém virou e falou: nós temos que chamar esse cara, porque acho que ele é mais um de nós que tá ali. É um de nós que tá perdido ali. E foi assim que eu entrei na torcida (T-4).

Eu com 11 anos ia no estádio mas ficava... costumava ficar no setor de cima do 105. Eu olhava e aquilo já me interessava. Com 11, 12 anos, eu não podia ir muito, porque minha mãe não confiava ainda. Mas quando eu fiz 13 anos, comecei a frequentar mais o estádio e ia sempre perto do 105. Foi aí quando eles me chamaram, teve aquela fase de agrupamento, de conhecer mesmo o grupo. E aí eu comecei daí pra frente, a seguir com o 105 (T-5).

Para além da satisfação e do desejo em estar presente em partidas de futebol, os relatos acima mostram um ponto relevante acerca dessa forma de entrar para o Movimento 105: em ambos os casos, há referências a contatos feitos por membros dessa torcida, convidando os entrevistados a se juntarem à torcida. Assim, passado um período em que esses torcedores se colocaram como presenças constantes no estádio, participando das dinâmicas do ambiente, adotando uma postura de apoio semelhante à empregada pelos membros desse grupo, eles acabaram por receber o convite para ingressarem no 105.

A situação narrada corrobora, então, a ideia de que, para integrar esse grupo, os elementos essenciais são a presença no estádio e o apoio incondicional ao Galo. Retomando as falas acima, as menções a práticas como “cantar” e “vibrar” junto à torcida, a partir da manifestação de “um modo de torcer próximo ao do 105”, exemplificam essa questão. Valendo-me de um termo utilizado no universo desses torcedores, é possível dizer que os comportamentos mencionados se aproximam a uma dita “ideologia” do grupo.

Representando um elemento valorizado pelos componentes da torcida, a ideologia pode ser entendida como um conjunto de regras e ideais sob os quais são pautadas as ações do grupo. Nesse sentido, ela detém um potencial regulador, sendo capaz de definir o normal e o anormal, o que se enquadra e o que não se enquadra em seus padrões, possuindo um papel importante na produção dos indivíduos que participam da torcida. Tal como dito por Veiga-Neto (2014, p. 74):

A norma se aplica tanto ao corpo a ser disciplinado, quanto à população que se quer regulamentar; ela efetua a relação entre ambos, a partir deles mesmos, sem qualquer exterioridade, sem apelar para algo que seja externo ao corpo e à população que está nesse corpo.

É possível dizer, então, que a norma exerce um poder que se estabelece de forma silenciosa, possuindo efeitos tanto sobre corpos, quanto sobre populações. Relacionadas à definição de condutas, as normas têm importante participação na constituição curricular, uma vez que esse artefato é produzido a partir de uma multiplicidade de conteúdos, temas, histórias e regras (PARAÍSO, 2001).

Conectando esse conceito à ideologia do Movimento 105, nota-se que aquilo que é entendido como normal gira em torno de representações de sujeitos torcedores que expressam seu amor, sua devoção, sua fidelidade e seu apoio incondicional pelo Atlético. Dentre outros, são esses os conteúdos que recebem o maior destaque nas falas dos torcedores acerca dos significados que permeiam o pertencimento à *barra* do Galo.

Para mim, ser do Movimento 105 é fazer parte de uma torcida que canta o tempo inteiro, que vai aos jogos e que mostra seu amor pelo clube em qualquer situação. Acho que é isso que nos move, que faz a gente ficar juntos, construir as amizades e sentir essa alegria de estar na arquibancada pra apoiar o Atlético (T-10).

Ser do 105 é um estilo de torcer. Não que a gente seja melhor ou pior do que os outros torcedores, porque todos são atleticanos. Mas o cantar o tempo todo, apoiar em qualquer situação, não vaiar a equipe durante os jogos, isso é o que a gente procura, é o que tá na nossa ideologia (T-8).

Bom, eu acho que é amar o Atlético. É isso (que precisa para ser do 105). É amar o Atlético e estar disposto a apoiar a equipe, a fazer pela equipe, se doar pelo time. Porque nós precisamos participar pra fazer a torcida existir e a função do 105 existir é o apoio ao Atlético (T-9).

Presentes no imaginário que ronda a relação de torcedores com seus clubes, o amor e a fidelidade por uma equipe não são elementos inovadores ou exclusivos, capazes de diferenciar os integrantes do Movimento 105 de outros apreciadores do futebol. Entretanto, a menção a eles revela a adoção de um discurso valorizado no âmbito da modalidade, representando uma

regularidade com enunciados encontrados em produções como as de Teixeira (1998), Damo (1998) e Silva (2001), por exemplo.

Ao buscar conhecer como são os torcedores produzidos na *barra* do Galo, essas são questões importantes para a se considerar, visto que, além de enunciadas, guardam relações diretas com as ações e comportamentos manifestados por esses indivíduos. Apesar disso, por si só, elas não se bastam para explicar as particularidades que envolvem os modos de torcer dos membros do grupo.

Para buscar essas características, é preciso notar que, em torno da ideologia de amor, apoio e fidelidade, encontram-se controles e repreensões a indivíduos que se distanciam das regras estabelecidas pelo grupo. Conforme demonstrado pelo relato abaixo, extraído do diário de campo, esse tipo de situação é observada em meio às dinâmicas que marcam as ações do Movimento 105 Minutos nas arquibancadas, onde os corpos de seus integrantes se encontram constantemente vigiados e controlados.

Ao começar o primeiro tempo, me coloquei a cantar e a fazer os gestos de alento, repetindo a postura de apoio seguida por todos os integrantes do 105. Como a expectativa gerada pelo jogo era alta, por diversos minutos as arquibancadas estiveram animadas, com quase a totalidade do estádio se manifestando em apoio ao Atlético. À medida que o tempo foi passando, entretanto, a empolgação dos torcedores comuns foi se tornando menor, o que fez com que o Movimento 105 tentasse cantar ainda mais alto, para animar as pessoas ao redor. Para isso, havia um integrante da torcida que, de costas para o campo, olhava para os membros do grupo e ficava chamando todos para que cantássemos cada vez mais alto. Quando ele percebia que alguém estava parado, caminhava até a pessoa e chamava ela de perto, de modo que, esquecendo o que se passava dentro de campo, passou vários minutos controlando e chamando os torcedores para fazer aquilo que o Movimento 105 entende como sendo o ideal do grupo e a obrigação de todo atleticano (DIÁRIO DE CAMPO, ATLÉTICO X GRÊMIO, 03/11/2018).

Ao analisar esses dados é possível perceber que, ainda que exista um imaginário comum entre torcedores, de que é preciso amar e apoiar o clube de maneira incondicional, no Movimento 105 a adequação do discurso à prática nos estádios é algo flagrante no comportamento dos integrantes do grupo. Presente no nome da torcida, a manifestação de apoio do início ao fim do jogo é uma regra importante para esses indivíduos.

Uma vez cientes do modo de agir valorizado no interior da torcida, os integrantes do Movimento 105 buscam, além de conformar suas atitudes a um determinado padrão de comportamento, estabelecer uma espécie de vigilância para que outros indivíduos também se integrem a esse proceder. Nesse sentido, ainda que não sejam todos os torcedores que se colocam a fazer essas cobranças, sempre há indivíduos que mobilizam esforços para que todo o grupo aja de acordo com os ideais que guiam a *barra* do Clube Atlético Mineiro.

Mais importante, no entanto, que as ações explícitas de repressão, é o aprendizado de um modo de agir aceito e desejado naquele meio social. Como consequência da presença dessa regulação de condutas no nível dos saberes, é possível mencionar a existência de uma espécie de disciplina no Movimento 105, a qual tem um importante papel na fabricação de sujeitos torcedores. Sobre ela, é possível afirmar:

Em primeiro lugar, dizer que a disciplina fabrica corpos dóceis não significa dizer que ela fabrica corpos obedientes. Falar em corpos dóceis é falar em corpos maleáveis e moldáveis; mas não se trata, aí, de uma modelagem imposta, feita à força. Ao contrário, o que é notável no poder disciplinar é que ele “atua” ao nível do corpo e dos saberes, do que resultam formas particulares tanto de estar no mundo – no eixo corporal –, quanto de cada um conhecer o mundo e nele se situar – no eixo dos saberes (VEIGA-NETO, 2014, p. 71).

Imbuídos de saberes relativos à ideologia da torcida, os integrantes da *barra* do Galo fazem dos estádios um espaço privilegiado para a manifestação de um modo característico de ser. Para tanto, o entendimento do que é esperado que se faça, juntamente com a sensação de estar sendo constantemente vigiado para assim proceder, são agentes que trabalham de forma conjunta na constituição desses sujeitos como torcedores.

Para além disso, destaco que o amor e o apoio incondicional ao Galo aparecem, também, como formas que os membros do Movimento 105 encontram para se aproximarem das imagens que eles têm das *barras*. Na medida em que essas torcidas constituem a principal inspiração para o modo de torcer que eles manifestam, a referência às suas ações festivas e de fidelidade ao clube faz parte dos comportamentos que eles procuram manifestar no estádio.

Eu admiro muito o modo de torcer das *barras*, principalmente das argentinas. E quando a gente fala que o 105 é uma *barra*, a gente sabe que tem diferenças pras *barras* de lá. Mas a gente procura trazer o máximo possível pra nossa realidade. Então, se eu tivesse que falar aquilo que é mais parecido, eu diria que é nossa ideologia de cantar o tempo inteiro, do alento, de não parar de apoiar nunca o time (T-10).

Isso é uma coisa importante de falar, porque tem relação com algo que eu acho muito legal na torcida, que é o apoio... e eu vejo isso como uma coisa que também vem das *barras*, que têm isso de cantar o tempo inteiro. Então, se o 105 tá no campo, pode ser uma partida do time júnior do Atlético, o Galo pode tá perdendo de 10 a 0, que você não vai ver ninguém vaiando, vai tá todo mundo lá cantando e fazendo a sua parte. Porque isso faz parte do nosso ideal e tem relação com esse jeito de torcer que a gente procura seguir (T-2).

As *barras* têm um estilo de torcer que eu sempre admirei. A questão das músicas, do apoio, do estilo de festas que elas fazem nas arquibancadas, sempre mostrando a paixão e a fidelidade ao time. Tudo isso compõe um modo de torcer que eu sempre admirei, seja vendo na televisão ou na internet. E algumas coisas disso, claro que não é tudo, a gente tenta trazer pro 105 e acaba adaptando à nossa realidade (T-3).

Ao analisar esses relatos, evidencio a importância que o referencial das *barras* exerce no modo de torcer do grupo em questão. “Cantar o tempo inteiro”, “não parar de apoiar nunca” e não ter “ninguém vaiando” a equipe, representam características que os integrantes do Movimento 105 enxergam, admiram e tentam trazer para o contexto por eles vivenciado.

Entretanto, é importante destacar que, por estarem inseridas em realidades diversas, localizadas em espaços geograficamente distantes àquele em que atua o Movimento 105, as ideias que esses torcedores carregam sobre as *barras* podem ser enxergadas como representações criadas acerca de um modo de ser torcedor. Tomando aquilo que foi dito por Woodward (2014, p. 18), pode-se afirmar que:

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Construídas por vias discursivas, as representações possuem o poder de criar verdades sobre aquilo a que se referem. Conseqüentemente, ao tratar desses elementos no contexto utilizado pelos integrantes do Movimento 105, procuro dar destaque à capacidade que eles têm de falar sobre os modos como esses indivíduos desejam ser reconhecidos em suas semelhanças com as *barras*.

Sem se ligarem de forma direta à organização estrutural ou à atuação fora dos muros dos estádios, os membros da *barra* do Galo pretendem trazer elementos da festa nas arquibancadas para sua realidade. Com isso, buscam meios de materializar não apenas o ideal que carregam acerca das torcidas nas quais eles se inspiram, mas também a ideologia da torcida, a motivação para a criação do Movimento 105 e o próprio sentimento que nutrem pelo Clube Atlético Mineiro.

Apresentado como um elemento dotado de interfaces com diferentes dimensões da vida dos torcedores, o Atlético é revestido de um papel relevante para os sujeitos dessa pesquisa. Vinculado a experiências relativas à religiosidade, à definição do humor, a questões que concernem aos sentidos de coesão familiar e, até mesmo, a características pessoais dos indivíduos, esse clube assume significados que rompem com as fronteiras demarcadas pelo campo de jogo.

Meus pais sempre foram muito ligados à religião, mas acabou que eu nunca tive uma vinculação tão grande quanto a deles. Só que quando eu olho pra minha relação

com o Atlético, com a ação de ir ao estádio, eu posso dizer que é como se eu tivesse vivendo algo parecido com o que eles vivem com a religião. Então eu acho que o Galo acaba preenchendo um espaço meio que de religião na minha vida (T-2).

Pra mim o Atlético tem uma importância muito grande. É um negócio que interfere no humor, que faz parte do dia a dia. (...) Tem o lado profissional, que a gente tem as obrigações que precisa respeitar, mas já deixei de ir em muitos compromissos particulares por causa do Galo. Então é um negócio que não é um lado menos importante da vida, é um componente importante e fundamental da minha vida (T-7).

Hoje, minha relação com o Galo é quase que uma religião, representa a união da nossa família, esse espírito do Galo, a questão da garra, da luta... representa muito pra mim, muito do que eu gosto, do que eu vivo e acho que, até mesmo, do que eu sou. Acho que posso falar que o Atlético tem uma influência nisso tudo (T-1).

O Galo pra mim é amor, é paixão. É algo que faz parte da minha vida, da minha existência. Que revela quem eu sou. Desde criança eu tenho essa relação assim, das pessoas chegarem, perguntarem do Galo. Então eu acho que já é uma marca minha. É algo que tá comigo todos os dias e que eu quero levar pro resto da minha vida (T-8).

Como pode ser visto, ao revelarem seus vínculos com Galo, nenhum dos indivíduos se furtou em mostrar a carga emocional que compõe essa relação. Para tanto, utilizam de elementos discursivos carregados de palavras e sentidos que permeiam diferentes campos enunciativos.

Na medida em que nenhum enunciado existe sozinho, mas sim em relação com outros enunciados (FISCHER, 2001), esses sujeitos se apropriam de termos como “religião”, “família”, “amor”, “vida” e “paixão”, com o objetivo de que compor discursos capazes de demonstrar a importância que o Atlético exerce em suas vidas. Dentro desse contexto, marcados pelo desejo de transmitir e valorizar a relevância que essa equipe exerce em suas vidas, os integrantes do Movimento 105 interagem entre si e desempenham diferentes papéis no interior da torcida.

Para eles, tornar-se uma liderança ou permanecer como um componente “comum” do grupo não significa possuir um amor maior ou menor pelo clube que representam. Motivadas por diferentes situações, tais condições aparecem como resultados das ações, dos interesses e das contingências da vida de cada um desses sujeitos, em suas interfaces com as experiências que eles vivenciam como torcedores.

Sobre os meus papéis no 105, eu posso dizer que me considero um membro comum, mas que tem um respeito e um posicionamento importante lá dentro. Pelo tempo de casa, por já ter feito parte da diretoria, acho que tem esse respeito grande. Eu me lembro quando eu entrei na direção, era um momento em que eu era mais novo, tinha menos responsabilidades fora da torcida. Então podia ter uma dedicação grande ao grupo. Com a entrada na faculdade, foi diminuindo, o tempo passou a ser mais escasso, aí acabei optando por sair das funções de direção e por ficar mais no suporte da torcida mesmo (T-3).

Hoje em dia, eu participo da diretoria do Movimento 105. Eu tô presente na organização de caravanas e coordeno a parte das ações sociais da torcida. E além disso, eu também toco na banda, que também não é algo comum entre mulheres de outras torcidas. (...) Por ser mulher e ter essas funções, eu acredito que tenho um papel de ser exemplo pra outras meninas. Tem torcida que não deixa as meninas viajarem, o que dirá de ter a responsabilidade de organizar uma caravana. (...) Mas eu vejo isso no 105 como algo muito tranquilo, pelo respeito que todo mundo tem entre si. E dentro da própria torcida eu incentivo a entrada de outras mulheres, chamo mais meninas pra tocarem na banda e é assim eu procuro seguir (T-10).

Eu me vejo como um membro como outro qualquer. (...) Por morar em uma cidade diferente, não é sempre que eu posso vir nos jogos. Mas sempre que eu tô, eu procuro ajudar, procuro cantar, puxar a torcida. Porque são coisas que eu gosto de fazer, coisas que vêm de mim mesmo. Então acho que passam por aí os meus papéis (T-1).

Ao observar esses relatos, para além das questões que mostram diferentes formas com as quais os membros da torcida podem se colocar no grupo, um elemento chama a atenção no que se refere às funções ocupadas dentro do Movimento 105: diferentemente do que ocorre em outras torcidas organizadas do Atlético, é possível encontrar uma mulher que ocupa um espaço de liderança no interior desse grupo. Entretanto, apesar da fala mostrar o Movimento 105 como um espaço aparentemente acolhedor e respeitoso à inserção e participação das mulheres, é preciso um olhar mais aprofundado para essa situação.

Quanto se atenta para a representatividade que pessoas do sexo feminino têm no futebol brasileiro, tanto na condição de praticantes, quanto no papel de torcedoras, a realidade desse esporte se apresenta, em muitos casos, hostil à presença das mulheres. Nesse sentido, durante o trabalho de campo, ao observar as rodas de conversa nos entornos do Independência ou mesmo a distribuição dos torcedores nas arquibancadas, foi possível perceber a predominância de um público formado por homens frequentando esses espaços.

Com horário de início do jogo marcado para as 11h de um domingo de dia dos pais, os entornos da Arena Independência se encontravam repletos de famílias. Chegando na região por volta de 9h30, me coloquei a observar o movimento das ruas, antes de seguir para me encontrar com os integrantes do Movimento 105. Rapidamente, pude perceber que, ainda que na fase da pesquisa exploratória eu já tivesse notado uma boa presença de pais e mães, que iam juntos com seus filhos ao estádio, nesse dia, sem dúvidas, a proporção era maior do que o normal. O horário do jogo e a ocasião festiva devem ter contribuído para essa mudança. Vale destacar, entretanto, que alguns padrões permaneciam intactos: quando comparado ao número de homens, poucas mulheres eram vistas sozinhas ou em grupos formados apenas por mulheres; nenhum casal homossexual aparecia de mãos dadas, ao passo que diversos casais heterossexuais andavam assim; nas torcidas organizadas, a grande maioria das pessoas uniformizadas eram do sexo masculino (DIÁRIO DE CAMPO, ATLÉTICO X SANTOS, 12/08/2018).

Tendo isso em vista, vale destacar que a predominância masculina extrapola a questão numérica e se materializa na naturalidade com que os homens são enxergados nesse ambiente. A eles é permitido ir sozinho, ir acompanhado, ir com o filho ou com a filha, com a esposa ou com namorada. A menos que haja alguma manifestação que fuja da norma estabelecida por um ideal de aproximação com a heterossexualidade, nenhuma dessas situações são potencialmente causadoras de estranhamentos, indisposições ou comentários maldosos por parte dos demais presentes.

Com as mulheres, no entanto, a história é diferente. A posição ocupada por elas no estádio não é percebida com a naturalidade destinada aos homens. O assédio e os comentários depreciativos, embora não sejam generalizados, acontecem com uma frequência considerável, de modo que, por mais de uma vez, pude visualizar mulheres sendo abordadas por homens nos arredores do Independência. De forma complementar, cabe destacar que quando há no trio de arbitragem algum componente do sexo feminino, observa-se a presença de referências machistas nos atos hostis dos torcedores. Nessas ocasiões, contestar a legitimidade da presença da mulher com um papel de protagonismo no campo de jogo é algo recorrente nas ações vindas das arquibancadas.

Sendo assim, tal como mostrado por Bandeira (2013, p. 247), “dentre os mais variados conteúdos que se ensinam, aprendem e disputam nos estádios de futebol, a masculinidade possui preponderância”, estando representada por ações diretamente ligadas ao machismo e à homofobia. Fato semelhante é notado no trabalho de Silva Júnior (2018), que revelou a existência de uma dita “pedagogia do armário”, que faz com que torcedores homossexuais se apropriem do ambiente dos estádios reproduzindo a estética dos comportamentos predominantes no espaço, o que inclui, dentre outras coisas, a mimetização de posturas machistas e homofóbicas.

Cabe dizer, então, que além das representações que envolvem o amor, o apoio e a fidelidade incondicional ao clube, os discursos que permeiam as vivências dos torcedores de futebol podem conter, também, elementos discriminatórios. Com ofensas voltadas, predominantemente, a mulheres e homossexuais, muitos dos enunciados produzidos por esses sujeitos acabam por referendar e assumir um posicionamento que se alinha à uma visão hegemônica de masculinidade.

Marcada por pensamentos que pregam a exacerbação das demonstrações de virilidade e da valorização de uma orientação heterossexual, essa representação possui um potencial criador sobre a realidade na qual atua. Mesmo que as falas oficiais ocultem esses fatos, é possível perceber influências desses discursos nos posicionamentos assumidos pelos sujeitos

que integram o Movimento 105. Assim, conforme será mostrado na seção posterior desse capítulo, há algumas músicas do grupo que (re)produzem a lógica mencionada.

Para além disso, vale dizer que não observei ou tomei conhecimento da presença de homossexuais entre os membros da *barra* do Galo. Nota-se, portanto, uma congruência com apontamentos realizados em momentos anteriores, onde também foi revelada a dificuldade de perceber manifestações livres dessa orientação sexual no âmbito geral da torcida do Atlético.

Sobre as mulheres, por sua vez, há dois apontamentos principais a serem realizados: um referente à representatividade numérica e outro que diz respeito à possibilidade de desempenhar tarefas no grupo. Com relação ao primeiro ponto, há ainda um longo caminho a ser seguido, visto que além de serem minoria no grupo, não é comum que pessoas do sexo feminino ocupem funções de direção no Movimento 105, mesmo que, oficialmente, não exista nenhum impeditivo para que isso ocorra.

Sobre a participação nas atividades da torcida, não foram notadas restrições às ações desempenhadas pelas mulheres. Sendo assim, apesar de imersas no cenário de um esporte onde são posicionadas em posições de inferioridade em relação aos homens, as mulheres, dentro do Movimento 105, estão inseridas em todas as atividades regulares do grupo. Podem, assim, dentre outras coisas, ir aos jogos, participar das caravanas, tocar instrumentos, colocar e recolher os materiais da torcida no estádio.

Entretanto, apesar de estarem envolvidas nessas ações, fazer parte de uma torcida organizada representa, por si só, uma situação de oposição a padrões socialmente construídos.

Pra mim, ser do 105 representa uma conquista. É uma conquista porque a mulher que participa de torcida organizada, não é bem vista. E eu já tive essa dificuldade dentro de casa, porque na família do meu pai, mulher em estádio era um negócio que não existia. Na casa da minha mãe era tranquilo, mas com a família do meu pai, era uma coisa que eu tinha muito problema. (...) E tem essa relação com a sociedade. Na minha faculdade, ou quando estou conversando com alguém e falo que sou de torcida, a pessoa já arregala os olhos. Mas eu não me importo com isso. Eu até penso que é uma oportunidade pra passar uma coisa diferente, porque as vezes a pessoa não tem conhecimento e só fica com a visão da mídia, daquilo que ela vê de longe. Então eu aproveito esse espaço pra tentar desconstruir mesmo, mostrar uma nova visão, colocar um lado diferente, representado pelas visões de alguém que faz parte de uma torcida organizada (T-10).

Tendo isso em vista, mesmo que em qualquer que seja a sociedade os corpos estejam sempre presos por “poderes muito apertados”, que lhes impõem “limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1986, p. 126), é preciso ter em mente que existem possibilidades de romper e/ou resistir às lógicas que atuam no estabelecimento das regras. Como mostrado na narrativa acima, ainda que estivesse inserida em uma estrutura e em um pensamento social que impunham forças no sentido contrário à realização de suas ações como torcedora, a

entrevistada conseguiu atuar no sentido de realizar suas vontades, utilizando dos elementos à sua volta para construir e modificar a realidade por ela vivenciada.

Tal como dito por Foucault (2006, p. 249), “não há relações de poder sem resistência” e as resistências “são tão mais reais e eficazes quanto mais se formem ali mesmo onde se exercem as relações de poder”. Nesse sentido, a busca das mulheres para ocupar seu espaço no futebol é uma questão essencial para a promoção da igualdade de gênero nesse esporte, devendo ser perseguida tanto dentro, quanto fora das torcidas organizadas.

4.2 AS RELAÇÕES DOS MEMBROS COM OS ELEMENTOS DISTINTIVOS DO GRUPO: OS SÍMBOLOS E AS MÚSICAS DO MOVIMENTO 105

Tomando como referência as questões trabalhadas até aqui, foi possível conhecer um panorama acerca dos caminhos percorridos pelos integrantes do Movimento 105 Minutos em suas trajetórias como torcedores de futebol. Embora vindos de lugares sociais distintos, esses sujeitos se encontraram nessa torcida e, a partir de então, foram construindo interações capazes de produzir um tipo de vínculo identitário entre eles. Nesse sentido, não é por acaso que me dedico, agora, a falar dos elementos distintivos que caracterizam o grupo ao qual esses sujeitos pertencem.

Tal como dito por Hall (2011) acerca das culturas nacionais, entendo que nesse processo de entrada e integração com a torcida, os membros do Movimento 105 têm desempenhado ações em uma espécie de comunidade imaginada. Em outras palavras, isso quer dizer que os sentidos que regem suas interações não são decorrentes de uma realidade material pré-existente.

Na medida em que se constituem como resultados de processos de invenções sociais, eles são criados por esses próprios torcedores, em meio às vivências que desempenham no interior do grupamento escolhido. Para tanto, é preciso que eles estabeleçam sentidos para os elementos que os cercam, o que faz com que os símbolos ocupem um espaço especial no desenvolvimento de suas relações.

Vistos como artefatos importantes para a construção das identidades, esses elementos representam uma base material sobre a qual se assentam significados que permeiam as vivências em grupo. Sendo assim, entendo que o escudo, as músicas, as bandeiras, as barras, as camisas e diversos outros artefatos do Movimento 105 produzem e carregam significados que são partilhados entre os membros dessa torcida, tendo papéis importantes no processo de subjetivação desses seres.

4.2.1 Escudo, barras, camisas, trapos, bandeirolas e bandeiras: os sentidos carregados pelos patrimônios do grupo

Composto, predominantemente, pelas cores do Clube Atlético Mineiro, o escudo do Movimento 105 carrega sentidos sobre o modo de torcer compartilhado pelos integrantes do grupo estudado. Com referências que vão desde a relação dos torcedores com o clube, até a características das manifestações expressas pelas *barras* nos estádios, esse artefato tem um valor simbólico pensado para englobar diferentes elementos identitários da torcida.

Figura 1: Escudo do Movimento 105 Minutos



Fonte: Instagram oficial do Movimento 105 Minutos, editada pelo autor

Analisando sua imagem, é possível mencionar, como ponto de partida, a presença do escudo do Atlético em primeiro plano, mostrando a ideia de que o clube tem uma posição de primazia em relação à torcida. Esse é um princípio fundamental para os integrantes do Movimento 105, que procuram sempre demonstrar que o Galo é a razão de tudo o que fazem no âmbito do torcer.

Em um segundo momento, quando se volta a atenção para a imagem de fundo, a representação das ações dos torcedores se coloca como um aspecto que merece destaque. Colocados como sujeitos que ficam de pé, com as mãos para o alto e tremulando bandeiras, é notável a intenção de atribuir uma postura ativa aos integrantes dessa torcida.

Nesse sentido, pode-se dizer que há uma intenção em caracterizar esses sujeitos como torcedores apaixonados e empenhados com as ações do clube dentro do campo. Adicionalmente, é possível pensar, também, nas referências a comportamentos característicos dos torcedores que integram as *barras*. Identificadas como torcidas festivas e entusiasmadas, essas instituições carregam proximidades com a utilização de bandeiras e com a manifestação do “alento”, que se materializa por uma movimentação ritmada dos braços.

A frase na parte inferior do escudo, por sua vez, expressa a ideologia do Movimento 105. A diferenciação entre “amor” e “simpatia” retrata a mensagem que os integrantes da torcida procuram transmitir àqueles que os cercam, através da explicitação do amor que esses indivíduos sentem pelo clube.

Por outro lado, quando se fala das barras, também existem importantes valores simbólicos carregados por esse objeto. Passíveis de serem descritas como extensas faixas de pano, dispostas verticalmente sobre as arquibancadas, as barras representam artefatos que, a princípio, podem ser destacados como um dos principais elementos para a construção da identidade visual do Movimento 105 Minutos.

Dentre os elementos que representam a torcida, que distinguem o Movimento 105, acho que as *barras* são os mais representativos, porque são coisas que nenhuma das outras torcidas do Atlético usam. E também tem a questão delas ficarem muito visíveis. Se você estiver vendo um jogo na televisão, você vai ver as *barras* na arquibancada e, se você conhecer, você vai identificar o Movimento 105 (T-1).

Então, em primeiro lugar as *barras*, até porque elas nomeiam esses grupos que a gente se inspira, né! Então não tem como não falar delas, porque elas têm essa função de representar um estilo de torcida. Lógico que não são tudo, mas já representam uma coisa que a pessoa olha e consegue saber o que é (T-6).

Confeccionadas nas cores preta e branca, as barras detêm um papel essencial para identificação do Movimento 105, tanto pelo destaque que possuem nas arquibancadas, quanto pelo simbolismo que carregam. Nesse sentido, não é por acaso que os torcedores atribuem grande importância à presença e à manutenção desse objeto dentro do estádio.

Em relação às camisas, é possível dizer que elas representam objetos tradicionalmente utilizados para promover a identificação dos torcedores no estádio, constituindo um elemento importante entre os artefatos do Movimento 105. Disponibilizadas em modelos com e sem manga, as camisas são predominantemente marcadas pela cor preta, possuindo detalhes como frases e o escudo da torcida, grafados nas cores branco e dourado. Nesse sentido, auxiliam, também, na produção de vínculos identitários e na veiculação da ideologia do grupo, a partir

da presença de enunciados como “Desde o berço até o caixão” ou “O Galo é amor, não é simpatia”.

Cabe ressaltar que esses discursos sobre amor e fidelidade ao clube são constantes no meio do futebol, se fazendo presentes em diversas produções acadêmicas que centraram suas investigações nas percepções ou nos sentimentos dos torcedores. Sobre isso, Silva (2001) revela a existência de uma relação intensa entre o torcedor e seu clube, a ponto desse indivíduo não conseguir fazer uma separação da identidade sujeito/torcedor. Damo (1998), por sua vez, afirma que os ideais do amadorismo permanecem vivos no imaginário dos torcedores de futebol, podendo ser representados pelo amor que eles sentem por seus clubes.

Os trapos e as bandeirolas, por sua vez, também representam artigos que compõem o cenário das arquibancadas da Arena Independência. Feitos tradicionalmente nas cores do Galo, eles guardam relações com objetos utilizados pelas *barras* nos estádios latino-americanos. Entretanto, apesar de ambos terem inspiração nas manifestações desses grupos, guardam diferenças importantes entre si: enquanto os trapos são pedaços de pano, geralmente cortados pelos próprios torcedores e utilizados para escrever mensagens aos jogadores ou dirigentes da equipe, as bandeirolas são mais elaboradas, na medida em que devem ser medidas e costuradas para que sejam fixadas em um pequeno mastro (por isso a expressão com sentido diminutivo).

Por fim, um outro ponto a ser mencionado se refere às bandeiras da torcida. Dotadas de imagens que carregam símbolos importantes para o clube, elas se fazem presentes nas arquibancadas de diversos estádios espalhados pelo Brasil, sendo erguidas em situações específicas da partida de futebol.

No entanto, quando se olha especificamente para as bandeiras do Movimento 105, há um fato em especial que chama a atenção: para além daqueles artefatos que carregam desenhos tradicionais, como o símbolo da torcida e/ou do clube, é possível notar uma bandeira diferente, feita em homenagem a um funcionário do clube, conhecido como Belmiro. Massagista do Atlético há mais de cinquenta anos, ele representa, através de seu trabalho, uma pessoa que construiu toda uma vida de dedicação ao Galo. Nesse sentido, na opinião dos integrantes do Movimento 105, se fez merecedor dessa importante homenagem, normalmente direcionada a jogadores marcantes na história do clube.

Pra mim, uma das coisas que representa muito o 105 é a bandeira que a gente fez pro Belmiro. Porque é um exemplo da valorização de quem ama o Atlético, de quem tem uma vida dedicada ao Atlético... independentemente da função exercida. Porque é muito comum você ver bandeira com rosto de jogador, as vezes de um dirigente. Mas nisso, ninguém lembra dos outros funcionários do clube, de gente que tá lá todo

dia. E o Belmiro é esse cara pra nós. Eu considero ele um ícone. É um cara que tá no Galo há uns cinquenta anos e representa todo esse amor e essa dedicação que nós também sentimos pelo Atlético (T-2).

Se eu fosse destacar algo como diferencial, eu diria a bandeira do Belmiro. Porque ele é uma pessoa que tem o espírito do Atlético, tem o espírito do que é ser 105. Que é essa dedicação ao clube, algo que segue ao longo de toda a vida. Tem também as barras, alguns instrumentos que são diferentes. Mas em termos de essência e significado, talvez o mais representativo seja a bandeira pro Belmiro (T-7).

Conforme mostrado pelos enunciados, por ser destinada à representação de uma pessoa que possui uma trajetória de vida e de trabalho ligada ao Atlético, essa bandeira representa uma forma de reconhecer um indivíduo que, sendo funcionário do clube, encarna parte do sentido daquilo que os integrantes do Movimento 105 entendem como o significado de ser atleticano. Nesse sentido, está diretamente relacionada aos valores cultuados no universo da ideologia desse grupo.

Figura 2: Bandeira em homenagem ao Belmiro.



Fonte: Instagram oficial do Movimento 105 Minutos, editada pelo autor.

Sobre a importância dessa ação, vale destacar o papel que ela assume na tentativa de transformar uma situação estabelecida no meio do futebol. Assim como ocorre em outras áreas da vida, nesse esporte há pessoas ou grupos que são invisibilizados, tendo pouco destaque público, ainda que exerçam papéis importantes na dinâmica de um grupo ou sociedade.

Para além disso, uma vez que as imagens são “parte importante da cultura, ao mesmo tempo em que são produtores de novos significados e, portanto, parte importante das transformações culturais contemporâneas” (PARAÍSO, 2008, p. 109), é possível dizer que elas atuam na produção e na transmissão de saberes, exercendo papéis de destaque na produção de sujeitos. Assim, de modo análogo aos outros artefatos mostrados na presente seção, essa bandeira possui potencial de reforçar a identidade dos torcedores com o Movimento 105.

4.2.2 As músicas e os instrumentos musicais

Representando um meio para expressar a paixão e o devotamento pelo Clube Atlético Mineiro, as músicas se constituem como uma marca registrada do Movimento 105 Minutos. Tanto pelas letras, quanto pelos ritmos e instrumentos utilizados tocá-las nos estádios, elas exercem destaque nas festas da torcida nas arquibancadas, sendo reconhecidas e valorizadas pelos integrantes do grupo.

Em meio a esse contexto, tal como mostrado nas letras de abertura de cada capítulo, muitas das canções dessa torcida são constituídas por palavras que buscam transmitir força aos jogadores do Atlético, ao mesmo tempo em que descrevem o atleticano como um torcedor fiel e apaixonado. Nesse sentido, apesar de não serem exclusividade, as músicas de apoio representam o maior percentual no universo das composições dessa torcida.

*Galo te apoiaremos por toda a vida
Nada mais se compara a essa torcida
Se um dia me perguntarem a minha religião
Eu digo sou alvinegro de coração (...)
(Movimento 105 Minutos, “Religião alvinegra”).*

*Senhor não sei o que acontece com essa Massa do Galo
100 anos de passados de glórias que alimentam esse amor
Vivo esse presente tão triste e mesmo assim não me
E nessa loucura sem cura vou te amando Galô (...)
(Movimento 105 Minutos, “Senhor não sei o que acontece”).*

*(...) Vamos Galo,
Vamos juntos nessa luta,
Dale ô!
Glorioso,
Clube Atlético Mineiro,
O meu Amor (...)
(Movimento 105 Minutos, “Aquarela”).*

Para além do incentivo, a exaltação do torcedor atleticano aparece como um tema que é também recorrente nas letras do Movimento 105. Assim, trechos que descrevem esses torcedores como partes de uma “Massa que segue seu time para todos os lados”, como “seres que prometem apoiar o clube por toda a vida” e como “indivíduos portadores de um sentimento eterno”, são apenas alguns exemplos de artifícios utilizados para caracterizar as pessoas que torcem para o Atlético.

De modo adicional, em menor quantidade em relação àquilo que é observado em outras torcidas, o Movimento 105 também possui músicas que fazem referências a si próprio. Nessas canções, mesmo sem explicitar o nome da instituição, são feitas menções ao modo de torcer que caracteriza os membros desse grupo.

*Somos a barra brava do Galo Doido
Cantamos e apoiamos o jogo todo
Queremos a mesma raça dos jogadores
Para ganhar a Copa Libertadores
Libertadores!
(Movimento 105 Minutos, “Para ganhar a Copa Libertadores”)*

*Dale, dale ê-ô
Demonstre a sua força
A banda está louca e quer o campeonato para festejar
E eu vou te apoiar como em todos os anos
É com raça meu Galo que vamos vencer
(Movimento 105 Minutos, “Demonstre a sua força”)*

Na medida em que a ideologia da torcida se refere a um amor pelo Galo colocado acima de todas as coisas, essas referências podem ser vistas, em um primeiro momento, como uma quebra de expectativa em relação ao que é apregoado pelo grupo. Entretanto, ao analisar atentamente as letras, é possível perceber que as construções discursivas não denotam uma exaltação do Movimento 105 em relação ao Atlético. Nesse sentido, tais enunciações podem ser vistas como uma forma desses torcedores representarem o orgulho que sentem por pertencerem a uma *barra*.

Para além disso, na tentativa de descrever de forma abrangente os artefatos que se relacionam às canções do Movimento 105, há de se fazer uma menção às músicas que contêm trechos destinados a hostilizar e a demarcar diferenças entre os torcedores atleticanos e os cruzeirenses. Adeptos do Cruzeiro Esporte Clube, time que se coloca como o principal rival do Atlético na cidade de Belo Horizonte, esses indivíduos recebem alcunhas que são o extremo oposto das características utilizadas para se referir à torcida do Galo.

Assim, no lugar do amor pelo time, é comum dizer que os rivais sentem apenas “simpatia” pelo clube que torcem e, em substituição aos atributos hegemônicos de masculinidade, são frequentes as referências à homossexualidade, como se ela representasse uma característica capaz de mostrar a inferioridade dos torcedores adversários.

*(...) Os momentos que vivi
Não consigo esquecer
Todos os simpatizantes
Nunca vão nos entender (...)*
(Movimento 105 Minutos, “Esse jogo temos que vencer”).

*Olha a festa do Galo
Torcida é coração
Simpatizante é Maria
Nunca foi ao Mineirão (...)*
(Movimento 105 Minutos, “Festa do Galo”).

*(...) Sou Galo Doido
O maior de Minas
O Galo é Amor
Não é simpatia (...)*
(Movimento 105 Minutos, “Sou Galô”).

*(...) É a bicharada
Que só fica sentada
E no colo dos machos
Engatam para trás*

*Mas que vergonha
As bichas se cagaram
Quando viram meu Galo
Correram sem parar (...)*
(Movimento 105 Minutos, “Me diz Cruzeiro”).

A partir dessas letras, é possível perceber o antagonismo existente nas atitudes dos integrantes do Movimento 105 em relação aos torcedores de seu maior rival. Presentes de forma generalizada nas manifestações da torcida do Atlético na Arena Independência, os cânticos dotados de conteúdos machistas e homofóbicos são frequentes nos mais diversos estádios do Brasil, permeando as manifestações de um contingente significativo de torcedores. Representam, assim, enunciados que se adequam às regras de formação de um discurso comum no meio do futebol.

Ao observar as músicas que possuem alguma referência desse tipo, é possível perceber que os torcedores atleticanos costumam ser representados como indivíduos heterossexuais, fortes, corajosos e viris, ao passo que os adversários – principalmente os cruzeirenses – são tidos como homossexuais, fracos e medrosos. No estádio, algumas mensagens que exemplificam esses pensamentos podem ser vistas em frases como: “Demonstre a sua força”,

“É com raça meu Galo que vamos vencer”, “Simpatizante é Maria (cruzeirense)”, “O Galo é amor/ Não é simpatia”, “As bichas se cagaram/ Quando viram meu Galo/ Correram sem parar”.

Sobre esse cenário, é possível chamar a atenção para o fato de que, apesar das diversas manifestações dos integrantes do Movimento 105 salientando o respeito como uma característica do grupo, parte significativa de seus membros não se furtam em fazer coro a esse tipo de cântico. Sendo assim, abre-se espaço para pensar que a convivência respeitosa com as diferenças parece ficar restrita ao ambiente interno do grupo.

Silva (2001) chega a mostrar isso em seu trabalho, ao falar da relação do torcedor com seu rival. Dentre outras coisas, há um entendimento que o rival representa o oposto daquilo que cada torcedor utiliza para representar sua identidade. Em uma sociedade machista e homofóbica, faz-se com que esses referenciais sejam utilizados para menosprezar e ofender aquele a quem se considera como um adversário. Apesar disso, cabe destacar que essas manifestações não são igualmente aderidas por todos os membros da torcida estudada.

Com a vitória garantida, assim como é de costume da torcida do Atlético, o estádio inteiro começou a cantar uma música de provocação ao Cruzeiro. Assim como ocorre nas canções que ecoam por todo o estádio, o Movimento 105 parou de cantar a música que estavam cantando e passou a acompanhar a canção puxada pela multidão. Entretanto, ao meu lado pude perceber que um torcedor cantava a música de forma diferente, se calando no momento da fala homofóbica e seguindo a torcida no restante da música (DIÁRIO DE CAMPO, ATLÉTICO X ATLÉTICO-PR, 10/09/2018).

Conforme mostrado, há integrantes do Movimento 105 que não cantam trechos com referências machistas e/ou homofóbicas, ainda que estes termos estejam ecoando por todo o estádio. Em seu lugar, eles optam por se calar ou por substituir as palavras de cunho ofensivo por outras sem essa conotação, apresentando, assim, uma resistência aos poderes instituídos.

No que se refere aos instrumentos utilizados pela torcida, é possível destacar que eles representam um ponto relevante ao estudo, não só no que se refere à identificação e caracterização da torcida, mas também no que diz respeito às formas de participação de cada indivíduo no grupo. Constituídos de uma mistura entre objetos presentes em torcidas do Brasil e nas *barras* latino-americanas, eles são tocados com uma cadência pouco usual nos estádios nacionais.

Acho que na questão das músicas, a diferença já começa pelos instrumentos. A utilização da murga, que é aquele bumbo com um prato em cima. O pessoal das outras torcidas até brinca com a gente que em qualquer lugar do estádio dá pra ouvir aquele prato que fica lá em cima. Então acaba que é um elemento que representa um

diferencial do Movimento 105 em relação a outras torcidas, é algo que caracteriza a gente mesmo (T-10).

A banda tem um ritmo que é diferente daquilo que a gente escuta com frequência nos estados do Brasil. Nas arquibancadas brasileiras, é possível notar uma influência maior do samba, do *funk*. E o ritmo das barras é mais cadenciado, é bem uma pegada mais platina mesmo (T-3).

As músicas do Movimento 105 têm diferenças nas letras e nos ritmos, né!? E muitas vezes, as pessoas não entendem isso. Tem algumas músicas nossas que, quando são cantadas por outras torcidas, acabam saindo num ritmo diferente, eles dão uma acelerada nelas. E aí pra gente isso descaracteriza a música. É legal ver a música sendo cantada por todo o estádio, mas acaba que não é a mesma coisa, se tá em um ritmo diferente (T-6).

Nesse sentido, tal como pode ser apreendido desses enunciados, os membros da torcida parecem ter consciência sobre os diferenciais carregados pelos instrumentos. De forma predominante, são feitas menções tanto à presença de objetos incomuns em outras torcidas organizadas, quanto aos ritmos diferentes em que estes artefatos são tocados.

Nota-se, sobre isso, semelhanças ao que Maknamara (2011) diz ao fazer uma descrição de instrumentos característicos do forró. Em seus escritos sobre essa modalidade musical, menciona a importância da sanfona, da zabumba e do triângulo para a identificação do “forró tradicional” (MAKNAMARA, 2011, p. 24), não apenas pelo ritmo em que são tocados, mas também pelos sons emitidos.

No caso do Movimento 105, há de se destacar a presença da murga como um diferencial, visto que representa um instrumento incomum nas torcidas organizadas brasileiras. Nesse sentido, além do aspecto estético, ela chama a atenção pelo som emitido pelo prato, que pode ser ouvido em diferentes pontos das arquibancadas.

Representando uma atividade valorizada na torcida, tocar na “banda” não exige nenhum atributo específico, além da vontade de aprender o instrumento e a disposição para operá-lo durante os jogos. Na medida em que o Movimento 105 Minutos não possui uma sede específica, onde poderiam ser feitos ensaios, a maioria das ações pedagógicas relacionadas ao manuseio dos instrumentos acaba ocorrendo no próprio ambiente do estádio.

Entre os papéis que eu exerço na torcida hoje, eu posso destacar a minha participação na banda, que é algo que eu acho bem legal. Logo que eu entrei, era uma coisa que me chamava a atenção, então eu ficava observando o pessoal tocar. E aí chegou um jogo, que tava faltando gente pra banda. Um integrante do 105 olhou pra mim, já pensando que era eu que ia ter que tocar naquele jogo. E eu tive que ir. Aí, a partir de então, fui aprendendo cada dia mais, fui vendo como o pessoal fazia e hoje eu assumo isso como uma função que é natural pra mim (T-4).

Teve um jogo em que foram 10 integrantes. Aí um membro virou pra mim e falou assim: você vai ter que aprender a tocar. E ele tocava a caixa, então era ele quem

puxava a banda. E disse: você vai ter que aprender alguma coisa pra me ajudar, porque o 105 tem que estar aqui e a banda é a alma, o coração do 105. Então, logo que eu entrei no estádio ele já me deu o bumbo, puxou outro integrante pro meu lado e disse: olha ele tocando. Então foi assim que eu aprendi, teve que ser na marra. Depois do jogo, nós levamos os instrumentos pra casa e durante uma semana nós ficamos treinando: ele tocando caixa e eu bumbo... e aí eu peguei, meio que na marra, em uma época em que não tinha nenhuma menina que tocava (T-10).

Conforme mostrado nas falas dos torcedores, tocar na banda é uma atividade passível de ser aprendida e executada por qualquer membro do Movimento 105. Para tanto, o processo de ensino e aprendizado ocorre pela observação e pela prática, onde se pode destacar a importância da imitação dos comportamentos assumidos pelos torcedores mais experientes.

Uma vez assumida essa função, o indivíduo adquire uma representatividade maior dentro do grupo, na medida em que se coloca como portador de um saber importante para o funcionamento da torcida. Se coloca, então, em uma posição de maior responsabilidade dentro da *barra*, na medida em que os integrantes da torcida passam a contar com sua presença de forma mais constante ao longo dos jogos.

Por fim, a partir do que foi exposto, é possível dizer que as músicas e os instrumentos musicais têm dois papéis fundamentais na (re)produção dos integrantes do Movimento 105 como sujeitos pertencentes à essa torcida: a transmissão de mensagens que se adequam aos ideais do grupo e a demarcação de diferenças em relação a outros modos de torcer. Ao utilizar tais elementos, seus integrantes trabalham com aspectos importantes da construção de identidades, mostrando a importância desse conceito na constituição de diferentes modos de ser.

5 UM APOIO QUE NÃO TEM FIM: REFLEXÕES SOBRE OS ELEMENTOS ENVOLVIDOS NA CONSTRUÇÃO DE MODOS DE SER TORCEDOR

*Dale, dale ê-ô
Demonstre a sua força
A banda está louca e quer o campeonato para festejar*

*E eu vou te apoiar como em todos os anos
É com raça meu Galo que vamos vencer*

(Movimento 105 Minutos, Demonstre a sua força)

Ao chegar nos instantes derradeiros desse trabalho, em meio aos sentimentos de alívio e satisfação em virtude da tarefa que se aproxima do fim, faz-se oportuno olhar para trás e buscar considerações acerca dos fatos que se passaram até aqui. Originado a partir da combinação de experiências pessoais e acadêmicas, o presente estudo aparece como um elemento importante em minha trajetória de vida, representando um processo que deixa suas marcas na constituição do meu próprio ser.

Capaz de proporcionar a vivência de situações onde o medo, as dúvidas e os receios me deixaram, por muitas vezes, sem saber qual o caminho a seguir, o trajeto percorrido na realização dessa pesquisa abriu espaços para a construção de aprendizados e descobertas que vão além do que está escrito nestas páginas. Desde os momentos iniciais, onde o planejamento e a definição de estratégias para alcançar os objetivos foram motivos de pertinentes preocupações, até os eventos finais, em que a pressão de tempo e as incertezas sobre os rumos do trabalho habitaram amplos espaços de minha mente, diversas foram as transformações ocorridas nas formas de encarar essa caminhada e suas implicações com o mundo ao seu redor.

Nesse sentido, ainda que eu já estivesse habituado com o cenário que envolve uma partida de futebol, ao me aproximar do Movimento 105 Minutos, tive contato com um novo modo de vivenciar o torcer. Dentre outras coisas, passei a compreender que fazer parte de uma organizada, proporciona a construção de identidades que extrapolam o pertencimento de um torcedor para com o seu time. Isso não significa, entretanto, que haja o estabelecimento de uma conexão marcada pela primazia da torcida em relação ao clube.

Conforme apreendido através das entrevistas e observações do trabalho de campo, o amor, a fidelidade e apoio incondicional ao Atlético parecem ser as molas propulsoras das ações dos integrantes do Movimento 105. São esses os conceitos presentes em suas falas que parecem ter as maiores influências sobre as ações e comportamentos assumidos pelo grupo.

Logo, ao se falar dos torcedores que se deseja formar na *barra* do Galo, essas questões assumem um papel primordial no imaginário dos torcedores.

Entretanto, há de se ter em mente que, por si só, elas não representam o diferencial que marca esses torcedores, visto que são elementos presentes de forma recorrente nos discursos de torcedores de futebol, sejam eles organizados ou não. Nesse sentido, as vivências junto ao grupo são fundamentais para a delimitação mais específica de um modo de torcer.

Vindos de famílias onde a paixão por essa equipe exerce um papel relevante nas interações entre as pessoas, a participação na *barra* do Galo pode ser vista como um instrumento utilizado para amplificar e ressignificar a expressão do sentimento de ser atleticano. Portadores de ideais e interesses em comum, os membros desse grupo se colocam como agentes ativos na (re)produção de um determinado modo de ser torcedor.

Com a expectativa de se apresentarem como seres apaixonados, dispostos a empurrar e a vibrar pelo Atlético em qualquer situação, encontram, no Movimento 105, um espaço propício para manifestar esses anseios. Nessa perspectiva, ao observar diferentes aspectos envolvidos na dinâmica de funcionamento dessa torcida, é possível identificar uma forma de organização e transmissão de conhecimentos, capaz de constituir um currículo próprio do Movimento 105 Minutos.

Dentre os elementos representativos desse artefato, faz-se necessário destacar as influências do ideal de aproximação a um modo de torcer característico de organizações torcedoras conhecidas como *barras* ou *hinchadas*, que se encontram tradicionalmente presentes em países da América Hispânica. Inseridas em contextos sociais e culturais distintos, a maior parte das proximidades existentes entre esses grupos ficam restritas aos comportamentos dos torcedores nas arquibancadas.

Desse modo, a inspiração nas *barras* se dá a partir de representações daquilo que os integrantes do Movimento 105 admiram nos grupamentos presentes em países vizinhos e que, ao mesmo tempo, se assemelham aos ideais que eles cultivam acerca do torcer. Tendo por base um ideal que prega a fidelidade e o apoio irrestrito ao time, o Movimento 105 Minutos utiliza das festas nos estádios para se consolidar como um grupo que se espelha em um modo de torcer expressado pelas *barras*. Composto por integrantes que vibram pelo Atlético durante os 105 minutos do jogo, a *barra* do Galo se apresenta como um espaço composto por indivíduos que (re)produzem esses saberes em suas manifestações como torcedores de futebol.

Para tanto, utilizam-se, primordialmente, de objetos, canções, gestos e comportamentos para marcar materializar essas expressões. Posicionando-se sempre em um

mesmo setor dos estádios onde o Atlético manda seus jogos, os integrantes dessa torcida ficam cercados por materiais que funcionam como elementos de identidade e identificação do grupo ao qual pertencem. Comumente chamados de patrimônios, esses objetos são representados pelas camisas, faixas, barras, bandeiras, bandeirolas, trapos e instrumentos musicais do Movimento 105.

Além de caracterizarem o espaço onde essa torcida fica nas arquibancadas, esses objetos produzem e veiculam significados sobre a *barra* atleticana e seu modo de torcer. Juntamente a eles, é preciso destacar o papel das músicas e da atitude dos membros dessa torcida na arquibancada, que também desempenham funções importantes na produção de sujeitos torcedores. Nesse sentido, as canções possuem ritmos semelhantes aos que são utilizados pelas *barras*, embalando mensagens onde os integrantes do Movimento 105 declaram o amor e o apoio incondicional dedicado ao Atlético.

Fora do ambiente dos estádios, é possível notar a presença de outros conteúdos importantes para a formação dos sujeitos junto ao Movimento 105. Por ser uma torcida que não possui um número tão grande de membros, o funcionamento e a existência da *barra* do Galo depende da dedicação e da proatividade de seus integrantes, que devem ter disposição para auxiliar o grupo naquilo que se fizer necessário.

Materializadas a partir de experiências e interações sociais, a transmissão desses ensinamentos, sejam eles dentro ou fora do estádio, é feita tanto de forma explícita, através de falas que dão vida àquilo que se espera dos torcedores, quanto por meio da observação e repetição de comportamentos valorizados pelo grupo. Entretanto, vale dizer que, em ambos os casos, há de se observar a presença desses torcedores em meio a discursos que dão sentidos às palavras enunciadas e às ações realizadas por seus integrantes.

Sendo assim, no que se refere aos significados envolvidos com esse modo de torcer, é notável a presença de pensamentos que visualizam as tarefas desempenhadas na torcida como meios para ajudar o Atlético. Definido como sendo a razão de existência do Movimento 105 Minutos, o Galo aparece como um importante motivo para a permanência desses indivíduos na torcida. Desse modo, participar ativamente das atividades do grupo é entendida como uma maneira de contribuir para o sucesso do clube e, conseqüentemente, comprovar o amor, o apoio e a fidelidade incondicional que eles têm pelo Clube Atlético Mineiro.

De modo adicional, é preciso ressaltar a existência de diferenças nas possibilidades que homens e mulheres têm de participar da torcida. Enquanto para eles a presença em ações que envolvem o futebol e o Movimento 105 são bem aceitas pela sociedade, para elas, poder

vivenciar esse esporte e integrar uma torcida organizada representam, dentre outras coisas, a demarcação de lutas pelo direito de ocupar determinados espaços.

Sendo assim, tendo em vista o que foi feito ao longo desse trabalho, vale destacar a necessidade de estudos que possam aprofundar em temas que apareceram durante o estudo, mas que não foram tratados de maneira específica. Sobre eles, cito o movimento das *barras* no Brasil, que tem crescido e angariado um número cada vez maior de membros. Com isso, nota-se a formação de grupos que têm um modo de torcer que se diferencia, em diversos pontos, daquele que caracteriza as torcidas organizadas brasileiras.

É importante, então, conhecer melhor esse movimento e suas implicações nas formas como a assistência do futebol nos estádios tem sido apropriada como uma vivência de lazer em nosso país. Para tanto, podem ser feitos estudos que procurem conhecer essas torcidas, suas relações, as interfaces com outros modos de torcer e comparações acerca dos ensinamentos que vigoram em diferentes grupamentos de torcedores.

De modo análogo, creio ser necessária a presença de investigações capazes de problematizar a política de acesso aos estádios, trazendo questionamentos acerca de aspectos relativos aos sujeitos que se apropriam desse espaço. Tal como mostrado no estudo, há diferentes modos de torcer sendo compartilhados nas arquibancadas de futebol, o que enseja reflexões sobre as convergências e os conflitos existentes nessas formas diversas de compreender uma mesma vivência de lazer.

Outro ponto que merece atenção de produções futuras, diz respeito à presença das mulheres como torcedoras de futebol, tanto dentro, quanto fora das torcidas organizadas. Mencionada em diferentes pontos desse trabalho, as dificuldades que as pessoas do sexo feminino ainda encontram no ambiente dos estádios e/ou das torcidas, dão abertura a um amplo leque de questões que merecem maior aprofundamento, visto que vão em direção a movimentos atuais (e necessários) voltados à igualdade de direitos das mulheres.

Por fim, vale dizer que, na medida em que o futebol representa uma vivência de lazer fruída e/ou desejada por milhões de brasileiros, atentar às questões que envolvem os torcedores dessa modalidade é uma questão essencial para lutar pelo acesso democrático às arquibancadas e às vivências de lazer. Para tanto, questões de renda/classe social, sexo/gênero, raça/etnia, orientação sexual e muitas outras devem ser levadas em consideração, a fim de que esse esporte seja um espaço inclusivo, que não faça qualquer tipo de distinção para abrigar qualquer tipo de cidadão/ã brasileiro/a.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. Estudos Culturais e Estudos de Gênero: estendendo os olhares. **Cadernos da Escola de Comunicação**. n. 4, p. 1-19, 2006.
- ALABARCES, Pablo; CONDE, Mariana; DODARO, Christian. **Hinchadas**. 2 ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. 239 p.
- ALABARCES, Pablo; ZUCAL, José Garriga; MOREIRA, Maria Verônica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 113-136, jul./dez. 2008.
- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez Editora – Autores Associados, 1980. 91 p.
- ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 33, p. 1-23, 2017.
- APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**. Trad. Vinicius Figueira. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 288 p.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio**. Orientador: Fernando Seffner. 2017. 342 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 29, 2013. p. 246-270.
- BAPTISTA, Maria Manuel (coord.). **Cultura: metodologias e investigação**. 1 ed., Coimbra: Grácio Editor, 2012a. 294 p.
- BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos Culturais: um campo gravitacional, uma tessitura intelectual. In: BAPTISTA, Maria Manuel (coord.). **Cultura: metodologias e investigação**. 1 ed., Coimbra: Grácio Editor, 2012b. p. 7-13.
- BAPTISTA, Maria Manuel. O quê e o como da investigação em Estudos Culturais. In: BAPTISTA, Maria Manuel (coord.). **Cultura: metodologias e investigação**. 1 ed., Coimbra: Grácio Editor, 2012c. p. 15-29.
- BECK, Dinah Quesada; GUIZZO, Bianca Salazar. Estudos culturais e estudos de gênero: proposições e entrelaces às pesquisas educacionais. **Holos**. Natal-RN, v. 4, n. 29, p. 172-182, 2009.
- BERGO, Renata Silva. **Quando o santo chama: o terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática**. Orientador: Marcio Goldman. 2011. 248 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Razón y Palabra**. Cidade do México, n.69, 2009.

CABECINHAS, Rosa. Investigar representações sociais: metodologias e níveis de análise. *In*: BAPTISTA, Maria Manuel (coord.). **Cultura: metodologias e investigação**. 1 ed., Coimbra: Grácio Editor, 2012c. p. 15-29.

CAVALCANTI, Everton Albuquerque; SOUZA, Juliano de; CAPRARO, André Mendes. O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil – elementos teóricos e bibliográficos. **Revista da ALESDE**. Curitiba, v. 3, n.1, p. 39-51, abr. 2013.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições Sobre Estudos Culturais**. 2 ed., 1ª reimp. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012. 188 p.

CONDE, Mariana. La invención del hincha en la prensa periódica. *In*: ALABARCES, Pablo; CONDE, Mariana; DODARO, Christian. **Hinchadas**. 2 ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. p. 21-36.

CORAZZA, S. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em educação. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 150 p.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis. Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. n.23, p. 36-61, 2003.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Orientador: Ruben George Oliven. 1998. 237 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**. n. 114, p. 197-223, 2001.

FLORÊNCIO, Ana Maria Gama; MAGALHÃES, Belmira; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva; CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. **Análise do discurso: fundamentos & práticas**. 1 ed., reimp. Maceió: EDUFAL, 2016. 131 p.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed., 3ª reimp. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 236 p.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 79 p.

FOUCAULT, Michel. Foucault. *In*: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 234-239.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 288 p.

FREITAS, Daniela Amaral da Silva. **Literatura infantil dos kits de literatura afro-brasileira da PBH: um currículo para ressignificação das relações étnico-raciais?**. Orientadora: Marlucy Alves Paraíso. 2014. 280 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

GIROUX, Henry; SIMON, Roger. Cultura Popular e Pedagogia Crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. *In*: MOREIRA, Antonio Flávio; Silva, Tomaz Tadeu da (orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez Editora, 2002. p. 93-124.

GOMES, Christianne Luce; AMARAL, Maria Teresa Marques. **Lazer e Cultura: Metodologia da Pesquisa Aplicada ao Lazer**. Brasília: UniSesi, 2005. 89 p.

GOODSON, Ivor Frederick. **Currículo: teoria e história**. 3 ed., Petrópolis: Vozes, 1999. 140 p.

GRABIA, Gustavo. **La Doce: a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo**. Trad. Renato Rezende. São Paulo: Panda Books, 2012. 208 p.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. Educação ambiental nas pedagogias do presente. **Em aberto**. Brasília, v. 27, n. 91, p. 123-134, jan./jun. 2014.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e realidade**. v. 22, n. 2, p. 15-46, jul/dez. 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. 11 ed., 1ª reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 104 p.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

LOPES, Alice Casimiro. Teorias pós-críticas, política e currículo. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 39, p. 7-23, 2013.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. **Revista Espaço Acadêmico**. v. 9, n. 104, jan. 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. 1 ed., Petrópolis: Vozes, 2007. 140 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3 ed., São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003. 192 p.

MAKNAMARA, Marlécio. **Currículo, música e gênero: o que ensina o forró eletrônico?**. Orientadora: Marlucy Alves Paraíso. 2011. 151 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

MASCARENHAS, Gilmar. “Não vai ter arena”: futebol e direito à cidade. Rio de Janeiro, **Advir**, n. 32, p. 24-38, jul. 2014.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Trad.: Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar – Raça Rubro-Negra!**: uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MOREIRA, María Verónica. Trofeos de guerra y hombres de honor. *In*: ALABARCES, Pablo; CONDE, Mariana; DODARO, Christian. **Hinchadas**. 2 ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. p. 75-89.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 1 ed. Campinas: Pontes, 2000. 100 p.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A produção do currículo na televisão: que discurso é esse? **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 141-160, jan./jun. 2001.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo, Desejo e Experiência. **Educação & Realidade**. v. 34, n. 2, p. 277-293, maio/ago, 2009.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Diferença no currículo. **Cadernos de Pesquisa**. v. 40, n. 140, p. 587-604, maio/ago, 2010.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em Perspectiva**. v. 14, n. 2, p. 122-128, 2000.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Com a palavra o senhor Presidente Sarney**: ou como entender os meandros da linguagem do poder. São Paulo: Hucitec, 1989. 193 p.

PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo; GARBIN, Elisabete Maria. Culturas juvenis assembleianas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 33, p. 1-27, 2017.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. “Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação”. *In*: DAOLIO, Jocimar (org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 105-130.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e Sociedade**: as manifestações da torcida. Orientador: Nelson Carvalho Marcellino. 1998. 127 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

RIBEIRO, Márden de Pádua. Teorias críticas e pós-críticas: pelo encontro em detrimento do radicalismo. **Movimento Revista de Educação**, v. 3, n. 5, p. 284-317, 2016.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos feministas**, v. 9, n.1, p. 9-21, 2001.

SALES, Shirlei Rezende. **Orkut.com.escol@**: currículos e ciborguização juvenil. Orientadora: Marlucy Alves Paraíso. 2010. 230 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SCHMIDT, Saraí; PETERSEN, Michele. Mídia, escola e cultura infantil – a pedagogia do consumo em operação. *In*: KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber (orgs.). **Estudos Culturais & Educação**: contingências, articulações, aventuras, dispersões. 1 ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2015. p. 115-129.

SILVA JÚNIOR, José Aelson. **Pedagogia do armário**: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais. Orientador: Silvio Ricardo da Silva. 2018. 160 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de Oliveira; PRAÇA, Gibson Moreira; AUGUSTO, Izabela Guimarães; SILVA, Tiago Felipe da; GOMES, André Silveira. Torcedores organizados em Belo Horizonte. *In*: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de Oliveira; SILVA, Tiago Felipe da. **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 261 p.

SILVA, Silvio Ricardo da. **Tua imensa torcida é bem feliz...** da relação do torcedor com o clube. Orientador: Nelson Carvalho Marcellino. 2001. 130 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed., Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed., 5ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 156 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação** – um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 128 p.

SOARES, Flávia Cristina. **Cultura desviante e juventude**: a torcida organizada como instrumento de domínio territorial. Orientador: Renan Springer de Freitas. 2018. 153 f. Tese (Doutorado em Sociologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SOUZA, Adriano Lopes de. **Aliança entre torcidas organizadas**: análise a partir da união estabelecida entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem. Orientador: Silvio Ricardo da Silva. 2018. 75 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **Do Prado ao Mineirão**: a história dos estádios na capital inventada. Orientador: Silvio Ricardo da Silva. 2017. 244 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

STEINBERG, Shirley R. Produzindo múltiplos sentidos – pesquisa com bricolagem e pedagogia cultural. *In*: KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber (orgs.). **Estudos Culturais & Educação**: contingências, articulações, aventuras, dispersões. 1 ed., Canoas: Editora da ULBRA, 2015. p. 211-241.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas. Orientadora: Maria Rosilene Barbosa Alvim. 1998. 189 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados / Anpocs, 1996. 176 p.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3 ed., 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 160 p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 32-48, jan./abr. 2015.

ZUCAL, José Garriga. Amistades entre hinchadas: violência, masculinidade y vínculos de amistad de un grupo de simpatizantes del fútbol argentino. **Revista digital**, Buenos Aires, v. 8, n. 55, dez. 2002. Disponível em: < <https://www.efdeportes.com/efd55/hinchada.htm>> Acessado em: 22 jun. 2019.

ZUCAL, José Garriga. Pibitos choros, fumancheros y con aguante: el delito, las drogas y la violencia como mecanismos constructores de identidade en una hinchada del fútbol. *In*: ALABARCES, Pablo; CONDE, Mariana; DODARO, Christian. **Hinchadas**. 2 ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006a. p. 39-58.

ZUCAL, José Garriga. “Soy Macho porque me la aguanto”: etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino. *In*: ALABARCES, Pablo; CONDE, Mariana; DODARO, Christian. **Hinchadas**. 2 ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006b. p. 59-72.

APÊNDICE I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa: O LAZER ENTRA EM CAMPO: COMPREENSÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES TORCEDORAS

O Sr. (ª) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa **O LAZER ENTRA EM CAMPO: COMPREENSÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES TORCEDORAS**, do mestrando Mauro Lúcio Maciel Júnior e coordenada pelo pesquisador responsável Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama, ambos do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais.

A pesquisa tem por objetivo: compreender o processo de formação da identidade torcedora de uma determinada torcida organizada de futebol. Para isso, serão buscados entendimentos acerca dos saberes e valores difundidos no interior da torcida, da forma como esses elementos são compartilhados pelos membros do grupo, além do conhecimento sobre o perfil dos torcedores e os elementos caracterizadores que os distinguem como membros da referida torcida.

Esse estudo se justifica pelo fato de as torcidas organizadas de futebol constituírem um elemento importante no cenário futebolístico brasileiro, haja vista o contingente de pessoas que elas agregam e as influências que geram na dinâmica social, tanto dentro, quanto fora dos estádios esportivos. De modo geral, é possível dizer que as vivências desenvolvidas em decorrência da participação em uma dessas torcidas constituem um momento de lazer para os membros do grupamento, possuindo um potencial formativo, que se relaciona à construção de um determinado modo de ser e de se manifestar como torcedor de futebol. Assim, o presente trabalho poderá contribuir para que haja um aprofundamento nos conhecimentos acerca dos processos formativos presentes nas práticas culturais, notadamente naquelas vivenciadas em momentos de lazer.

Assim esclarecemos que podemos previamente prever os riscos de exposição e conseqüente desconforto do voluntário resultantes do processo de entrevista, dessa forma os entrevistados devem ficar à vontade para participar da pesquisa. Asseguramos total liberdade aos entrevistados que poderão recusar a participar ou mesmo retirar seu consentimento sem qualquer tipo de ônus para ambas as partes envolvidas (pesquisado e pesquisadores) em qualquer momento.

Para a coleta de dados utilizaremos entrevistas semiestruturadas com os membros da torcida organizada escolhida. As entrevistas serão gravadas, transcritas e analisadas para os fins desse estudo como fonte de informações. As gravações das entrevistas serão arquivadas por

aproximadamente 2 anos e ficarão sob a responsabilidade do pesquisador. As entrevistas serão realizadas pessoalmente pelo mestrando que irá ao encontro do entrevistado torcedor, no local que este indicar para a realização da mesma. É previsto que a duração das entrevistas compreenda um período entre 30 e 40 minutos. Comprometemos garantir o anonimato e o sigilo absoluto no tratamento das informações que só serão disponibilizadas para os envolvidos nessa pesquisa. Os entrevistados serão identificados apenas por um número ou nome fictício e suas identidades não serão reveladas publicamente. A coleta de dados se iniciará após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais.

Esclarecemos que todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade do pesquisador, sendo que não haverá qualquer forma de remuneração financeira para os voluntários. Assumimos o dever de tornar público o resultado desta pesquisa e reiteramos nossa disponibilidade na prestação de esclarecimentos, em qualquer etapa do estudo.

Rubrica Pesquisador

Rubrica Membro da Torcida

Disponibilizamos-nos através do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Oricolé – laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte - MG, (31) 3409-2337 e divulgamos os dados do Comitê de Ética da UFMG (COEP) para esclarecimentos estritamente relacionados às dúvidas de ordem ética: Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005 - telefone (31) 3409-4592. E com os endereços eletrônicos: Mauro Lúcio Maciel Júnior: maurolmj9@hotmail.com e Helder F. Isayama: helderisayama@yahoo.com.br

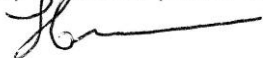
O Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) segue em duas vias, sendo uma cópia para o entrevistado voluntário e uma cópia para o pesquisador.

Esclarecemos também que não haverá qualquer publicação de imagem dos participantes das atividades e nem dos entrevistados envolvidos nessa pesquisa.

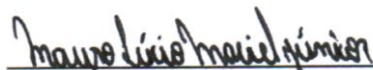
Assim, se você entendeu a proposta da pesquisa e concorda em ser voluntário favor assinar o protocolo abaixo dando o seu consentimento formal.

Desde já, agradecemos pela compreensão e voluntariedade.

Responsáveis pela Pesquisa



Prof. Dr. Hélder F. Isayama
Professor Orientador da pesquisa



Mauro Lúcio Maciel Júnior
Aluno do Programa de Mestrado

**Eu, _____, RG nº _____
declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de
pesquisa acima descrito.**

Assinatura do membro da torcida

_____, ____ de _____ de 2018.

APÊNDICE II

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

I – APRESENTAÇÃO:

Este roteiro será utilizado como instrumento para o registro de percepções acerca de fatores ambientais e comportamentais observados no decorrer de uma das etapas do estudo de mestrado intitulado “O LAZER ENTRA EM CAMPO: COMPREENSÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES TORCEDORAS”. O objetivo de sua utilização é fazer com que os dados aqui registrados possam contribuir para a compreensão do processo de constituição da identidade torcedora de uma determinada torcida organizada da cidade de Belo Horizonte-MG.

Para isso, as observações ocorrerão, de forma primordial, nos estádios de futebol da cidade de Belo Horizonte, durante as partidas em que o Clube Atlético Mineiro atuar como mandante, no segundo semestre do ano de 2018. Há, também, a possibilidade de que observações sejam feitas em outros momentos de encontro dos membros da torcida estudada.

II – IDENTIFICAÇÃO:

a) Pesquisador responsável:

b) Data da observação:

c) Horário de início da observação:

d) Horário de término da observação:

e) Local da observação:

f) Número aproximado de pessoas observadas:

g) Observações adicionais:

III – OBSERVAÇÕES DO AMBIENTE:

a) Descrição do local da observação:

b) Descrição dos membros da torcida presentes:

- Quantidade aproximada;
- Disposição espacial dos membros;
- Sexo;
- Idade.

c) Descrição do público presente no local da observação:

- Quantidade aproximada de pessoas;
- Disposição espacial das pessoas;
- Sexo;
- Idade.

d) Descrição da ocasião vivenciada no dia da observação:

- **Descrever a importância da partida de futebol observada ou a natureza motivadora do evento que proporcionou o encontro com o grupo estudado.**

e) Observações adicionais:

IV – OBSERVAÇÕES DO COMPORTAMENTO:

a) Descrição sobre as interações dos membros da torcida com o espaço da observação:

- Familiaridade com o local;

- Sensação de pertencimento ao local;
- Cuidado com o local;

b) Descrição sobre as interações dos membros da torcida entre eles próprios:

- Meios de comunicação (exs.: descrever as comunicações verbais e não verbais);
- Momentos de estabelecimento e de quebras comunicativas;

c) Descrição sobre as interações dos membros da torcida com as demais pessoas presentes no ambiente:

- Meios de comunicação (exs.: descrever as comunicações verbais e não verbais);
- Momentos de estabelecimento e de quebras comunicativas;

d) Percepções acerca das ações dos membros da torcida durante a observação:

- Postura típica;
- Ritmo do movimento;
- Características dos gestos;
- Tom de voz;

e) Percepções acerca das ações das demais pessoas presentes no espaço de observação:

- Postura típica;
- Ritmo do movimento;
- Características dos gestos;
- Tom de voz;

f) Observações adicionais:

APÊNDICE III

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I – APRESENTAÇÃO:

Este roteiro será utilizado como instrumento para o registro de falas de torcedores membros de uma torcida organizada da cidade de Belo Horizonte-MG, acerca das impressões desses indivíduos sobre sua participação e pertencimento à torcida. Tal procedimento constitui uma das etapas do estudo de mestrado intitulado “O LAZER ENTRA EM CAMPO: COMPREENSÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES TORCEDORAS”. O objetivo da realização das entrevistas é fazer com que os dados aqui coletados possam contribuir para a compreensão do processo de constituição da identidade torcedora compartilhada pelos membros da torcida estudada.

Para isso, as entrevistas ocorrerão com a coleta de depoimentos tanto dos torcedores mais frequentes e dotados de posição de liderança dentro do grupo, quanto daqueles com participação em um menor número de jogos e/ou possuidores de menos representatividade na torcida, a fim de verificar os encontros e desencontros presentes nas falas de indivíduos que compartilham determinada experiência de torcer, a partir de perspectivas diversas de apropriação. A efetivação dessa etapa do estudo será feita com agendamento prévio e em lugares escolhidos pelos entrevistados.

II – IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

a) Nome:

b) Sexo: () Masculino () Feminino

c) Data e horário:

d) Formação acadêmica do entrevistado:

d) Ocupação do entrevistado:

e) Data de nascimento:

II – ENTREVISTA:

- a) Fale um pouco de sua relação com o futebol e de sua trajetória como torcedor do Clube Atlético Mineiro.
- b) Há quanto tempo você faz parte do Movimento 105, como e por quais motivos se deu sua entrada no grupo?
- c) O que te motiva a permanecer como membro dessa torcida?
- d) Fale sobre como você enxerga a sua participação dentro do Movimento 105. Quais papéis você exerce dentro da torcida?
- e) Como você vê a relação entre os membros do grupo? É a mesma noção que você tem da relação que você estabelece com eles?
- f) Como se dá a relação do Movimento 105 com os demais torcedores do Clube Atlético Mineiro? E com as outras organizadas?
- g) O que significa para você fazer parte de uma torcida com inspiração nas *barras bravas* argentinas?
- h) Você acredita que essa inspiração cria diferenças no modo de torcer do Movimento 105 em relação aos demais torcedores? Se sim, quais? Se não, por quê?
- i) Quando você entrou no grupo, você teve algum estranhamento em relação ao modo de torcer praticado pelos membros do Movimento 105?
- j) Fale sobre suas impressões iniciais sobre essa torcida e sobre como foi o processo até você conseguir se sentir realmente parte desse grupo?
- k) O que você acha das músicas do Movimento 105?

l) Fale sobre a relação que você possui com os elementos distintivos do grupo (símbolo, barras, bandeiras – bandeirão e bandeirolas –, músicas).

m) Como você aprendeu o significado e a importância de cada um desses elementos para o grupo que você faz parte?

n) O que significa para você fazer parte de uma torcida organizada? Como as pessoas ao seu redor costumam enxergar isso?

o) O que você considera necessário para que alguém faça parte do Movimento 105?

p) Para você, o que representa fazer parte dessa torcida?